

Editora ABRIL
edição 2914 - ano 57 - nº 41
11 de outubro de 2024



veja

www.veja.com



O RECADO DAS URNAS

Resultados das eleições frustram a esquerda, criam novos problemas para o governo Lula e fazem partidos reavaliarem estratégias para 2026

Crédito Bradesco.

Dinheiro na hora em 3 cliques.

O app faz tudo, só não sabe latir.



SIMULE
AGORA
MESMO.



Crédito sujeito a disponibilidade e demais condições do produto.
Fone Fácil Bradesco: 4002 0022/0800 570 0022
SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933


bradesco



Recycle

Desengaveta.

Traga seu lixo eletrônico
para uma das lojas Vivo
e abra espaço para
um **Futuro Vivo.**

vivo



Saiba mais sobre
os compromissos
da Vivo com
as pessoas
e o planeta.

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

VENDAS

www.assineabril.com.br

WHATSAPP: (11) 3584-9200

TELEFONE: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

**Vendas corporativas, projetos
especiais e vendas em lote:**
assinaturacorporativa@abril.com.br

**Atendimento exclusivo para
assinantes:**
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br



EDIÇÕES ANTERIORES

Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos de
reprodução de textos e
imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR

e-mail: publicidade@abril.com.br

NA INTERNET

www.veja.com

TRABALHE CONOSCO

https://talentosabril.vagas.solides.
com.br

EDITORA  **Abril**

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA
(1907-1990)

ROBERTO CIVITA
(1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Maurício Lima

veja

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz

Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe
Editores: Alessandro Giannini, André Afetian Solitto, Diogo Massaine Sponchiato, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Sergio Roberto Vieira Almeida
Editores-assistentes: Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laís de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Val de Carvalho Gil, Ramiro Brites Pereira da Silva, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara **Sucursais:** **Brasília** — **Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola **Rio de Janeiro** — **Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Amanda Péchy, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima, **Estagiários:** Gisele Correia Ruggero, Julia Sofia Silva, Leticia Viana Gabriel de Souza Yamakami, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Mariana Carneiro de Souza, Marília Monitchele Macedo Fernandes, Paula de Barros Lima Freitas, Sara Louise França Salbert, Thiago Gelli Carrascoza **Arte** — **Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia** — **Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial** — **Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartzman, Cristovam Buarque, Fernando Schüller, José Casado, Lucília Diniz, Mailson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcy Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

CO-CEO Francisco Coimbra, **VP DE PUBLISHING (CPO)** Andrea Abelleira, **VP DE TECNOLOGIA E OPERAÇÕES (COO)** Guilherme Valente, **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO, LOGÍSTICA E CLIENTES** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **GERENTE-EXECUTIVA DE PROJETOS** ESPERANÇA Juliana Cidias

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 914 (ISSN 0100-7122), ano 57, nº 41. **VEJA** é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC

GoRead

SIP

GRUPO  **Abril**

www.grupoabril.com.br

ROBERTO CASIMIRO/FOTOARENA



BETO BARATA/PL



À DIREITA Nunes, com Tarcísio de Freitas, e Valdemar Costa Neto, do PL: avanços entre o eleitorado conservador

PARA ONDE CAMINHA O PAÍS

CONHECIDO POR SUA INTELIGÊNCIA e pelas tiradas impagáveis, Roberto Campos cunhou uma expressão para ironizar as desculpas dadas depois de um determinado fracasso. Para o economista e diplomata (1917-2001), de acordo com essa narrativa, a derrota é apenas uma questão de “sucesso mal explicado”. Com o mesmo



espírito negacionista, membros do governo federal saíram a campo após a realização do primeiro turno das eleições fazendo um esforço para reinterpretar o resultado. Para eles, a esquerda, ou seja, o PT e os partidos aliados, teve um “crescimento significativo”. Segundo os círculos políticos não contaminados pelo viés governista e os analistas independentes, houve de fato uma escalada, só que na direção contrária.

É inegável o avanço da direita no país, conclusão que se sustenta por uma série de evidências. No segundo turno, em algumas capitais, ambos os finalistas estão nesse campo, a exemplo de Curitiba, onde a vitória será decidida entre Eduardo Pimentel (PSD) e Cristina Graeml (PMB). Cinco dos seis partidos que mais elegeram prefeitos no primeiro turno são de centro-direita ou direita. Siglas como o PL, de Valdemar Costa Neto, estão entre as que obtiveram um expressivo crescimento. Trata-se de um reflexo direto de uma inclinação que vem se acentuando nos últimos anos, fruto de um eleitorado mais conservador.

O tamanho dessa onda não significa que a batalha para 2026 está resolvida, com as forças de esquerda fora do páreo. Esse campo mostrou força em locais como Rio de Janeiro, onde a reeleição de Eduardo Paes (PSD) ocorreu dentro de uma aliança com o PT. A sigla disputa ainda o segundo turno em São Paulo, ao lado de Guilherme Boulos (PSOL), nome bancado pelo presidente Lula. Boulos tem pela frente a difícil missão de superar o prefeito Ricardo

Nunes (MDB), mas uma eventual vitória da esquerda na cidade terá um impacto enorme no xadrez político.

Embora tenha muito que comemorar, a própria direita enfrenta também desafios, que vão além da conquista de outras vitórias no segundo turno. A ascensão de novos personagens, cujo exemplo máximo foi Pablo Marçal (PR-TB) em São Paulo, escancara de vez as possibilidades de divisão num campo em que parecia haver somente uma única liderança, a do ex-presidente Jair Bolsonaro. O conjunto de matérias especiais desta edição, que começa na reportagem “O recado das urnas”, traz análises das questões principais levantadas pelo pleito e bastidores das movimentações desencadeadas após a divulgação dos resultados. Até aqui, felizmente, exceto as agressões e baixarias vistas em alguns debates, com destaque para o episódio da cadeirada em São Paulo, as eleições transcorreram dentro da normalidade. Esse saudável exercício democrático sempre traz ao país a esperança de mudanças para melhor. Que elas sejam efetivas e contrariem a sina de um Brasil que não perde a oportunidade de perder oportunidades, outra frase famosa de Roberto Campos. ■

BOA VISTA VILLAGE

GOLF · SURF · TÊNIS · EQUESTRE · TOWN CENTER



FOTO REAL DA PRAIA PRIVATIVA DO BOA VISTA VILLAGE SURF CLUB

O EMPREENDIMENTO ÚNICO COM AMENITIES INÉDITOS E A EXCELÊNCIA JHSF JÁ É REALIDADE.

Reúne lotes exclusivos a partir de 2.500 m², além dos **Grand Lodge Residences**, **Surfside Residences**, **Golf Residences** - com unidades para locação, **Village Houses** e escritórios no **Family Offices**, com os seguintes amenities:

**CAMPO DE GOLFE
COM 18 BURACOS**



**CLUB DE SURF COM
PISCINA PERFECTSWELL®**



**TOWN CENTER COM
LOJAS E RESTAURANTES**



**SPA INTERNACIONAL
E ACADEMIA**



**CENTRO EQUESTRE COM
PICADEIRO COBERTO**



**CENTRO DE TÊNIS
E PICKLEBALL**



JHSF
SURPREENDENTE

SAIBA MAIS



VISITE O SHOWROOM • VENDAS: 11 3702.2121 • 11 97202.3702 • atendimento@centraldevendasfbv.com.br

Aviso Legal: O presente se refere aos loteamentos e às incorporações do Boa Vista Surf Lodge, do Boa Vista Golf Residences, do Grand Lodge Hotel & Residences, do Surfside Residences e do Village Family Offices registradas no RGI de Porto Feliz/SP e a futuros lançamentos da JHSF. Os projetos e memoriais de incorporação ou de loteamento dos futuros empreendimentos estão sujeitos à respectiva aprovação pela Prefeitura de Porto Feliz/SP e demais órgãos competentes e ao registro nas matrículas dos imóveis. As amenities referentes à piscina para prática de surf, ao spa, ao equestre e aos clubes de tênis, esportivo e de golfe não integrarão os futuros lançamentos e/ou as incorporações já registradas. O uso de tais amenities será feito de acordo com as regras previstas na Convenção de Condomínio de cada incorporação imobiliária, no Estatuto Social da Associação Boa Vista Village já constituída e nos regulamentos específicos. A JHSF poderá desistir do lançamento dos futuros empreendimentos. As ilustrações, fotografias, perspectivas e plantas deste material são meramente ilustrativas e poderão sofrer modificações a critério da JHSF e/ou por exigência do Poder Público. O memorial de incorporação ou do loteamento e o instrumento de compra e venda prevalecerão sobre quaisquer informações e dados constantes deste material. Intermediação comercial pela Conceito Gestão e Comercialização Imobiliária Ltda. CRECI 029841-J. Telefones (11) 3702-2121 e (11) 97202-3702.



RICARDO PRADO

“AQUI NÃO TEM OUTSIDER”

Segundo um dos campeões nacionais de votos, o prefeito de Salvador, eleitor premiou políticos com boas gestões, ideologia não mata fome e é preciso construir alternativa a Lula em 2026

VICTORIA BECHARA

O PREFEITO DE SALVADOR, Bruno Reis (União Brasil), saiu da eleição do último domingo, 6, como um dos campeões nacionais das urnas, ao ser reeleito com 79% dos votos válidos, impondo uma dura derrota ao PT, que governa o estado há cinco mandatos, e se firmando como uma das novas lideranças da centro-direita no país. Sua relação com a política começou cedo. Formado em direito, foi assessor do então deputado federal ACM Neto, que se tornou seu padrinho político. Em seguida, conseguiu uma vaga de deputado estadual em 2010, mandato que renovou em 2014. Dois anos depois, foi vice-prefeito na chapa vitoriosa do aliado. No pleito seguinte, em 2020, chegou à prefeitura com 64% da preferência do eleitor. Com o mandato renovado e aprovação de quase 80% da população, Reis se cacifa para voos maiores no futuro. “É natural que eu passe a sonhar novos sonhos, de um dia ser senador, ser governador”, afirma, tomando o cuidado de ressaltar que ACM Neto está à frente na fila pela disputa do estado em 2026.

Em entrevista a VEJA, o prefeito fala sobre a relação com o carlismo, corrente política liderada por décadas pelo ex-senador Antonio Carlos Magalhães na Bahia, critica a gestão estadual de Jerônimo Rodrigues (PT) na segurança e apoia a candidatura do governador de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil), ao Palácio do Planalto. Ele diz que a oposição precisa construir uma alternativa a Lula e avalia que se manter longe do petismo e do bolsonarismo o

ajudou na performance eleitoral, na sua trajetória política e na aprovação de sua gestão. “A Bahia foi o único estado, talvez, em que não surgiu um outsider na política. Aqui as pessoas votam e reconhecem quem trabalha, quem tem história”, declara.

Partidos como União Brasil, PSD, PP, Republicanos e PL saíram fortalecidos das urnas em todo o Brasil em 2024. A que o senhor atribui o bom desempenho dos partidos à direita nas eleições? No nosso caso, deixamos claro para o eleitor que não éramos nem de direita, nem de esquerda. A ideologia e as questões partidárias não vão matar a fome de ninguém, não vão resolver os problemas das pessoas e da cidade. O que resolve é o trabalho. Aqui, todos os grupos

“A Bahia é campeã da violência e do desemprego, tem a pior educação do Brasil, e metade da população vive abaixo da linha da pobreza. É óbvio que as pessoas querem mudar essa realidade”

políticos já tiveram oportunidade de governar a cidade, e o eleitor faz uma comparação de quem entrega mais. Desassociada de qualquer interferência de líderes, a população escolheu o prefeito que estava mais preparado, que tinha o melhor currículo e mais capacidade de entrega. Foi justamente isso que me permitiu ter uma votação histórica, transcendendo os percentuais que nosso grupo alcançava. A decisão em Salvador foi fora do campo da política, mas dentro da razão, do que era melhor para o presente e o futuro da cidade.

Mas o senhor está se referindo a Salvador. Pensando na Bahia e na região Nordeste como um todo, não acha que houve influência da ideologia ou de lideranças nacionais?

A Bahia foi o único estado, talvez, em que não surgiu um outsider na política. Aqui as pessoas votam e reconhecem quem trabalha, quem tem história. A eleição municipal é uma eleição isolada, diferente da estadual, que acaba tendo influência nacional. A população sabe qual é o papel do prefeito, que é cuidar dela no dia a dia, garantindo o funcionamento da cidade. Justamente por isso que vimos nos grandes municípios do Brasil a escolha ser dissociada das questões de alinhamento partidário. Aqui sepultamos esse discurso de que o prefeito tem que ser do mesmo partido do governador e do presidente. É um discurso ultrapassado, que não tem mais aderência para as pessoas. A grande demonstração foi o resultado da minha eleição.

Embora a Bahia seja um reduto do PT, o partido foi derrotado em Salvador nos últimos anos. O que explica isso? A eficiência administrativa. Nas nossas gestões, a cidade teve a oportunidade de experimentar uma nova forma de governar, em que destinamos os recursos para as áreas mais pobres e mais carentes da cidade. Esses investimentos promoveram avanços expressivos que melhoraram efetivamente a vida das pessoas em todas as áreas. Não há cidade no país que tenha se transformado tanto nos últimos anos quanto Salvador. Havia uma boa disputa sobre quem faz mais entre prefeitura e governo do estado, um forçando o outro a trabalhar.

E essa disputa continua? Espero que somente nos próximos dois anos. Que, a partir de 2027, a prefeitura possa trabalhar alinhada com o governo estadual.

O carlismo foi um grupo político influente por décadas, até ser derrotado pelo PT em 2006. O senhor se considera parte dessa corrente? Eu me formei nessa escola, comecei ainda muito jovem. Uma escola que formou grandes gestores. Não tem homem público que tenha servido tanto ao seu estado como Antonio Carlos Magalhães. Mas não tenho dúvidas que hoje temos uma outra visão. Temos a exata noção da realidade atual e fazemos uma política moderna, com base na eficiência, investindo os recursos nas áreas mais pobres. O maior programa social de qualquer governo é crescimento econômico, desenvolvimento, geração de emprego e

renda. E, a partir dessa premissa, nós desenvolvemos a cidade que governamos com outros pensamentos e perspectivas.

O carlismo tem força para disputar novamente o governo contra o PT? Eu falaria em renovação da política, novos quadros públicos, diria que depois de vinte anos existe uma fadiga de material, um cansaço. A Bahia tem problemas estruturais. É a campeã nacional da violência e do desemprego. É o estado que tem a pior educação do Brasil e onde, infelizmente, mais da metade da população vive abaixo da linha da pobreza. É óbvio que as pessoas querem mudar essa realidade. Em uma eleição estadual, por mais que tenha a influência nacional, o peso da máquina pública, uma hora o desejo de experimentar outra forma de governar vai ser majoritário. Isso está bem próximo de ocorrer, e nós vamos vencer as eleições de 2026.

Pretende disputar o comando do estado daqui a dois anos ou vai apoiar ACM Neto? Sou candidato a fazer de Salvador a melhor cidade do Brasil. Tenho apenas 47 anos de idade. Tudo tem o seu tempo, é o tempo de Deus. Sei que, depois que fizer um grande trabalho como prefeito, me credenciarei a voos maiores na política. Meu candidato a governador é ACM Neto. Essa decisão depende dele e, sendo concorrente, terá todo o meu apoio. Ele foi candidato na eleição passada, não venceu por muito pouco, continua trabalhando e tem tudo para ser o próximo governador.

Mas o senhor tem a intenção de ser candidato a governador no futuro? Tenho sim. Depois que eu concluir o meu mandato, é natural que a gente passe a sonhar novos sonhos, de um dia ser senador, ser governador. Mas tenho consciência, muita humildade e o pé no chão, ainda mais depois dessa expressiva votação, que aumenta a expectativa das pessoas. Quero realizar um grande segundo mandato, fazer melhor do que foi o primeiro. Esse é meu foco agora.

A Bahia, e por extensão Salvador, convive com o crescente problema da violência e da presença do crime organizado. O que acha que pode ser feito? O maior problema é a briga das facções pelo controle de áreas para o tráfico de drogas e de armas. Todo mundo sabe que não é o prefeito quem comanda a polícia. A prefeitura não tem força de segurança e nem expertise para esse enfrentamento. Temos

“O desafio de quem for candidato em 2026, para enfrentar o grupo que hoje comanda o país, é construir uma ampla aliança e apresentar uma alternativa de poder aos brasileiros”

adotado uma série de ações com a guarda municipal, implantação de rondas, câmeras de monitoramento em diversas áreas da cidade. No Centro Histórico, praticamente assumimos a questão da segurança. A gente se coloca inteiramente à disposição do governo do estado para trabalhar de mãos dadas. Infelizmente, eles perdem essa guerra contra o crime organizado. Diante da incapacidade do governo estadual, estamos tendo que assumir cada vez mais responsabilidades fora das nossas atribuições.

Qual será a prioridade no novo mandato? Minha bandeira é a educação. Eu sei da importância da educação na vida das pessoas, da capacidade de mudar o presente e o futuro da nossa cidade. Fizemos investimentos expressivos e meu compromisso para os próximos quatro anos é ampliar ainda mais. Minha meta é levar Salvador para as primeiras posições do Ideb no Brasil. Vamos continuar construindo grandes escolas de alto padrão para que as crianças se sintam até melhor ali do que em suas casas.

Na sua avaliação, qual é o principal problema da cidade hoje? O transporte público, que está quebrado. Já estava em crise por conta da pandemia, colapsou. Nós, prefeitos, estamos tendo que pagar a diferença da tarifa fazendo subsídio. Precisamos adquirir mais ônibus. Com isso, teremos condições de ofertar mais linhas, fazendo com que o passageiro espere menos tempo no ponto e que os ônibus possam cir-

cular mais vazios nos horários de pico. Também teremos outros modais de transporte, como o teleférico que a prefeitura vai implantar no subúrbio. E espero que o governo do estado tenha condições de tirar o VLT do papel. Com esse sistema funcionando de forma integrada, vamos ter um transporte público mais eficiente.

O senhor teve o apoio do PL na eleição, mas evitou uma associação direta com Bolsonaro. Teve medo da rejeição? Eu já tive o apoio do PL em 2020, mantive os apoios que tive na minha primeira eleição. O presidente do partido aqui, João Roma, é um grande parceiro. Eu disse claramente que queria o apoio do povo da minha cidade, que eu não estava em busca do apoio de autoridades, de poderosos. Enquanto meus adversários estavam brigando para ver quem era o candidato de A ou B, eu queria ser o candidato da população. E consegui ser. Enquanto muitos estão brigando nas redes sociais, estão discutindo ideologias, eu estou trabalhando.

A fusão do DEM com o PSL, que deu origem ao União Brasil, teve um período de muitas turbulências. Isso foi superado? O partido comemorou três anos no dia 6, com grandes vitórias no primeiro turno e com disputas importantes no segundo, das quais esperamos sair vitoriosos. Não existe qualquer outro problema interno. As questões do passado foram todas superadas. O partido está extremamente unido em torno do presidente Antonio Rueda. Saímos das urnas

maiores do que entramos. E temos certeza que estaremos ainda muito mais fortes para 2026.

O União Brasil tem ministérios no governo Lula, mas ensaia uma candidatura ao Planalto em 2026, com Ronaldo Caiado. Acha que o partido deve ter candidato próprio? Eu defendendo a pré-candidatura do melhor governador do Brasil, Ronaldo Caiado. Ele tem um case de sucesso no enfrentamento da questão da segurança, que é o maior problema do Brasil hoje. O modelo de Goiás pode ser replicado para todo o país. É, sem sombra de dúvidas, um quadro extremamente qualificado. É o nome do nosso partido, vamos trabalhar esse nome e, sendo candidato, ele terá todo o nosso apoio. Não sendo, a gente vai decidir que posição tomar, mas no momento certo.

Caiado já disse que quer o apoio de Bolsonaro. Nomes de outros partidos também querem esse apoio, como os governadores Tarcísio de Freitas, Ratinho Jr., Romeu Zema. O senhor acha que há espaço para a direita fora do bolsonarismo na disputa nacional de 2026? Não tenho dúvidas. Ainda mais o ex-presidente não sendo candidato. O nome que representar e que aglutinar todas essas outras forças será extremamente competitivo, com chances reais de vitória. O desafio de quem for candidato em 2026, para enfrentar o grupo que hoje comanda o país, é unir todos esses nomes, construir uma ampla aliança e apresentar uma alternativa de poder para os brasileiros em 2026. ■

veja APRESENTA



F Ó R U M

TRANSIÇÃO ENERGÉTICA

**OPORTUNIDADES DO BRASIL NA
MUDANÇA PARA A ENERGIA VERDE**

O Brasil está no centro da maior transformação energética do século.
Junte-se a especialistas, investidores e líderes do setor e descubra
como o país pode liderar esse movimento

QUANDO?

21 de outubro

NOVA DATA

a partir de 8h

ONDE?

Casa Fasano

São Paulo • SP

TEMAS QUE SERÃO ABORDADOS

Os desafios de governança do setor e de segurança do fornecimento de energia

Combustíveis renováveis:
o Brasil reforça a liderança

O potencial da transição energética
para a neindustrialização

A nova fronteira do hidrogênio

A transição no transporte

O capital para fazer a transição

A transição da Petrobras

Acompanhe
a cobertura
completa do
evento pelos
canais oficiais
de Veja

 /vejanoinsta

veja+ ACESSE PELO
SITE DE VEJA

 /veja

PATROCÍNIO



CEMIG



ENGIE

Safira

A QUIMERA DA PAZ IMPROVÁVEL



ERAM 6H29 DA MANHÃ de sábado, 7 de outubro de 2023, em **Israel**, quando a música trance parou sem aviso. O silêncio foi rompido por gritos na multidão que participava do festival Nova, no remoto Deserto de Negev, onde militantes do grupo palestino Hamas fizeram o mais

AMIR LEVY/GETTY IMAGES

mortal dos ataques daquele dia, com quase um terço das vítimas totais — que somaram 1 200 mortos, além de 250 sequestrados. **Para marcar a data de um ano, centenas de familiares dos mortos, junto com o presidente israelense, Isaac Herzog, se reuniram no local.** Quando o sol nasceu, os organizadores tocaram a última faixa que os foliões ouviram antes dos foguetes. Nas ruas de Tel Aviv, familiares de reféns, 100 deles ainda sem paradeiro, caminharam com fotos e cartazes dos desaparecidos. No início do dia, alguns deles marcharam até a residência de Benjamin Netanyahu, tocando uma sirene e pedindo ações de resgate efetivas. Cada vez mais questionado dentro e fora do país pela reação que ordenou contra o Hamas, o premiê limitou-se a gravar uma cerimônia transmitida pela TV. Um ano depois do covarde ataque que ceifou a vida de tantos jovens inocentes, a resposta israelense segue em furiosa escalada. Sem se intimidar, os inimigos devolvem os golpes com chuvas de mísseis na direção de Tel Aviv. O futuro segue incerto. A comunidade internacional exige o cessar-fogo, mas ele parece sumir no horizonte, com a abertura de novas frentes de guerra na fronteira com o Líbano. A paz é uma quimera. ■

Caio Saad

“MINHA VIDA ERA RUIM”

Aos 61 anos, o músico dos Titãs fala de modo corajoso sobre seus vícios e celebra seu novo álbum solo, *Uma Estrela Misteriosa Revelará o Segredo* – o primeiro que não gravou sob efeito de álcool e drogas



LIMPO O titã Nando Reis: “Estar alterado não garantiu composições de qualidade”

LORENA DINI/DIVULGAÇÃO



Seu novo disco conta com trinta canções, quase todas autobiográficas. A inspiração vem da vida real? Como um sujeito ordinário, embora compositor, pressuponho que aquilo que me agrada possa também agradar aos outros. Tenho uma predileção por assuntos que fazem parte do cotidiano. Isso dá às minhas composições uma característica de universalidade que independe da questão geracional. Além disso, sou ruim de inventar histórias.

Esse é seu primeiro álbum criado sem estar sob efeito de álcool e drogas. Qual é a importância de falar abertamente sobre o vício? A vida é melhor sem drogas e álcool. Fui um usuário abusivo e dependente. Minha vida era muito ruim. Sou uma figura pública e a minha imagem e história ficaram marcadas por isso, seja por declarações, seja por shows em que eu me exibia em estado visivelmente precário. Historicamente, as drogas eram associadas a uma questão da criatividade. No entanto, no meu caso, em nenhum momento estar alterado garantiu que essa quebra da consciência produzisse algo de qualidade. É mito dizer que a droga faz você ser criativo.

Como superou o vício? Sou alcoólatra. Bebia desde os 13 anos. Alcoolismo não é algo que se cura. É uma doença. Não é um problema moral. Não sou vagabundo ou irresponsável. Sou uma pessoa doente. Sou membro dos Alcoólicos Anônimos, e uma coisa incrível no AA é conhe-

cer outros exemplos e ter a solidariedade de seus semelhantes. Isso tem um poder reparador magnífico.

Quando foi a gota d'água para buscar ajuda? Foi em 2016, num show com Gilberto Gil e Gal Costa. Eles são meus pilares, meus ídolos. No ensaio, eu estava completamente alcoolizado. Fiquei assustado porque jamais poderia subir no palco com eles daquele jeito. Seria minha morte. Me deu um estalo. Parei logo depois. Meu último dia foi em 3 de outubro de 2016 — e planejo continuar assim.

Na turnê *Titãs Encontro*, você mudou a letra de *Nome aos Bois* para criticar Bolsonaro e enfrentou a ira da extrema direita. Como lidou com isso? Quando tomei uma posição pública enfática a respeito do governo anterior, que foi aquela coisa horrorosa, veio essa beligerância. Sofro ataques até hoje. Cantei em Curitiba e fui vaiado. Caí na armadilha de ir contra minha própria crença de defender a inclusão. Sou um sujeito que defende a diversidade. Admito pontos de vista diferentes. O que não admito é a exclusão. ■

Felipe Branco Cruz

Encontrar o melhor da gastronomia ficou ainda mais fácil

APLICATIVO

COMER & BEBER

veja São Paulo veja Rio



Os melhores endereços gastronômicos de São Paulo e Rio de Janeiro agora reunidos no aplicativo COMER & BEBER. Encontre rapidamente a experiência gastronômica que procura dentro do app:

- PESQUISE POR REGIÃO
- ESTABELECIMENTOS SEPARADOS POR CATEGORIAS
- RESENHAS COMPLETAS COM AVALIAÇÃO DE ESPECIALISTAS
- RESERVA DE MESA ANTECIPADA

BAIXE AGORA NO SEU CELULAR



DISPONÍVEL NO
Google Play



Baixar na
App Store

A PEÇA BRILHANTE DO CARROSSEL

Como havia um outro Johan, o inigualável Cruyff, **Johan Neeskens** foi apelidado de “Johan II”. Merecia alcunha própria o coadjuvante que, em muitas partidas, brilhava mais do que o lendário parceiro, de elegância e visão de jogo equivalentes. O meio-campista era peça fundamental na engrenagem do Carrossel Holandês, que espantou o mundo na Copa de 1974, com permanente troca de posições entre os jogadores treinados por Rinus Michels. Foi de Neeskens o gol de pênalti, logo aos dois minutos de jogo, na final vencida pela Alemanha por 2 a 1. Em 1978, ele estava na equipe holandesa que perdeu a final para a Argentina, por 3 a 1. Fez 49 partidas pela Holanda, com dezessete gols. De mãos dadas com Cruyff, destacou-se no Ajax de Amsterdã e no Barcelona. Morreu em 6 de outubro, aos 73 anos, de causas não reveladas, na Argélia, onde participava de um projeto social.

PA IMAGES/GETTY IMAGES



PÊNALTÍ Neeskens: autor do gol na derrota por 2 a 1 para a Alemanha, em 1974



GUERRA FRATRICIDA

Nas redes sociais, ao comentar a morte do irmão, **Christopher Ciccone**, na sexta-feira 4, de câncer, aos 63 anos, Madonna resumiu a travessia fraterna: “Subimos juntos nas alturas e nos debatemos nos pontos mais baixos”. Designer, coreógrafo e dançarino, Christopher coreografou o videoclipe de estreia da futura estrela, *Everybody*, de 1982. Foi diretor artístico da turnê mundial *Blond Ambition*, de 1990, registrada no documentário musical *Na Cama com Madonna* (1991). Com o passar do tempo, contudo, a parceria desandou — em parte por brigas em torno de escolhas no palco, mas também por causa de dinheiro. Nos últimos anos, depois de guerra fraticida que ele definiu como um tempo de “abuso”, houve reconciliação.



KMAZUR/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

PARCERIA? Christopher, com Madonna, diretor artístico de shows da irmã: reconciliação tardia

TORPEDO EM PEARL HARBOR

Em 7 de dezembro de 1941, uma armada do Serviço Aéreo Imperial da Marinha Japonesa, com três dezenas de aeronaves e 770 tripulantes, atacou a base americana de Pearl Harbor, no Havaí. O presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, definiria a agressão como “o dia da infâmia”, e a partir daquela manhã os Estados Unidos entrariam com força total na Segunda Guerra Mundial. Havia, entre os nipônicos, um oficial de apenas 23 anos, **Masamitsu Yoshioka**. Como bombardeiro, ele lançou um torpedo que afundaria, por engano, o USS Utah, um encouraçado desarmado. Nos quase oitenta anos depois do conflito global, derrotado, Yoshioka costumava visitar um santuário em Tóquio — onde vivia com discrição — para homenagear os 64 colegas que perderam a vida no litoral havaiano. Todas as oito embarcações de guerra dos Estados Unidos foram danificadas, com 188 aviões destruídos.



ARQUIVO PESSOAL

Houve 2403 mortes de americanos. Yoshioka morreu em 28 de agosto, aos 106 anos, mas a notícia só foi revelada na semana passada. ■

BATALHA NAVAL

Yoshioka: ele lançou uma bomba que afundaria uma embarcação americana desarmada



CABRESTO DIGITAL?

“**CRIAMOS** o cabresto digital”, disse a ministra Cármen Lúcia dias atrás. Ela sugere que há barulho demais. Muita notícia, muita gente dando palpite, inventando histórias e resmungando por aí. E que “pelo volume, pela viralização, nos deixou sem condições de escolher livremente”. Quando li isso, parei para pensar. Só no X, podem ser 12 ou 20 milhões de postagens em um único dia. Boa parte delas sobre política. Devemos ter uns 600 000 influencers digitais com alguma audiência, palpitando sobre o que der na telha. Isso, fora o que a imprensa profissional produz e o que cada um de nós escuta no escritório, na faculdade, ou lê naquelas telinhas irritantes. Não passa de uma constatação banal o fato de que vivemos sufocados por informação. A pergunta óbvia a fazer: isso não significaria que temos mais liberdade, e não menos, para decidir qualquer coisa? E mais poder para intervir na cena pública do que na era do “silêncio”?

O raciocínio da ministra associa “mais informação” com “menos liberdade”. Não é propriamente uma ideia nova. Lembro do ministro Lewandowski e sua tese sobre a “desordem informacional”. Em meio ao caos e ao ruído, o “eleitor ordinário” não teria condições de processar todo o mar



AZ FESTIVAL!

O MAIOR FESTIVAL DE
PREPARAÇÃO PARA O ENEM!

**Não perca a chance de se preparar com quem
mais aprova no vestibular!**

O **AZ Festival** está de volta com TUDO o que você precisa para gabaritar no exame.

No dia **19 de outubro**, estudantes de todo o Brasil estarão juntos para um super
aulão ao vivo, com transmissão pelo YouTube da Plataforma AZ!

O que você vai encontrar:

- Aulões com os melhores professores;
- Dicas exclusivas para o Enem;
- As melhores estratégias para gabaritar no exame.

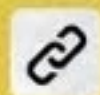
Participe!



Data: **19 de outubro**



Ao vivo no YouTube da **Plataforma AZ**



Inscreva-se: **www.azfestival.com.br**

**Não perca essa chance de se preparar
com os melhores!**



@plataformaaz



Presença confirmada!

PROF. NOSLEN

O maior edutuber do Brasil



de informação. E por isso, quem sabe, precisaria de uma ajudinha do Estado. Uma “curadoria”, como tantas vezes escutamos. Naquela ocasião, Lewandowski mandou censurar um vídeo que falava dos casos de corrupção nos governos de Lula. Não entro no mérito. Pelo que entendi, achava que aquilo era impróprio, porque os processos estavam sendo anulados, e tudo seria “desinformação”. E o nosso “editor da sociedade” deveria entrar em campo.

Meu argumento, aqui, é bastante simples: não há nenhum cabresto na abundância de informação. Voto de cabresto é algo bem documentado em nossa história. Seu traço definidor é a violência e a restrição à informação, e não o contrário. Ainda lembro de minhas leituras de Victor Nunes Leal e seu *Coronelismo, Enxada e Voto*, dando conta daquele Brasil rural, feito de gente simples “analfabeta, não lendo jornais nem revistas, nas quais se limita a ver as figuras”. O cabresto era feito do voto aberto. A célula já preenchida, a pressão econômica direta, os mortos que votavam, em uma época de fraude e sem Justiça Eleitoral. Sugerir que o barulho de nossa democracia digital corresponda ao cabresto é um mau argumento. O truque de confundir a falta com o excesso. E um truque perigoso. Pois o que ele exige, logo ali à frente, é um novo tipo de “coronelismo”, feito pelo Estado tutor.

Há algo aí do que o economista Harold Demsetz chamou de “lógica do nirvana”. Demsetz aplicava a tese à economia, dizendo que um governo ideal poderia, de fato, corrigir inú-



YUICHIRO CHINO/MOMENT/GETTY IMAGES

ESCOLHAS O barulho da democracia digital: melhor o excesso do que a escassez

meras ineficiências de mercado, mas que isso não era necessariamente verdadeiro para governos “reais”, feitos de políticos de carne e osso. O mesmo se aplica à política. Sugerir que os cidadãos terão condições de exercer sua liberdade apenas em um estado de “plena informação” (seja isso o que for) não passa de uma versão ingênua da falácia do nirvana. A sina das democracias sempre será a da decisão feita sob informação imperfeita. Tenho curiosidade em saber quantos se lembram de ao menos um voto de seu representante no Congresso. Tempos atrás, li uma pesquisa que perguntava se as pessoas sabiam o que eram as “emendas de relator”. O tema não saía da imprensa, mas 87% responderam que

“É do cidadão a prerrogativa irredutível de lidar com o ruído”

basicamente não sabiam nada sobre o assunto. Vale o mesmo sobre as escolhas substantivas. Privatizar ou não a Sabesp? E o Porto de Santos? Voto eletrônico ou no papel? A sociedade é diversa. E sei que isso parece insuportável para muita gente. Há quem pareça sonhar com uma máquina da verdade, capaz de separar o joio do trigo e fazer boas escolhas, pela sociedade. De fato, a inteligência artificial (IA) pode ajudar. Ainda na outra semana, fiz um teste. Coloquei em um aplicativo de IA algumas das minhas ideias e perguntei em quem deveria votar. Sem pestanejar, ele deu um resultado. A máquina pode ajudar. Mas seu uso continua sendo uma escolha individual. Aplicada à sociedade, sob a batuta de um tribunal, a engenhoca seria apenas a reedição tecnológica da velha ideia do ditador benevolente.

Todo mundo aplaudiu o caráter “democrático” das eleições da última semana. Mas acho que um detalhe nos escapou: ao contrário do que aconteceu em 2022, desta vez nossa Justiça Eleitoral basicamente não interveio no conteúdo do debate eleitoral. Não tivemos nada parecido com a “caça às fake news” e a edição do debate por parte do Es-

tado. E mais: quando o candidato Pablo Marçal efetivamente publicou aquela fake news incontestada, foi a própria sociedade, nos jornais, nas redes, que expressou seu repúdio. Os apaixonados tentaram amenizar o problema. Muitos disseram que fazia parte do jogo, que os “outros também agiam assim”, e coisas do tipo. Pois bem: os apaixonados também fazem parte da democracia. E em muitos momentos seu ponto de vista é perfeitamente relevante. Seja para nos alertar sobre algum pedaço da verdade que perdemos, seja para obrigar o bom argumento a ser ainda melhor, seja apenas para que todos saibam como uma parte da sociedade pensa. Naquele caso, Marçal acabou dançando. Pois ali, sim, havia uma fronteira entre o lícito e o ilícito. Uma fronteira que só pode ser dada pela lei. Pela regra devidamente tipificada. E não pelo “acho”. Pela imaginação ou interpretação iluminista de alguma autoridade pública.

Sempre guardo comigo as palavras de Madison dizendo que “não há como eliminar o risco das facções em uma República. Apenas controlar seus efeitos”. Ele se referia não apenas aos movimentos agressivos de minorias ou majorias, mas também ao “espírito de facção”. A toda sorte de paixões, erros e irracionalidades na vida de uma sociedade. Seu ponto era exatamente confrontar a falácia do nirvana. Dizer que os cidadãos fatalmente vão decidir com informação precária, que há valores distintos em disputa. E que mesmo por isso alguns cuidados institucionais são necessários. Mas jamais usar esse argumento para passar

de contrabando a ideia do “bom leviatã” nos informando sobre o falso e o verdadeiro e sobre a quais valores devemos ser fiéis.

Quanto à “desinformação”, esqueçam. É um problema sem solução. Seja porque somos imperfeitos, seja porque a incerteza é a regra na escolha pública. E, se não for por isso, por algo ainda anterior: o cidadão é o dono da democracia. E é dele a prerrogativa irredutível de lidar com o ruído. Antes de um problema cognitivo, uma questão de legitimidade. A boa notícia é que as pessoas aprendem. Não em alguma universidade, mas como uma sabedoria prática. No erro e no acerto, no contraditório, que é próprio da vida democrática. Cabresto, para ser claro, não é o excesso de informação, mas o Estado entrando em campo para tirar do jogo as ideias que incomodam. O parlamentar que denuncia, o youtuber que sugere coisas “erradas”, o cidadão que desconfia de alguma coisa. Cabresto é a imposição do medo, o abuso de poder. Não a garantia da liberdade. Se interessar a alguém, é essa a grande lição do Iluminismo, que as boas democracias liberais tão bem souberam traduzir. ■

Fernando Schöler é cientista político e professor do Insper

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

SOBE

GABRIEL GALÍPOLO

A sua indicação para presidente do Banco Central a partir de 2025 foi aprovada pelo Senado por 66 votos a 5, a maior folga desde 1999, quando foi instituído o atual processo de escolha.

DIVERSIDADE NA POLÍTICA

O Brasil registrou 225 eleitos, incluindo três prefeitos, que se autodeclararam LGBTQIA+ na eleição deste ano – 130% a mais que em 2020 e recorde histórico.

MICHAEL JORDAN

Lenda do basquete, o americano se tornou o primeiro esportista a entrar na lista das 400 pessoas mais ricas dos EUA da revista *Forbes* – ele aparece em 385º.



DESCE

LEONARDO

O cantor sertanejo foi incluído na “lista suja” do Ministério do Trabalho sob a acusação de ter submetido trabalhadores à condição análoga à escravidão em uma fazenda em Goiás.

FABRÍCIO QUEIROZ

Ex-braço direito da família Bolsonaro, ele teve 588 votos na tentativa de se eleger vereador em Saquarema (RJ) pelo PL e ficou apenas como suplente.

MONARK

O polêmico podcaster, ex-Flow, foi condenado a um ano de prisão em regime semiaberto por injúria contra o então ministro da Justiça, Flávio Dino, em 2023.



FRANK MICELOTTA/DISNEY/GETTY IMAGES

“Eu não tinha pulso.”

AL PACINO, ator americano de 84 anos, ao revelar o drama do período em que teve covid-19, em 2020



“A covid-19 revelou um tipo de alergia
ao trabalho no mundo ocidental.”

PASCAL BRUCKNER, filósofo francês

“Acho muito triste que, mesmo com
todas as campanhas que são feitas,
um movimento para que tenha efetividade
dos direitos, mas a despeito disso ainda
temos uma situação em que no primeiro
turno nenhuma mulher é eleita.”

CÁRMEN LÚCIA, presidente do TSE

“A cidade precisa ser de todos, e isso inclui o
direito universal às liberdades civis. Não se
pode compactuar com a ideia
de que há cidadãos
de segunda classe.”

BILL DE BLASIO,
ex-prefeito de Nova York

“Voltarei à Venezuela
o mais rápido possível, quando restaurarmos
a democracia em nosso país. Vou tomar
posse como presidente eleito
no dia 10 de janeiro.”

EDMUNDO GONZÁLEZ, candidato de oposição a Nicolás Maduro, que está na Espanha desde 8 de setembro, exilado
para não ser preso

“A consciência é minha virtude, e sou grato
pela busca de mergulhar fundo em minha
própria mente e confiando na intuição das
vidas que vivi antes desta, nossa forma
essencial de gnose é uma forma simples de
liberdade, é tão suave quanto a inalação.”

ANITTA, em suas redes sociais,
para lá de Marrakesh, anunciando um
período sabático de retiro espiritual

“Eu conheço mais a Michelle do que ele.”

JENNIFER ANISTON, negando com veemência um suposto
caso com o ex-presidente dos Estados Unidos Barack Obama

“Eu estou muito feliz com meu corpo, muito contente de ter atingido uma certa fragilidade física para interpretar a personagem do filme que rodei. O meu corpo está literalmente a serviço da minha profissão.”

CAROLINA DIECKMANN, atriz, que emagreceu para interpretar a protagonista do filme *Pequenas Criaturas*, de Anne Pinheiro Guimarães

“Tem que ter bom sexo.”

GOLDIE HAWN, atriz de 78 anos, casada há mais de quarenta com Kurt Russell, de 73 anos, ao revelar o segredo da longevidade na relação entre os dois

“Nem sempre a raiva produz bons livros.”

MOHAMED MBOUGAR SARR,
escritor senegalês



**“Minha segurança está em risco.
Tenho fotos desses caras em
caiaques se escondendo em arbustos
no mar. Eles chegam às 8 da manhã
e não saem antes das 4 da tarde.”**

SYDNEY SWEENEY, atriz de *Euphoria*, preocupada com
o insistente assédio dos paparazzi

Com reportagem de Gustavo Maia,
Nicholas Shores e Pedro Pupulim



É pior do que parece

Na esteira da investigação de venda de decisões no STJ, a Polícia Federal de **Andrei Rodrigues** identificou indícios de envolvimento de um ministro do tribunal no esquema. A PF está apro-

fundando o caso e a apuração deve ser enviada ao STF. “É uma grande bomba”, diz um interlocutor do STJ.

Estilhaços à vista

O escândalo provocou abalos na Corte justamente no



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

BOMBA Rodrigues: a PF apura atuação de ministro do STJ em esquema criminoso



momento em que o tribunal se organiza para realizar — no dia 15 — a eleição das listas de TRFs e do MP para duas vagas no STJ.

De olho nos saques

O chefe da PF avançou em conversas com a Febraban e o Banco Central para baixar uma portaria limitando saques em dinheiro durante a eleição. A PF, como se sabe, apreendeu quase 50 milhões de reais no primeiro turno.

Gaúchos na mira

A PGR abriu nova leva de ações sobre o orçamento secreto. Mira emendas — que somam 2 milhões de reais — dos deputados gaúchos Lucas Redecker (PS-DB), Giovani Cherini (PL), Covatti Filho (PP), Afonso Motta (PDT), Mauricio

Marcon (Podemos) e do senador Hamilton Mourão (Republicanos).

Tem petista também

A PGR também abriu investigação para descobrir o destino de 3,5 milhões de reais enviados pelo deputado Kiko Celeguim (PT-SP) à prefeitura de Francisco Morato, na região metropolitana de SP.

Verdades inconvenientes

Eleito prefeito de Maricá (RJ), o deputado petista Washington Quaquá vai lançar o livro *Diálogos com a Utopia*. O petista aponta, na obra, caminhos para tentar tirar seu partido do buraco em que se meteu nas últimas eleições.

O caminho do centro

Quaquá diz que o PT deve

fazer um “acordo sincero, pragmático e programático” com partidos de centro. “O PT precisa voltar a fazer política ampla, coisa que abandonou no governo Dilma e nos levou ao golpe”, diz.

Esquecemos do pobre

Quaquá diz que o PT deve priorizar pautas econômicas e sociais. Para ele, a ligação do partido com os pobres hoje é “digital”. Por isso, deve voltar a ter “ligações físicas” com a periferia.

Oi, querida

Lula foi especialmente atencioso com Dilma Rousseff nesta semana, em Brasília. A atual chefe do banco do Brics, na China, estava meio perdida numa agenda sobre combustível, mas Lula tratou de ouvi-la.

Toma que o filho é seu

Lula está perto de iniciar uma briga com o governador do DF, Ibaneis Rocha, por causa da deterioração da Praça dos Três Poderes. Apesar de todos os apelos do Planalto, Ibaneis deixou o lugar em estado de abandono.

Faz o teu, que faço o meu

Lula até deflagrou o projeto de reforma — parado na burocracia estatal —, mas reclama que o governo do DF negligencia a manutenção do lugar, enquanto a obra não começa.

Precisamos de reforços

Escalado pela Fazenda de Fernando Haddad para fiscalizar big techs — Google, Apple, Amazon e Meta —, o Cade de Alexandre Cordeiro já faz contas para

ampliar sua atual estrutura, insuficiente para assumir a missão.

Menu executivo

O Cade, aliás, abriga uma investigação explosiva sobre 33 gigantes multinacionais suspeitas de formarem um cartel no país para “limitar a livre concorrência” na busca de profissionais.

Tudo documentado

A partir de um acordo de leniência, o Cade descobriu que o cartel compartilhava “informações sobre salários e vários benefícios dados aos trabalhadores”. Tudo era tratado via WhatsApp. Assim, nenhum profissional dentro do radar desse cartel recebia ofertas vantajosas. Se tiver condenação, a multa é de até 20% do faturamento anual das empresas.



INSTAGRAM @CASAGRANDE_ES

CLIMA Casagrande: governador do ES estará na COP29, no Azerbaijão

Perto do fim

Governador do Espírito Santo, **Renato Casagrande** espera ir para a COP29, no Azerbaijão, mês que vem, com uma boa notícia na mala: o anúncio do acordo de mais de 100 bilhões de reais — em fase final na Justiça — para reparações

ambientais de 50 000 hectares destruídos no desastre de Mariana, em 2015.

Operação conjunta

Empreitada vitoriosa, o retorno do X ao ar no Brasil foi uma obra conjunta dos escritórios Bermudes Advogados, Pinheiro Neto e Rosenthal Advogados.

Aporte bilionário

Governador de Mato Grosso do Sul, Eduardo Riedel vai anunciar a construção de uma nova fábrica de celulose da Bracell em Água Clara. Um investimento de 25 bilhões de reais.

Esse jabuti tem dono

Fabricantes de borracha e plástico reclamaram com Geraldo Alckmin do aumento de tarifas de im-

portação de produtos químicos. Dizem que a tunga só beneficia a Braskem.

Boa notícia

Dados do Sebrae mostram que, num universo de 20 milhões de pequenos negócios, a inadimplência em agosto foi de 20%, menor nível desde 2020.

Cruzeiro limpo

Líder na fabricação de iates, o Grupo italiano Azimut vai investir quase 1 bilhão de reais em pesquisas para reduzir emissões de carbono nas embarcações.

Pirata tupiniquim

O MPF abriu inquérito contra um arqueólogo da Marinha suspeito de saquear naufrágios históricos e vender os artefatos ilegalmente.



ANTONIO COTRIM/EP/AF/EFE

MUSICAL Chico:
a obra do cantor
ganhará produção
no Rio e em SP

Caneca cheia

Aberta nesta semana, a Oktoberfest, em Blumenau, deve criar 6 000 empregos, atrair 600 000 pessoas e gerar 350 milhões de reais em receitas a Santa Catarina. *Ein prosit!*

Deu onda

O Ministério da Cultura autorizou a captação de quase 500 000 reais para a construção do Museu do Surf em Aracaju (SE). O lugar terá

histórias de lendas do esporte como Ítalo Ferreira.

Vai passar

Chico Buarque terá sua obra retratada no musical carnavalesco *Vai Passar*. Com temporadas de dois meses no Rio e dois em São Paulo, a produção tem incentivos de 4,3 milhões de reais do Programa Nacional de Apoio à Cultura do governo do amigo Lula. ■



O RECADO DAS URNAS

As eleições ainda não terminaram em capitais importantes como São Paulo e Belo Horizonte, mas os resultados do primeiro turno já são suficientes para mostrar tendências que devem levar o governo, a oposição e os partidos a reavaliar as estratégias políticas para a disputa de 2026



OSWALDO FORTE/FOTOARENA/AGÊNCIA O GLOBO

CONFIRMA As mensagens do voto: goste-se ou não do desfecho, é imprudente ignorar a realidade



As urnas falam, às vezes até gritam, mas as mensagens nem sempre são devidamente compreendidas. No domingo 6, mais de 120 milhões de eleitores compareceram aos postos de votação de 5 569 municípios do país para escolher seus prefeitos e vereadores. O resultado do primeiro turno permite algumas constatações. No campo ideológico, a esquerda encolheu, a centro-direita ampliou ainda mais sua área de influência e a direita mostrou que é uma força política em ascensão. Pelo lado partidário, o PT sofreu uma derrota acachapante, reduzido a comandar 248 prefeituras que, somadas, reúnem menos de 7 milhões de habitantes. No primeiro pleito depois da criação do chamado orçamento secreto, também ficou comprovado que, nos rincões, as verbas enviadas por deputados e senadores a seus redutos se consolidaram como um poderoso instrumento de conquista e de manutenção do poder. Nas capitais, São Paulo surpreendeu o país ao mostrar que há espaço político para uma direita ainda mais radical e disposta a toda sorte de golpes baixos contra os adversários. E o bolsonarismo, apesar dos revezes, não está morto.

Mesmo diante de todos esses fatos concretos, para o presidente Lula, o resultado do primeiro turno não representou uma derrota do governo, da esquerda e nem mesmo do seu partido, o PT, que ficou apenas na nona colocação no ranking das legendas que mais conquistaram prefeituras, atrás até mesmo do moribundo PSDB. O mandatário e al-

guns de seus auxiliares chegaram a fazer um balanço positivo e ensaiaram uma comemoração que, ao final, não aconteceu, até porque não havia nada a comemorar. Lula não foi o poderoso cabo eleitoral que prometia ser em grandes cidades. Em São Paulo, onde se comprometeu a apoiar o candidato Guilherme Boulos (PSOL), fez gestos tímidos na campanha por medo de ser associado a uma eventual derrota. Agora, a promessa é a de que ele fará de tudo para ajudar Boulos a obter uma difícil vitória na cidade, pois sabe que um resultado assim fará mudar bastante o balanço final das eleições.

Ironicamente, tendo em conta as dificuldades da esquerda e do PT, no rol de vencedores do último domingo destacam-se legendas que fazem parte do governo Lula. Nenhuma delas, no entanto, tem compromisso com a reeleição do presidente. E a maioria não descarta a possibilidade de lançar um nome para concorrer contra o petista em 2026, a depender do rumo dos ventos. É fato que o resultado de um pleito municipal pode não ter relação direta com o que vai acontecer nas eleições gerais dois anos depois. Pode-se perder uma e ganhar a outra, evidente, mas é um erro negligenciar os recados passados pelas urnas. Um deles é claro: o Brasil está caminhando cada vez mais para a direita e, nesse campo, começam a surgir novas forças dispostas a disputar espaço com as lideranças já estabelecidas. São peças importantes de um xadrez político que começa a se movimentar, de olho em 2026. ■



E AGORA, PRESIDENTE?

Resultados frustram plano do PT de recuperar o terreno perdido e Lula se vê às voltas com uma oposição que ganha cada vez mais musculatura

DANIEL PEREIRA



NARRATIVA Lula: apesar dos reveses nas urnas, discurso é de “vitórias simbólicas”



Reza o mantra que Lula é maior do que o PT. Se o partido avança, o mérito é do presidente da República. Se fracassa, a culpa é única e exclusiva de seus integrantes, com exceção, claro, do líder infalível. Empregada desde a ascensão da legenda ao poder, em 2003, essa lógica foi usada por Lula, ministros e líderes aliados ao analisar o resultado do primeiro turno da eleição municipal deste ano, no qual a esquerda saiu derrotada — e o Centrão, a direita e o conservadorismo, fortalecidos. Na manhã seguinte à votação, o núcleo duro do governo, em reunião no Palácio do Planalto, circunscreveu o revés ao PT, reclamando do fato de a sigla não ter aproveitado o crescimento da economia e a retomada de programas sociais, na atual gestão, para ter sucesso nas urnas. Em contraposição, o presidente e auxiliares fizeram um balanço positivo para o governo, que, com a ajuda de aliados no plano federal, teria derrotado candidatos simbólicos da extrema direita, como Alexandre Ramagem, no Rio de Janeiro, e Gilson Machado, no Recife, ambos apadrinhados por Jair Bolsonaro.

Após a reunião, houve até uma tentativa de comemoração. “Nós estamos confiantes de que existem vitórias simbólicas importantes de uma frente ampla apoiada pelo presidente Lula contra candidaturas da extrema direita, que tenta perverter o processo democrático brasileiro”, declarou o ministro de Relações Institucionais, Alexandre Padilha. O presidente tem uma maneira peculiar de lidar com a realidade e costuma tentar reescrever a história. O mensalão e o



PRIORIDADE Campanha de Boulos em São Paulo:
tentativa de uma difícil vitória na cidade

petrolão, segundo ele, jamais existiram. Já a Venezuela não vive sob uma ditadura, mas num regime “desagradável”. O problema para Lula é que o placar da votação não deixa dúvida: a direita e o conservadorismo ganharam terreno, enquanto a esquerda e o PT ficaram para trás na disputa pelas prefeituras e câmaras municipais. Até 2026, muita coisa pode mudar. O resultado num pleito municipal não tem necessariamente relação direta com o de uma eleição geral, mas não há como negar que, por enquanto, os ventos sopram numa direção contrária à sonhada pelo mandatário.

Principal expoente da esquerda no país, o PT sente como poucos os efeitos desse vendaval. No primeiro turno, conquistou 248 municípios e ficou na nona colocação entre os partidos que mais ganharam prefeituras. Em público, o re-

sultado foi comemorado como um sinal da recuperação da legenda, que havia vencido em apenas 183 cidades em 2020. Nos bastidores, no entanto, petistas reconheceram a frustração. Basta lembrar que o PT tem a seu favor o peso da máquina federal, capaz de desequilibrar qualquer disputa eleitoral. Basta lembrar também o desempenho em pleitos anteriores nos quais a legenda estava no poder. Na eleição municipal de 2004, disputada no primeiro mandato de Lula, o PT mais do que dobrou o número de prefeituras e venceu em seis capitais no primeiro turno. Em 2012, no mandato inicial de Dilma Rousseff, ganhou em 635 cidades, incluindo São Paulo. Neste ano, as vitórias se concentraram em municípios pequenos, e as mais festejadas ocorreram em Contagem e Juiz de Fora, ambas em Minas Gerais.

Além da carência numérica, houve derrotas simbólicas importantes. Na reunião de avaliação no Planalto, o próprio Lula acusou o golpe do fracasso em Araraquara, onde o prefeito petista Edinho Silva — cotado para substituir a deputada Gleisi Hoffmann no comando do partido — não conseguiu eleger a sucessora, que acabou superada por um nome apoiado pela família Bolsonaro. A gestão de Edinho tem cerca de 70% de aprovação, mas não resistiu ao embate direto com o bolsonarismo. Outros quadros estrelados, como Emidio de Souza, ex-chefe do PT-SP e amigo de Lula, também fracassaram. No segundo turno, o PT concorrerá em treze cidades, incluindo quatro capitais, nas quais não desponta como favorito. “Hoje, a esquerda não é mais uma po-



ALIADO Gilberto Kassab: sem compromisso
com o projeto de reeleição de Lula

sição majoritária no Brasil. É minoria. Por isso, o PT depende cada vez mais de alianças com partidos mais ao centro”, diz o deputado federal petista Rogério Correia, que ficou em sexto lugar na disputa pela prefeitura de Belo Horizonte. “Esperava um desempenho melhor do partido. O PT tem que falar com os antagônicos. Essa coisa de falar só com os mesmos não dá”, acrescenta o senador Fabiano Contarato (PT-ES), que viu um correligionário ser derrotado na capital capixaba ainda no primeiro turno.

Algumas razões para a desidratação petista são conhecidas. Nos últimos dez anos, o partido enfrentou um poderoso processo de desgaste em decorrência da Operação Lava-Jato, que desvendou o maior esquema de corrupção já descoberto no país, e da recessão histórica legada por Dilma Rousseff. Na

nota da Comissão Executiva Nacional do PT sobre as eleições municipais, a legenda reconhece o peso desses fatores, mas, como de costume, omite os próprios erros e se apresenta como vítima de conspiração. “Esta avaliação tem de levar em conta que voltamos ao governo após quase uma década de cerco e perseguição contra nosso partido e nosso maior líder. O período histórico inaugurado com a farsa da Lava-Jato e o golpe contra a presidenta Dilma abriu as portas para a extrema direita aliada ao neoliberalismo mais selvagem, que seguem ameaçando o país e o sistema democrático”, diz o texto.

Por mais que tente negar, Lula também tem responsabilidade direta pelo desempenho municipal da legenda. De olho na eleição de 2026, o presidente determinou ao partido que abrisse mão de candidaturas em grandes colégios eleitorais e apoiasse concorrentes de siglas aliadas, na expectativa de que estas, daqui a dois anos, embarcassem na sua campanha à reeleição. Essa articulação rendeu frutos em capitais como Rio de Janeiro e Recife, que reelegeram os prefeitos Eduardo Paes (PSD) e João Campos (PSB), os quais foram apoiados pelo PT, mas não cederam a vaga de vice ao partido. O mesmo tipo de articulação enfrentará um teste de fogo no segundo turno, quando nomes avalizados por Lula — filiados ou não ao PT — terão confrontos diretos com concorrentes da cota pessoal de Bolsonaro em Belo Horizonte, Fortaleza, Belém e Cuiabá. Ao contrário do que imaginava antes do início da campanha, o presidente não teve protagonismo até agora na eleição municipal nem se mostrou um cabo eleito-



FRUSTRAÇÃO Edinho Silva: derrota simbólica importante em Araraquara

ral tão poderoso como foi no passado. Mesmo na estratégica eleição de São Paulo, em que apoia Guilherme Boulos (PSOL) contra Ricardo Nunes (MDB), Lula desempenhou papel periférico — por medo da derrota já no primeiro turno, segundo adversários e até alguns aliados.

No segundo turno, Lula, até numa tentativa de remediar a situação, pretende reservar dois finais de semana para a campanha paulistana e fará eventos oficiais do governo em Fortaleza, Belém e Porto Alegre, onde a deputada Maria do Rosário tenta impedir a reeleição de Sebastião Melo (MDB). “Será muito positivo para o governo se ganharmos os confrontos diretos nas quatro capitais contra o bolsonarismo. O PT não aproveitou a eleição do Lula e os quase dois anos de governo, com retomada do crescimento econômico e das



ESTRELA APAGADA

Mesmo tendo a Presidência da República, a máquina administrativa a seu favor e o segundo maior fundo eleitoral (620 milhões de reais), o PT teve um desempenho pífio

políticas sociais, para obter um crescimento mais expressivo”, diz um ministro, tentando dissociar a derrota do partido da figura de seu líder maior. O fato é que o presidente também não conseguiu aproveitar os ativos citados.

Pesquisa Genial/Quaest mostrou que a aprovação ao trabalho de Lula caiu de 54% para 51% entre julho e setembro, e a avaliação positiva de seu governo baixou de 36% para



O PARTIDO
ELEGEU APENAS
248 PREFEITOS
NOS 5 570 MUNICÍPIOS DO PAÍS



JUNTOS, TODOS OS SEUS
CANDIDATOS A PREFEITO RECEBERAM
8,9 MILHÕES DE VOTOS, NUM UNIVERSO
DE 155 MILHÕES DE ELEITORES APTOS
A VOTAR (MENOS DE 6% DO TOTAL)



OS PETISTAS TAMBÉM
AMARGARAM **DERROTAS NA**
MAIORIA DAS CAPITALS



A SIGLA VAI DISPUTAR O SEGUNDO
TURNO EM TREZE CIDADES, INCLUINDO
PORTO ALEGRE, FORTALEZA,
NATAL E CUIABÁ



32%, ficando empatada com a negativa (31%). Outro levantamento, divulgado pelo Ipec no mês passado, revelou que para 58% dos entrevistados o presidente não deveria se candidatar à reeleição, enquanto 39% responderam o contrário. Mesmo petistas, sobretudo aqueles que não são habitués dos palácios, admitem que a esquerda está cada vez mais desconectada da realidade e insiste em pautas que não dialogam



WAGNER ORIGENES/ATO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO

SUCESSÃO Haddad: cruzada quase solitária pelo equilíbrio das contas

com as prioridades da população, enquanto a direita empunha bandeiras com alta capacidade de mobilização, como na área da segurança pública. “Há um esgotamento das ações dos governos de esquerda, que não respondem mais ao novo desenho da sociedade, baseado principalmente no empreendedorismo, no individualismo e na meritocracia. A direita percebeu essa mudança e conseguiu estabelecer diálogo com essas pessoas à luz desse novo desenho social”, diz Paulo Baía, professor de ciência política da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A votação municipal, de fato, ampliou o leque na direita. Um dos principais vitoriosos no primeiro turno foi o governador de São Paulo, Tarcísio Gomes de Freitas, que bancou a

candidatura do prefeito Ricardo Nunes em São Paulo mesmo quando ela sofria com o assédio de Pablo Marçal, a desconfiança de Bolsonaro e a contestação dos eleitores mais radicais. Desde o ano passado, com a inelegibilidade do ex-presidente, Tarcísio é cortejado para concorrer ao Planalto. Esse assédio tende a se intensificar com o fortalecimento dos partidos do Centrão e da direita nos municípios e, principalmente, caso Lula perca popularidade. Outro vitorioso no domingo, o comandante do PSD, Gilberto Kassab, que é secretário de Governo de Tarcísio, já deixou claro que, apesar de a sigla comandar três ministérios de Lula, não há compromisso com o projeto de reeleição do presidente. O MDB, o União Brasil e o Republicanos, que também são da tal frente ampla que Lula diz ter derrotado nomes da extrema direita, têm posições semelhantes à do PSD e não estão amarrados a uma eventual candidatura presidencial do PT, que acusam de sempre controlar os melhores espaços da máquina federal, deixando pastas secundárias para os aliados.

Desde que assumiu seu terceiro mandato, Lula nunca afirmou que disputará um novo pleito. Ele já deixou escapar que poderá concorrer se for necessário para evitar a volta “dos fascistas ao poder”. Seus assessores dizem que a candidatura dele é líquida e certa, apesar de o mandatário estimular a disputa interna entre os ministros da Fazenda, Fernando Haddad, e da Casa Civil, Rui Costa, pelo posto de sucessor nas urnas. Em sua cruzada quase solitária para equilibrar as contas públicas, Haddad não participou da eleição



INSTAGRAM @ADELIAMPINHEIRO

ESFORÇO Rui Costa: carreata,
passeata e derrotas significativas na Bahia

municipal. Já Rui Costa, ex-governador da Bahia, fugiu da derrotada coligação MDB-PT em Salvador e percorreu o estado para ajudar seus candidatos preferidos. Fez carreata, passeata e colheu derrotas significativas em Feira de Santana e Ilhéus, entre outros. Segundo um auxiliar próximo ao presidente, os dois ministros se movimentam, mas o candidato em 2026 será Lula.

Ecoando o otimismo do chefe, o auxiliar diz que a aprovação do presidente subirá nos próximos dois anos, como resultado de esforços que estão sendo empregados para melhorar a comunicação do governo e equilibrar a disputa com a direita nas redes sociais. Essas medidas são fundamentais, mas não resolvem a questão de fundo: o que comunicar, que pautas defender e o que propor ao eleitorado. Por enquanto, ainda não há respostas. Alarmada com os índices de criminalidade e violência urbana, a população espera até agora da gestão Lula um prometido plano de segurança pública. Quando será apresentado? “Não acredito que a gente vá conseguir produzir uma política eficiente para a área”, admite um ministro que pediu para não ser identificado. Como sempre fez, Lula aposta que renovará o mandato embalado por crescimento econômico e programas sociais. Pode até dar certo, mas as pesquisas, os especialistas e as eleições municipais sugerem novos tempos na política. Receitas ultrapassadas, como ventos passados, não movem moinhos. ■

Colaboraram Hugo Marques e Ricardo Chapola



CAMPO DIVIDIDO Caiado e Mabel: ex-aliado, bolsonarismo será o rival em Goiânia

O TRIUNFO DA DIREITA

Partidos como PSD, União Brasil, PP, Republicanos e PL elegem a ampla maioria dos prefeitos e vereadores pelo país, mas disputas internas desafiam unidade para 2026 **RAMIRO BRITES**





SURPRESA Ratinho Jr. e Pimentel: gestões bem aprovadas contra a outsider Cristina Graeml

LOGO DEPOIS do fechamento das urnas, o governador de Goiás, Ronaldo Caiado, foi às redes sociais para uma declaração publicada em conjunto no perfil de seu candidato à prefeitura em Goiânia, Sandro Mabel, ambos do União Brasil. “Não sou recém-convertido à direita. Nunca votei no Lula, ao contrário do meu adversário”, disse, em referência a Fred Rodrigues (PL), o rival do segundo turno. A mensagem era uma resposta à afirmação do concor-

rente de que a chapa do governador estaria negociando votos do PT, que terminou em terceiro lugar, com quase 25% dos votos. A preocupação era clara: mostrar quem é mais de direita em um reduto onde o eleitorado afinado com esse perfil mostrou seu tamanho no primeiro turno. A disputa goiana é um bom exemplo do protagonismo alcançado por esse espectro ideológico, cujos representantes obtiveram uma vitória expressiva nas urnas no último domingo, 6, mas agora se depara com suas diferenças e os interesses específicos de cada legenda.

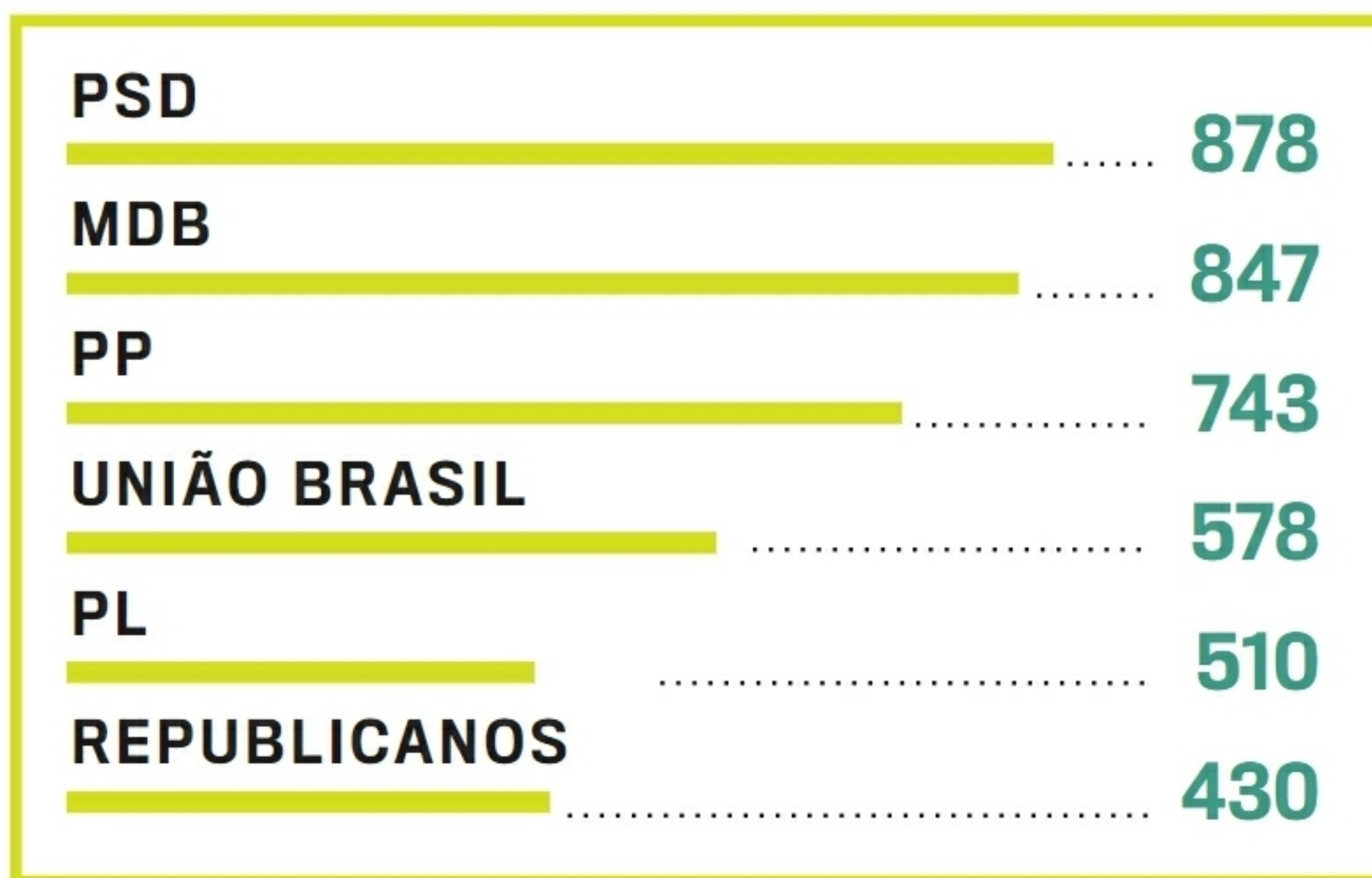
O triunfo das agremiações que transitam do centro à direita pode ser medido por vários números. No país, cinco dos seis partidos que mais elegeram prefeitos estão nessa faixa (*veja o quadro na pág. ao lado*). Ainda que o grande vencedor tenha sido o PSD, de centro-direita, o PL, principal sigla da direita, teve desempenho muito bom nas capitais: reelegeu dois prefeitos (João Henrique Caldas, em Maceió, e Tião Bocalom, em Rio Branco) e levou nove ao segundo turno. Embora a ideia inicial fosse eleger mais de 1 000 prefeitos, a estratégia mudou para priorizar grandes centros. E deu certo: a sigla recebeu 15,7 milhões de votos, a melhor marca entre todas as legendas e bem superior à de 2020 (11 milhões). “Resolvemos não forçar a barra para nos concentrarmos onde tem mais votos”, diz Valdemar Costa Neto, cacique do PL. Outro ponto promissor foi o fato de a legenda ter aumentado em 43% o número de vereadores, a maior alta entre as grandes siglas. Os cinco partidos que fi-

A ONDA CONSERVADORA



Alguns dos principais exemplos da guinada política à direita pelo país

■ Cinco dos seis partidos que mais elegeram prefeitos no primeiro turno são de **centro-direita** ou **direita** no espectro ideológico. A exceção é o MDB



■ O PL conquistou duas prefeituras no primeiro turno (**Maceió e Rio Branco**) e foi para o segundo turno em outras nove. Em 2020, o partido não conquistou nenhuma capital



■ Em oito das quinze capitais em que
haverá segundo turno, a disputa será entre
dois candidatos de centro-direita ou direita,
como **Belo Horizonte, Curitiba,
Goiânia, Manaus e Campo Grande**

■ A direita conquistou votações
expressivas em territórios tradicionais da
esquerda, como **Fortaleza — onde
André Fernandes (PL)** liderou o primeiro
turno — e a periferia de **São Paulo, onde
Ricardo Nunes (MDB)** venceu em todo o
extremo Sul e **Pablo Marçal (PRTB)**
triunfou na maior parte da Zona Leste

■ **43%**
Foi o aumento do número de vereadores
eleitos pelo **PL** no país, a maior alta entre
as principais siglas (**passou para 5 965**)

cam do centro à direita (PSD, União Brasil, PL, Republicanos e PP) elegeram quase 60% dos vereadores pelo país. Conseguir muitas cadeiras municipais é estratégico para o plano maior das legendas, que é ampliar suas bancadas na Câmara e no Senado na eleição de 2026.

O resultado das urnas é um reflexo da nova postura da sociedade. Se na virada do século havia um certo constrangimento do político e do cidadão em se autodeclararem direitistas, hoje os candidatos disputam os eleitores ligados aos valores tradicionais. “Há uns dez anos era pecado ser de direita no Brasil”, diz o cientista político Murilo Mendes, da Universidade de Brasília (UnB). Uma pesquisa do DataSenado com a Nexus, empresa de inteligência, mostra que em todos os estados há mais eleitores de direita que de esquerda, assim como nos recortes de gênero, renda, religião e escolaridade (*veja o quadro ao lado*). O fortalecimento da postura conservadora é ainda uma resposta ao avanço da esquerda no início dos anos 2000, um ponto fora da curva na história brasileira. Para o pesquisador Robert Vidigal, do Center for Global Democracy da Universidade Vanderbilt, o eleitor estava muito mais inclinado à esquerda do que realmente é. Ele considera que a retórica mais radical encampada por nomes da direita é uma forma de novos quadros se destacarem e promoverem mudança no cenário político, à medida que um posicionamento firme sobre aborto, drogas ou casamento gay chama muito mais a atenção do público do que uma agenda de liberalismo econômico. “A radicalização da direi-

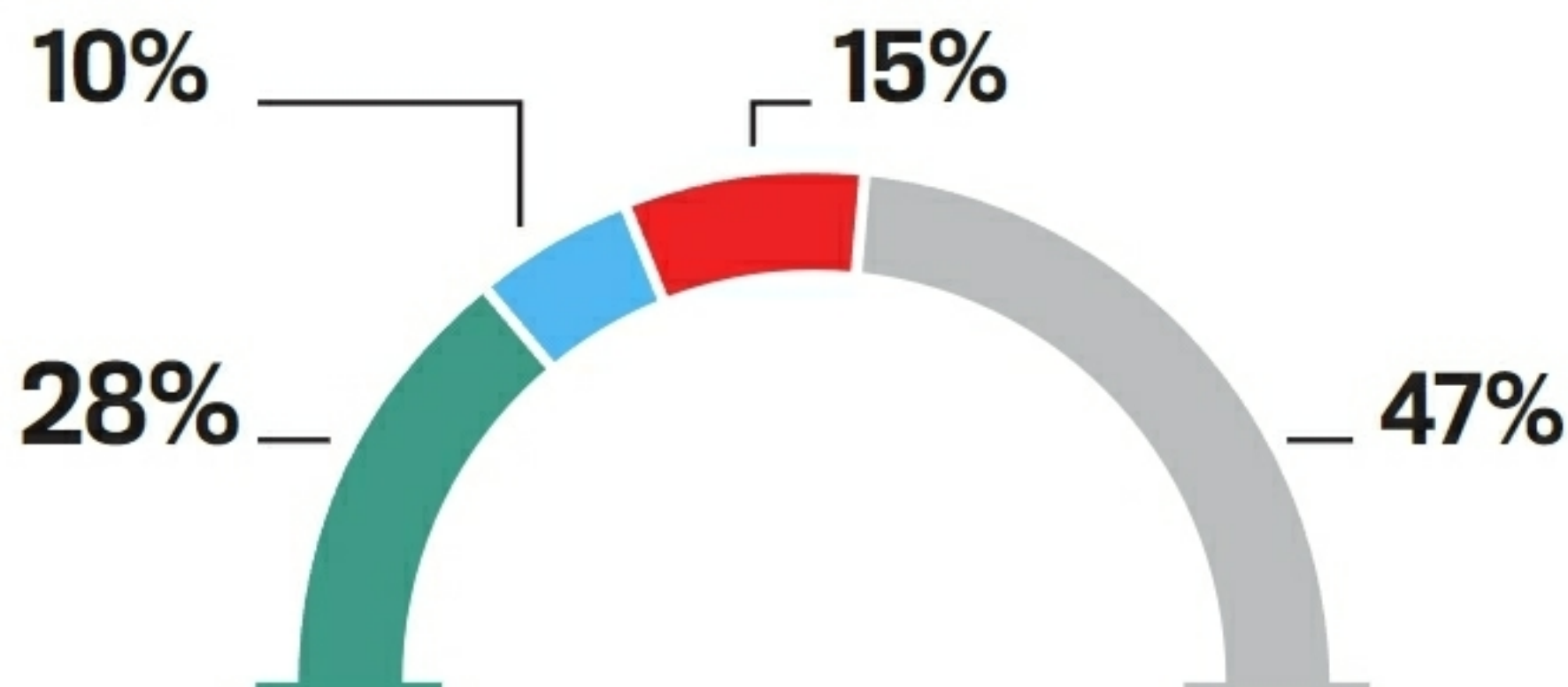
AFINIDADE POLÍTICA

7

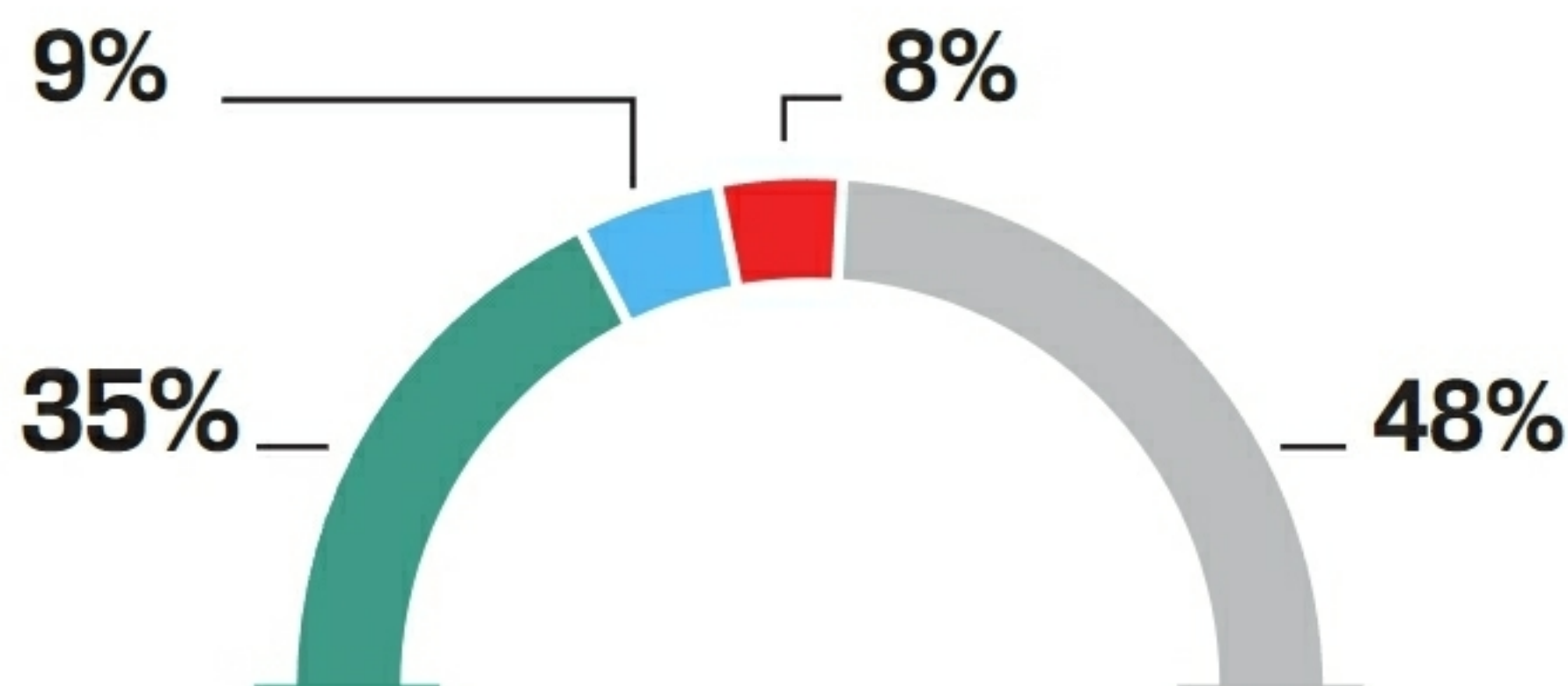
Maioria do eleitorado que se identifica com algum perfil ideológico diz ser direita

■ Direita ■ Centro ■ Esquerda
■ Não sabem/não responderam/nenhuma

CATÓLICOS



EVANGÉLICOS

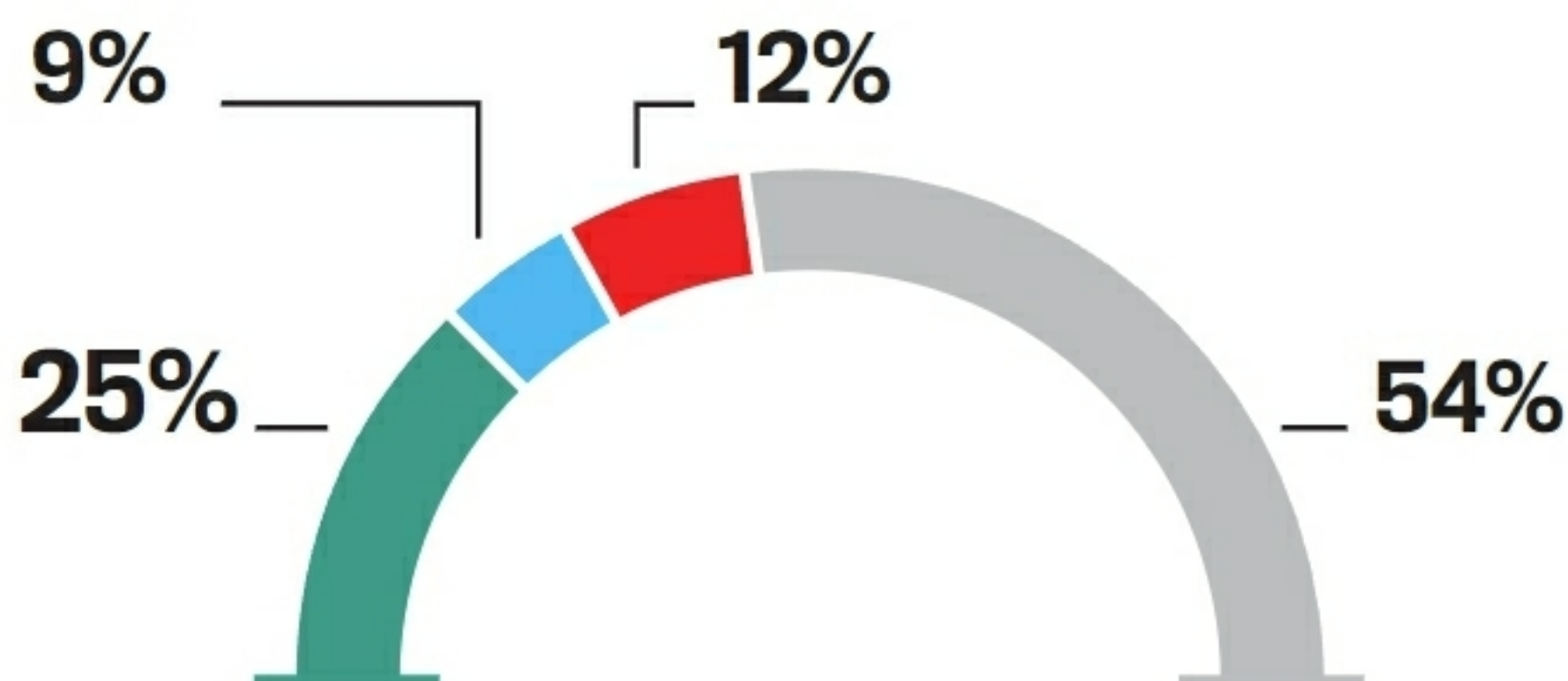


L

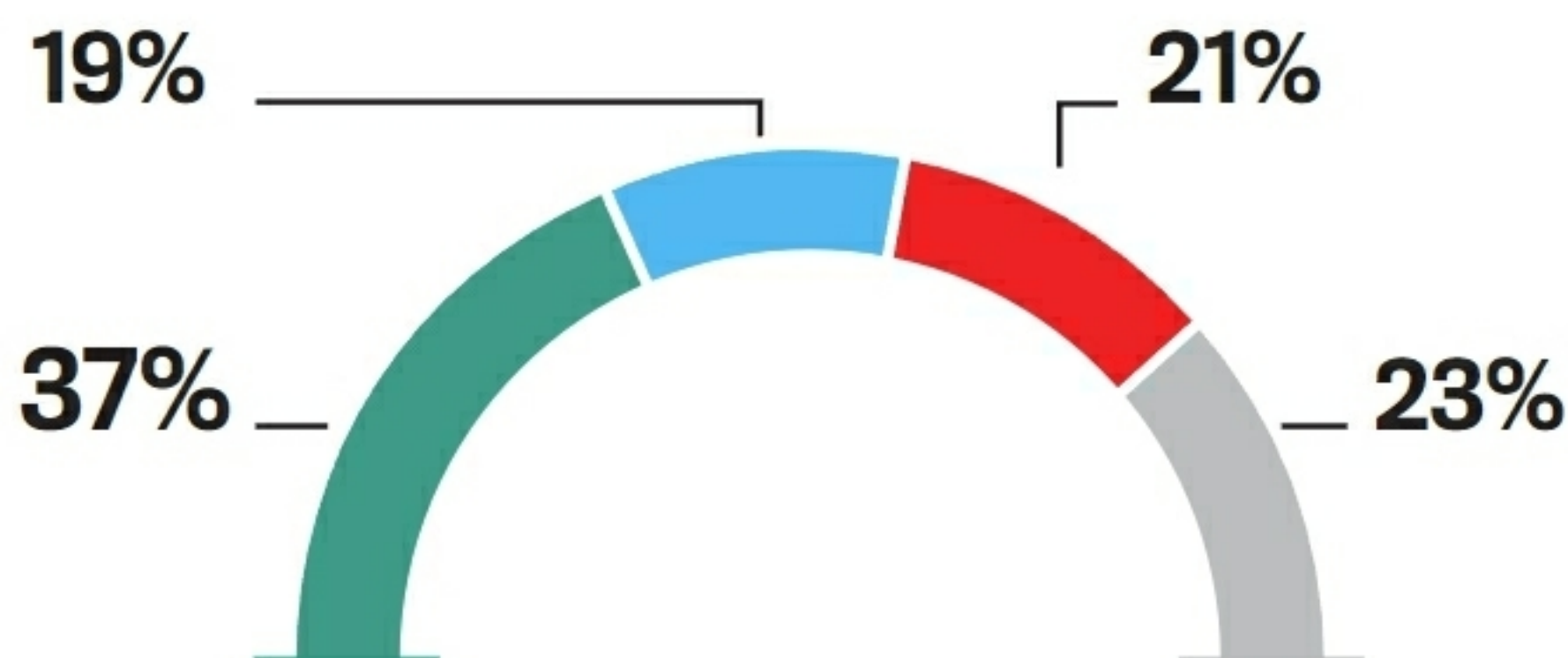
ta é estratégia deliberada e programática de renovação política levada pelos líderes”, diz.

Outro sinal da musculatura foram as votações relevantes em regiões e setores da sociedade mais inclinados à esquerda. Ao considerar as vinte maiores cidades do Nordeste em que a eleição foi resolvida no primeiro turno, dezesseis terão

RENDA DE ATÉ 2 SALÁRIOS MÍNIMOS

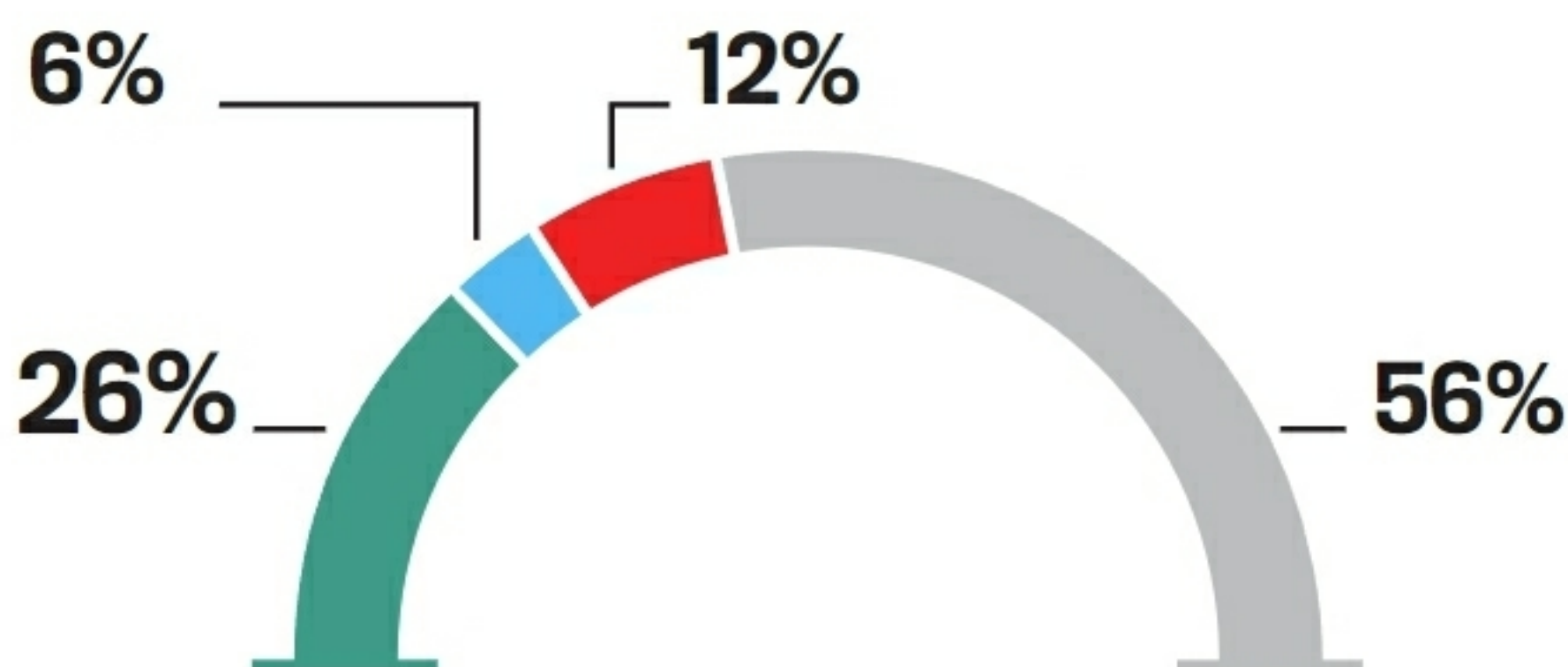


RENDA DE MAIS DE 6 SALÁRIOS MÍNIMOS

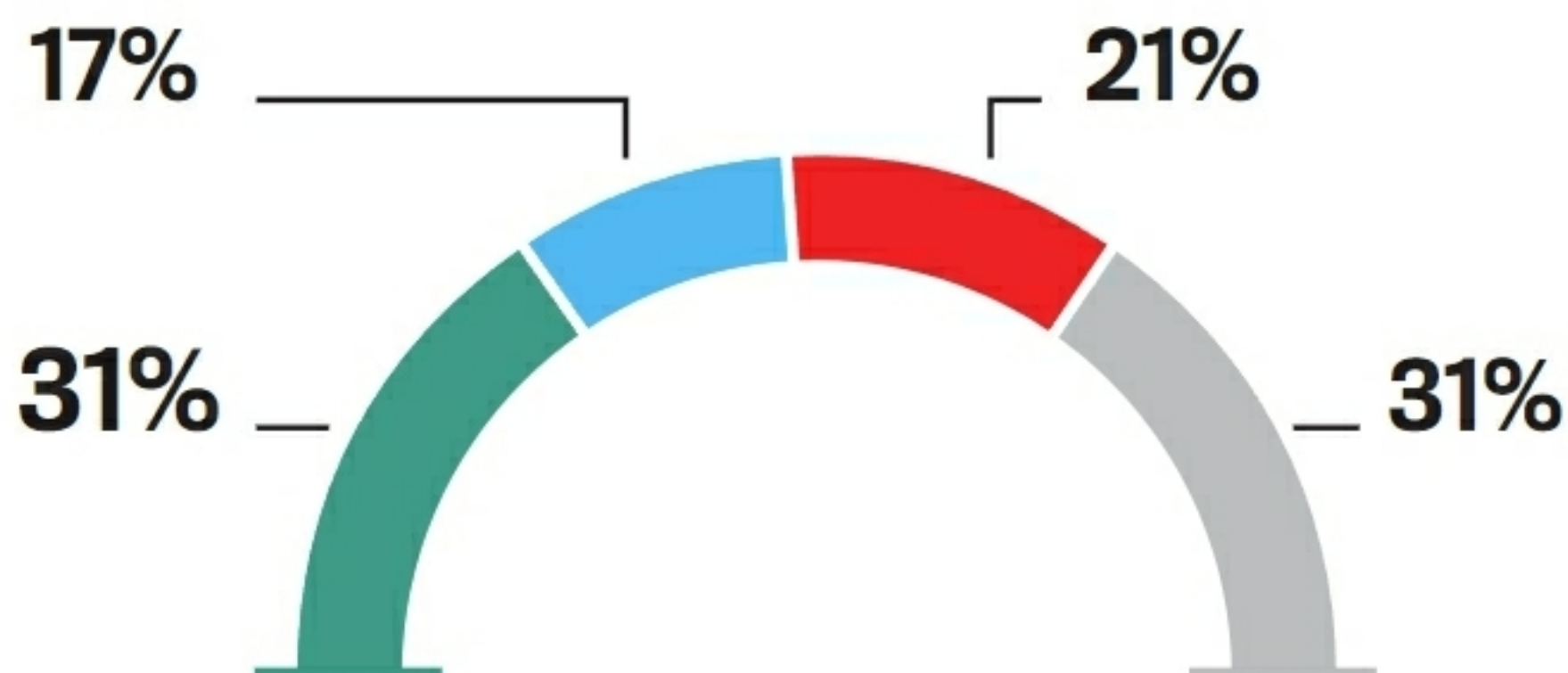


prefeitos de partidos de direita. Quando se põe a lupa nos votos na cidade de São Paulo, maior colégio eleitoral do país, as periferias das zonas Leste e Sul, tradicionais redutos petistas, escolheram Pablo Marçal (PRTB) e Ricardo Nunes (MDB), respectivamente. Os programas sociais também deixaram de ser fonte de votos para o petismo, já que muitos

ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO



ENSINO SUPERIOR COMPLETO



Fonte: DataSenado/Nexus — Pesquisa “Panorama Político 2024”

eleitores nasceram após a criação do Bolsa Família, no primeiro governo Lula. Pesquisa AtlasIntel feita duas semanas antes da votação mostrou que Nunes tinha 8 pontos percentuais a mais que Guilherme Boulos (PSOL) entre beneficiários do programa (30% a 22%). Ao mesmo tempo, a direita surfa na segurança pública, uma pauta que ganhou relevância na última eleição e que representa um tabu para partidos mais progressistas.

Outro ponto importante tem sido a renovação das caras da direita. Exemplo disso foi a chegada ao segundo turno de dois deputados do PL em capitais importantes como Belo Horizonte (Bruno Engler, de 27 anos) e Fortaleza (André Fernandes, de 26 anos) — ambos passaram em primeiro lugar. Engler já havia despontado em 2020, quando teve quase 10% dos votos na disputa municipal, mas ficou longe de impedir a vitória no primeiro turno do então popular prefeito da capital mineira, Alexandre Kalil.

Como ocorre com todo crescimento, o avanço da direita não se dá sem dores. Cada vez maior e mais decisivo no jogo político, o espectro enfrenta divisões em várias frentes. Uma delas foi escancarada em São Paulo, com a guerra surda entre Bolsonaro e Marçal, que levou mais votos de bolsonaristas do que Ricardo Nunes. O comportamento titubeante do ex-presidente, hesitando em dar apoio ostensivo ao prefeito para não se contaminar com uma eventual derrota, foi duramente criticado por um nome insuspeito: o pastor Silas Malafaia, um dos mais fiéis aliados de Bolsonaro e porta-voz de



REDUTO INIMIGO
André Fernandes:
primeiro lugar em
fortaleza petista

parte expressiva dos evangélicos (*leia a reportagem “Essa força estranha”*).

Se o racha na direita registrado em São Paulo ao menos já passou do pior momento, o mesmo não se pode dizer de outras cidades. Em Curitiba, está se desenhando outra dor de cabeça muito semelhante ao imbróglio paulistano. O vice-prefeito, Eduardo Pimentel (PSD) — candidato do prefeito Rafael Greca e do governador Ratinho Jr., ambos do PSD e com gestões muito bem avaliadas —, tem um político do PL como vice (o ex-deputado Paulo Martins), mas Bolsonaro deu sinal verde para Cristina Graeml, do minúsculo PMB, que cresceu nas retas finais e terminou colada ao candidato governista — 31,2% dos votos contra 33,5% de Pimentel. O que se espera é uma disputa acirrada pelo eleitor de direita que certamente deixará fissuras. O mesmo deve ocorrer em Goiânia, onde Caiado trocou farpas com o candidato de Bolsonaro antes de terminar o primeiro turno. Como quase nunca é possível brigar com o bolsonarismo e terminar tudo bem, fica a dúvida sobre quanto esses duelos impactarão as

pretensões eleitorais de Caiado e Ratinho, ambos cotados para disputar a Presidência. Também haverá duelos dentro da direita em Manaus, João Pessoa, Campo Grande e Palmas. Em Belo Horizonte, embora o adversário de Bruno Engler (PL) seja Fuad Noman, do PSD, o duelo terá outra feição porque o prefeito terá o apoio de Lula e da esquerda.

Embalada pelo impeachment de Dilma desde a eleição de 2016, a onda conservadora espelha aspirações de segmentos relevantes da vida social. A direita é plural, pois abraça as demandas de conservadores nos costumes, defensores da economia liberal, evangélicos, militares, autoritários e até adeptos da pregação antissistema e de teorias conspiratórias. No entanto, quanto maior se torna, mais expostas ficam a heterogeneidade desse grupo e suas diferenças. Ainda que conversem em algumas pautas, a formação de um projeto coeso para 2026 é uma tarefa árdua. A vitória nas urnas mostra o potencial desse eleitorado, mas o uso da musculatura adquirida vai depender de sabedoria política. ■



TAYNARA BARBOSA/ATO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO

REVANCHE Bruno Engler:

em 2020, ele foi derrotado pelo PSD no 1º turno

FORA DO 1º TURNO, X VOLTA AO CAMPO POLÍTICO

Suspenso no Brasil desde 30 de agosto por decisão do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo, o X (antigo Twitter), a rede social mais influente no debate político, está de volta à arena eleitoral a tempo de participar do segundo turno das disputas municipais.

Conhecida mundialmente como um palco onde a direita predomina – até em razão do perfil ideológico de seu dono, o magnata Elon Musk –, a plataforma tende a dar combustível às candidaturas desse espectro ideológico. Dos quinze concorrentes nas capitais com mais seguidores no X, onze estão à direita, entre eles sete do PL. O partido é um dos que mais provocam engajamento na plataforma, por meio da família Bolsonaro (Jair Bolsonaro é o político brasileiro mais popular da rede, com 13 milhões de seguidores), de apoiadores do ex-presidente e de outros perfis de direita populares. “O bloqueio do X é para nos prejudicar. Depois das eleições, ele volta”, reclamou o ex-presidente em live no Instagram três dias antes do primeiro turno, quando disse que a medida visava ajudar a “esquerda podre”.

A relação da direita com a plataforma foi provada durante o período de suspensão, quando políticos como os deputados Ricardo Salles, do Novo, Nikolas Ferreira, Carla Zambelli e Mario Frias, todos do PL, permaneceram ativos na rede, a despeito da proibição. Pesquisa Datafolha de setembro mostrou que 73% dos apoiadores de Bolsonaro e 80% dos eleitores de Pablo Marçal (PRTB) discordavam do bloqueio do X, enquanto 70% dos simpatizantes de Lula e 78% do eleitorado de Guilherme Boulos (PSOL) se disseram favoráveis ao ato.



ESSA FORÇA ESTRANHA

Vitórias e derrotas de Jair Bolsonaro no primeiro turno foram frutos de sua postura impulsiva e contraditória como cabo eleitoral nas principais campanhas do país **RICARDO FERRAZ**



INSTAGRAM @FREDRODRIGUESGO

ALIADOS Jair Bolsonaro e Fred Rodrigues, do PL: apoio decisivo em Goiânia



PARA Jair Bolsonaro, o primeiro turno das eleições municipais funcionou como um teste de popularidade — e o resultado não foi lá dos melhores. Derrotado por Lula em 2022 e condenado à inelegibilidade até 2030 pela Justiça Eleitoral, dois fatores que reduzem o poder de influência de quem até pouco tempo atrás reinava absoluto no campo da direita, o ex-presidente colheu percalços inesperados no papel de cabo eleitoral, muito embora sua presença tenha alavancado a alturas nunca vistas muitos candidatos de sua agremiação, o Partido Liberal (PL). Acostumado a agir intuitivamente, de maneira impulsiva e contraditória, desta vez ele até se sentou com caciques do PL para fazer algo inédito: planejar estratégias eleitorais, com base em mapas e planilhas — e também aí amargou decepções, colhendo derrotas ruidosas em escolhas mais pessoais. “O sentimento antissistema, que favoreceu Bolsonaro em 2018, segue orientando a escolha de muitos eleitores”, diz Carlos Melo, professor de ciência política do Insper. “Mas ele mesmo já não tem o amplo comando do conservadorismo no Brasil.”

No lado positivo da balança do prestígio bolsonarista pesa a participação do PL no segundo turno em nove capitais — Belo Horizonte, Fortaleza, Goiânia, Aracaju, Cuiabá, Belém, Manaus, João Pessoa e Palmas — e o avanço no total de eleitores conquistados pela sigla, que subiu 240% entre 2020 e 2024, abarcando mais de 15 milhões de votos. “Tudo isso se deu graças a ele. Jamais em nossas vidas havíamos sequer disputado segundo turno em capitais”,



BRONCA Silas Malafaia, amigo pessoal que não poupa críticas a posturas do ex-presidente na eleição: “Que líder é esse?”

comemora o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, um dos responsáveis por articular visitas do ex-presidente a 144 cidades durante a campanha.

Bolsonaro serviu de cabo eleitoral infalível em vários outros embates de peso país afora. Em Goiânia, onde Ronaldo Caiado (União Brasil), outro presidenciável, esperava disputar o comando da cidade com o PT, o PL lançou um desconhecido, Fred Rodrigues, que usou e abusou da



EM FAMÍLIA Os filhos Jair Renan (à esq.) e Carlos: vereadores mais votados

associação de sua imagem com a do ex-presidente e deixou todos os adversários para trás (ele ficou 4 pontos à frente de Sandro Mabel, do União Brasil, com quem vai disputar o segundo turno). Arrancada semelhante ocorreu em Belo Horizonte, cidade em que o deputado estadual Bruno Engler, de apenas 27 anos, superou em 19 pontos os votos do popular apresentador de TV Mauro Tramonte, lançado pelo governador Romeu Zema. “Fui recebido com bons

olhos e bons ouvidos, muito por causa do capital político do ex-presidente”, enfatiza Engler.

Com ajuda de Bolsonaro, o desempenho do PL também surpreendeu no Nordeste, onde anulou o domínio petista dos últimos anos. Em João Pessoa, o negacionista ex-ministro da Saúde Marcelo Queiroga, que andava sumido, está no segundo turno. André Fernandes, em Fortaleza, o segundo maior colégio eleitoral fora do Sudeste, também estará nas urnas em 27 de outubro. Para a segunda rodada do pleito, estão programadas idas de Bolsonaro a todos os municípios em disputa, começando por comícios, motocicletas e corpo a corpo em Goiânia, Fortaleza e Cuiabá — nessas duas últimas capitais haverá embates diretos com candidatos do PT, a rivalidade mais explorada e crucial. “O PL hoje é um partido urbano, que está identificado com a classe C, enquanto o PT ficou reduzido a grotões”, alfineta o senador Rogério Marinho (PL-RN), principal articulador do partido nas eleições municipais.

Priorizar as candidaturas próprias nas três semanas que antecedem o segundo turno, além de encher a bola do PL, evita saia justa em outras cidades onde a disputa é movida por alianças que deixam o pano de fundo das eleições presidenciais de 2026 mais em evidência — circunstância que, ao que tudo indica, incentivou Bolsonaro a ser mais Bolsonaro do que fiel soldado do partido. Fora de seu circuito eleitoral, pelo menos por enquanto, está São Paulo, onde ele cedeu aos anseios do PL e apoiou o atual prefeito



MÁRCIA FOLETTO/AGÊNCIA O GLOBO

TRIUNFO Paes venceu no Rio de Janeiro contra Ramagem: o candidato escolhido a dedo pelo clã perdeu em primeiro turno

Ricardo Nunes (MDB), em vez de lançar candidato próprio. Ao ver o espaço da direita mais radical ser ocupado por Pablo Marçal, no entanto, Bolsonaro se distanciou da campanha e, em determinado momento, chegou a elogiar o coach. Nos últimos dias de campanha, o ex-presidente fez gestos para tentar desfazer o mal-estar no entorno de Nunes, mas insuficientes para apagar a confusão. A postura errática rendeu críticas ferrenhas de aliados como o pastor Silas Malafaia, que se referiu ao amigo pessoal como “covarde” e “omisso”. “Que líder é esse que emite sinais duplos o tempo todo?”, questionou Malafaia.



NO PÁREO Marcelo Queiroga: ex-ministro ganhou impulso na reta final e segue na disputa pela prefeitura de João Pessoa

Entrevero semelhante se observou em Curitiba, outro município afetado pelo roteiro da aliança *pero no mucho*: apesar de o PL compor com Eduardo Pimentel (PSD), surpreendentemente, Bolsonaro endossou, na reta final, Cristina Graeml (PMB), que se apresentou como “a única representante legítima da direita”. “Torço por você e ponto final”, disse em um vídeo de apoio à candidata (Pimentel e Graeml, quase empatados, vão para o segundo turno). No momento em que a política nacional tem um olho na votação municipal e outro em 2026, não é mero acaso que as duas capitais a escancarar rachas em coalizões da

direita se situem em estados nos quais os governadores — Tarcísio de Freitas (Republicanos) e Ratinho Junior (PSD) — não escondem a pretensão de chegar ao Palácio do Planalto.

Entre os transtornos bolsonaristas, o maior e mais doído ocorreu no Rio, a cidade onde o ex-presidente fez sua carreira política: lá, Alexandre Ramagem, ex-comandante da Abin escolhido a dedo por contar com a estrita confiança da família, foi derrotado em primeiro turno por Eduardo Paes (PSD), apoiado por Lula. O revés carioca só não teve gosto mais amargo porque Carlos Bolsonaro, o filho Zero Dois, se reelegeu para seu sétimo mandato como vereador, com a votação recorde. Outro filho, Jair Renan, estreante nas urnas, disputou uma vaga na Câmara de Balneário Camboriú, em Santa Catarina, e também se tornou o mais votado (carregado pelo sobrenome, já que, por orientação paterna, quase não falou em público). Passadas estas eleições, a família se dedicará à missão de derrubar a inelegibilidade do chefe via projeto de lei de anistia aos presos pelos atos golpistas de 8 de janeiro, o que permitiria disputar a Presidência em 2026. Até lá, fará de tudo para recuperar o poder de fogo. Mesmo dando passos erráticos na campanha municipal, o que o levou a amargar derrotas importantes, o capitão mostrou possuir uma reserva de munição de popularidade nada desprezível. ■

Com reportagem de Duda Monteiro de Barros



TUDO OU NADA

Pablo Marçal teve quase 30% dos votos em São Paulo e já faz planos para 2026, mas acumulou tantos problemas com a Justiça que pode ficar inelegível **ISABELLA ALONSO PANHO**



EDILSON DANTAS/AGÊNCIA O GLOBO

ACOSSADO O ex-coach: 206 ações na Justiça contra ele em pouco mais de dois meses de campanha eleitoral



OUTSIDER NAS ELEIÇÕES em São Paulo, o ex-coach Pablo Marçal apostou na desordem: não economizou na agressividade aos adversários, divulgou acusações sem provas, tumultuou debates, ofendeu seguidamente os concorrentes e chegou a levar uma cadeirada de um deles, José Luiz Datena (PSDB), ao vivo na TV. Sem tempo no horário eleitoral, mas embalado por uma forte presença digital, martelou os bordões “faz o M” e “não vai ter segundo turno”. A previsão se concretizou, mas não da forma como imaginava: a rodada final vai acontecer, mas sem ele no páreo. O desempenho nas urnas, porém, foi impressionante: 1,7 milhão de votos (quase 30%), com a possibilidade real de superar tanto Ricardo Nunes (MDB) quanto Guilherme Boulos (PSOL) durante a apuração. Saiu dela dizendo que não se achava derrotado e avisou que “2026 é logo ali”. “Eu me sinto o político mais poderoso do Brasil hoje”, declarou, sem nenhuma modéstia.

A pretensão do ex-coach, no entanto, esbarra em um problema. Ou melhor, em centenas deles. Entre a realização da convenção partidária, em agosto, e o fim da sua campanha, ele acumulou nada menos do que 206 processos judiciais. Há sete ações na Justiça comum, incluindo cobranças milionárias de empresas que trabalharam para ele na eleição e pedidos de indenização de adversários por crimes como calúnia, injúria e difamação. Outras 199 ações foram sobrecarregar a Justiça Eleitoral. Parte desse acervo já foi arquivado e a maioria são representações (74) e pedidos de

PROBLEMAS COM A LEI

*Estratégia na eleição deixou o
ex-coach na mira da Justiça*

TIRO PELA CULATRA



Além de provavelmente ter tido um custo nas urnas, o laudo falso divulgado na véspera da votação para acusar Boulos de usar cocaína fez Marçal perder suas redes sociais pela segunda vez e o colocou como alvo de processo na Justiça Eleitoral que pode tirá-lo da eleição em 2026

NA MIRA DE MORAES



O empresário foi intimado pelo ministro Alexandre de Moraes, do STF, após ter usado o X, que estava suspenso, para divulgar o laudo falso. Segundo o ministro, houve uso sistemático e indevido da rede social para propagar desinformação — o que também pode deixá-lo inelegível

direito de resposta (56), mas há nesse bolo alguns casos sensíveis que podem minar os planos de Marçal porque têm potencial para torná-lo inelegível (*veja o quadro abaixo*).

Embora até agressão com soco tenha sido registrada contra a sua campanha — desferido por um assessor contra um marqueteiro de Nunes —, a acusação mais grave contra Marçal veio de um tiro no pé dado pelo próprio. Na antevéspera do primeiro turno, ele publicou em seu perfil

POLÍCIA NO ENCALÇO



Por conta de uma representação feita por Boulos, a Polícia Federal já investiga Marçal desde meados de setembro por conta de divulgação de informações falsas na campanha. O laudo sobre o candidato do PSOL, cuja falsidade foi confirmada pela PF, foi anexado à investigação

CAMPANHA ILEGAL



Marçal é acusado de alavancar o engajamento nas redes pagando apoiadores para fazer e divulgar cortes de seus vídeos. O PSB levou o caso à Justiça Eleitoral, o que causou a suspensão de seus perfis. Uma condenação por abuso de poder econômico pode torná-lo impedido de disputar eleições

um laudo apontando que Boulos havia sido internado em 2021 devido a um surto psicótico por uso de cocaína. O documento era falso. O médico que assina o atestado já faleceu, nunca atendeu na clínica indicada e sua especialidade era hematologia. O número do RG do psolista está errado, e o candidato do PSOL tinha várias evidências de que cumpria outras agendas no dia da “internação”. Além de ter perdido votos e aliados com isso, já que a condenação

“CAPIVARA” LONGA



Marçal se tornou alvo de 199 processos na Justiça Eleitoral. Alguns já estão arquivados, e a maioria é de representações (74) e pedidos de direitos de resposta (56). Porém, há dez ações de investigação judicial eleitoral — mesmo tipo de processo que deixou Bolsonaro inelegível

CALOTE MILIONÁRIO



Duas empresas — Qualimedia e Vivere Press — entraram na Justiça comum alegando que não receberam o valor combinado para trabalharem na campanha. Somando o que as duas dizem ter a receber do ex-candidato, o valor chega a 1,5 milhão de reais

política ao episódio foi ampla, ele agora responde a investigações criminais tanto na Justiça Eleitoral quanto na comum. Em qualquer uma dessas frentes, o preço pode ser o fim da pretensão de ser candidato em 2026. De quebra, entrou na mira de Alexandre de Moraes, do STF, e da Polícia Federal pelo uso sistemático e indevido da rede social X para propagar desinformação — o que também pode deixá-lo inelegível.

Na impressionante relação de rolos na Justiça do ex-candidato há ainda mais dez ações de investigação judicial eleitoral, mesmo tipo de processo que tirou o ex-presidente Jair Bolsonaro das urnas, incluindo a que o PSB, de Tabata Amaral, moveu por causa do sistema de remunerar pessoas para fazer e viralizar “cortes” de vídeos nas redes — prática que pode caracterizar abuso de poder econômico e que representou o primeiro grande golpe na sua campanha, com a suspensão de todos os seus perfis na internet.

Apesar de todas as encrencas que acumulou em tão curto espaço de tempo em sua tentativa de virar prefeito de São Paulo, Marçal não entrou na disputa com a bagagem vazia. Antes mesmo da pré-campanha, ele já carregava mais de 100 processos em seu nome e no de suas empresas, além de investigações complicadas e com o potencial de gerar condenações criminais. Dois exemplos graúdos são a expedição fracassada a um pico na Serra da Mantiqueira, colocando em risco a vida de pes-



FLERTE Antonio Rueda: presidente do União Brasil tentou levar Marçal para a sigla durante a pré-campanha em São Paulo

soas, e o inquérito que investiga se ele usou as doações da campanha presidencial de 2022, quando era filiado ao PROS, para lavar dinheiro. Esse último caso é investigado pela mesma delegacia da Polícia Federal que apura o laudo falso contra Boulos.

O comportamento de Marçal, que flerta a todo tempo com a ilegalidade, o mau gosto e a falta de educação, também teve um outro custo alto para ele. Sua rejeição foi crescendo à medida que se tornava mais conhecido, chegando a 53% na reta final da eleição, segundo o Datafolha, um cenário que tornaria quase impossível uma vitória no segundo turno contra qualquer rival. Também criou barreiras para qualquer articulação política futura, como uma aproximação com Ricardo Nunes. Na campanha, ele levantou várias vezes o caso em que o prefeito teve um boletim de ocorrência registrado pela esposa por violência doméstica — já no dia seguinte ao primeiro turno, Nunes avisou que vai em

busca do eleitor de Marçal, mas quer o ex-coach longe do seu palanque. Dentro da campanha do prefeito, a ordem é não dar mais engajamento a Marçal e tratá-lo como “página virada”. Incomodado, o ex-coach anunciou que não vai apoiar a reeleição do emedebista, disse que seu objetivo na disputa era vencer a “extrema esquerda”, mas que agora liberou os seus apoiadores até para votar em Boulos, que, afirma, “vai vencer”.

Apesar da derrota no primeiro turno, dos problemas com a Justiça, da alta rejeição do eleitor e do nariz torcido de boa parte da classe política, Marçal não baixa a régua da pretensão eleitoral. Para 2026, disse que vai tentar um cargo no Executivo — governo do estado ou a Presidência da República. Hoje seu nome tem o potencial de fragmentar ainda mais a direita e atrair uma parcela generosa do eleitorado de Bolsonaro, em especial aquela mais radical, que não se identificou com Nunes e não se identifica com o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), nome moderado da direita que tem se credenciado a ser a alternativa dessa corrente ideológica para o Planalto.

Os planos já começaram a ser feitos. Em entrevista após a derrota, Marçal disse que já foi sondado por quatro partidos grandes — não revelou nenhum. Na pré-campanha, chegou a flertar com o União Brasil, quando participou de reunião em Brasília com o governador Ronaldo Caiado, o presidente do partido, Antonio Rueda, e o secretário-geral da sigla, ACM Neto. Ele teve outros contatos com Rueda. Membros da sigla

em São Paulo classificam a filiação de Marçal como um evento “bem possível”. Ciro Nogueira, presidente do PP, disse a VEJA que Marçal é um nome de alcance nacional que “pode disputar qualquer cargo majoritário” e “só não compete com Bolsonaro”. Outros bolsonaristas se aproximaram de Marçal, como o ex-ministro e hoje deputado Ricardo Salles (Novo), que atuou para fazer a ponte entre o ex-coach e o ex-presidente Jair Bolsonaro. Salles acha que Marçal perdeu a eleição ao divulgar o laudo falso, mas conseguiu acumular capital político suficiente para ser levado em consideração no jogo de 2026.

Quando começou a falar que iria disputar a eleição paulistana, Marçal era a escolha de menos de 5% dos eleitores. Alavancado pelo discurso antipolítica, pela pregação da ascensão social por meio do empreendedorismo e pelas polêmicas em série, ficou a poucos passos de disputar o segundo turno em São Paulo. O seu estilo perturbador pode causar barulho por mais tempo na política, mas isso vai depender da enorme prestação de contas que tem a fazer com a Justiça. ■



ALOISIO MAURICIO/FOTARENA

PONTE Salles: deputado fez a ligação entre Bolsonaro e o candidato do PRTB



RICARDO RANGEL

SERÁ QUE A MODERAÇÃO VENCEU?

O mau humor que viabilizou Bolsonaro e Marçal vai voltar em 2026

FOI UMA SURRA. No ranking de prefeituras, os seis primeiros partidos mais bem-sucedidos são todos de direita ou centro-direita — o Centrão se distribui por todos. Juntos, levaram quase 4 000 prefeituras. O PT, com apenas 248, ficou em nono lugar, atrás até do PSB e do PSDB (!).

Em São Paulo, onde Lula se envolveu intensamente, Guilherme Boulos passou raspando, e mesmo assim somente porque a direita rachou ao meio, sem o que teria perdido no primeiro turno, por 58% a 29%.

Há quem queira tapar o sol com a peneira, dizendo que houve progresso: afinal, em 2020, o resultado foi ainda pior (verdade, mas, naquela época, Lula não era o presidente). Outros botam a culpa em tudo e em todos — até no eleitor pobre, que não teria consciência de classe —, menos no PT. A verdade é que a esquerda se tornou incapaz de compreender o Brasil do século XXI ou de construir um discurso que convença o eleitorado.

Bolsonaro também perdeu. Seu partido, o PL, mesmo com a maior verba eleitoral (1 bilhão de reais), ficou em quinto lu-



gar. Seu candidato no Rio (sua cidade e reduto), Alexandre Ramagem, tomou uma tunda de 60% a 31% de Eduardo Paes — este, sim, um dos maiores vencedores desta eleição, franco favorito para governador em 2026.

Mais impressionante foi ter perdido o controle do bolsonarismo. Os eleitores mais radicais de Bolsonaro aderiram ao arrivista Pablo Marçal. Perplexo e paralisado, o ex-presidente viu aliados como Marco Feliciano, Nikolas Ferreira e Ricardo Salles embarcarem na candidatura do coach. Silas Malafaia, um dos apoiadores mais ferrenhos de Bolsonaro, veio a público para chamar o apoiado de “omisso”, de “porcaria de líder” *y otras cositas más*.

Ricardo Nunes, frustrado com o pouco apoio recebido no primeiro turno, agora não sabe se Bolsonaro mais ajuda ou atrapalha. Como não existe vácuo em política, o posto de padrinho de Nunes, antes reservado ao ex-presi-

**“O Centrão pode não ser
extremista, mas o seu
apetite é imoderado e
tende a tomar o
orçamento do país”**

dente, foi ocupado pelo governador Tarcísio de Freitas — outro vencedor.

Pablo Marçal poderia ter perdido ganhando — em poucas semanas, foi de nulidade a fenômeno e chegou empatado com Nunes e Boulos —, mas tem um encontro marcado com a Justiça. (Quem de fato perdeu ganhando foi Tabata Amaral, que mostrou preparo, coragem e respeitáveis 10%: jovem e sem problemas com a Justiça, tem uma avenida aberta pela frente.)

O maior vencedor desta eleição, no entanto, é Gilberto Kassab, chefe do PSD. Depois de conquistar 878 prefeituras, passou a semana dando entrevistas e ocupando o espaço que lhe cabe: o de principal fiador da eleição de 2026. Deixou claro o que todo mundo meio que já sabe: Bolsonaro está fora do baralho e, se Lula estiver fraco, o candidato é Tarcísio. (Se Lula estiver forte, aí tem conversa.)

PT e Bolsonaro foram derrotados e o Centrão venceu, mas é um erro supor que venceu a moderação. O mau humor que viabilizou extremistas como Bolsonaro e Marçal continua vivo, e vai voltar em 2026. E o Centrão pode não ser politicamente extremista, mas seu apetite é imoderado e tende a tornar o orçamento do país inviável. E ninguém tem projeto de país.

É cedo para o Brasil respirar aliviado. ■



O PODER DA CANETA

Não por coincidência, os partidos que dividiram as maiores fatias do chamado orçamento secreto elegeram mais de 60% dos prefeitos em todo o país

MARCELA MATTOS



INSTAGRAM @DAVIALCOLUMBRE

SÓ ALEGRIA Davi Alcolumbre: vitória de doze candidatos apoiados por ele



EM MEIO a uma pequena multidão no interior do Amapá, o ministro Waldez Góes, da Integração e do Desenvolvimento Regional, tomou a dianteira montado em uma bicicleta e saiu ziguezagueando entre uma tropa que chacoalhava bandeiras para o alto. O líder do governo no Congresso, senador Randolfe Rodrigues, se protegia do calorão com um boné que levava o nome e o número do seu candidato na região e atenciosamente parava para distribuir fotos e abraços. Enquanto isso, o governador Clécio Luis se misturava aos demais amapaenses em total clima de festa, registrado por drones que davam a dimensão da passeata. Sobre a caçamba de uma caminhonete, o senador Davi Alcolumbre (União Brasil), anunciado como o futuro presidente do Congresso, enumerava e comemorava as obras que foram realizadas na região — e prometia mais avanços caso o seu aliado fosse eleito prefeito. Cenas como essas se repetiram ao longo dos últimos meses nos principais municípios do estado — numa campanha vitoriosa que elegeu nada menos do que doze dos dezesseis prefeitos apoiados pelo grupo. Sempre junto, o quarteto foi apelidado de Time Davi, referência ao mandachuva do grupo e guardião do segredo do sucesso.

E qual seria a chave que abriu as portas para esse triunfo? A eleição municipal deste ano foi a primeira disputada após a consolidação do chamado orçamento secreto, uma modalidade que permitiu a deputados e senadores enviarem 26 bilhões de reais do Orçamento federal para suas bases políticas sem serem identificados e sem nenhum cri-



NAS RUAS Arthur Lira: “Por onde passei, senti emoção e reconhecimento”

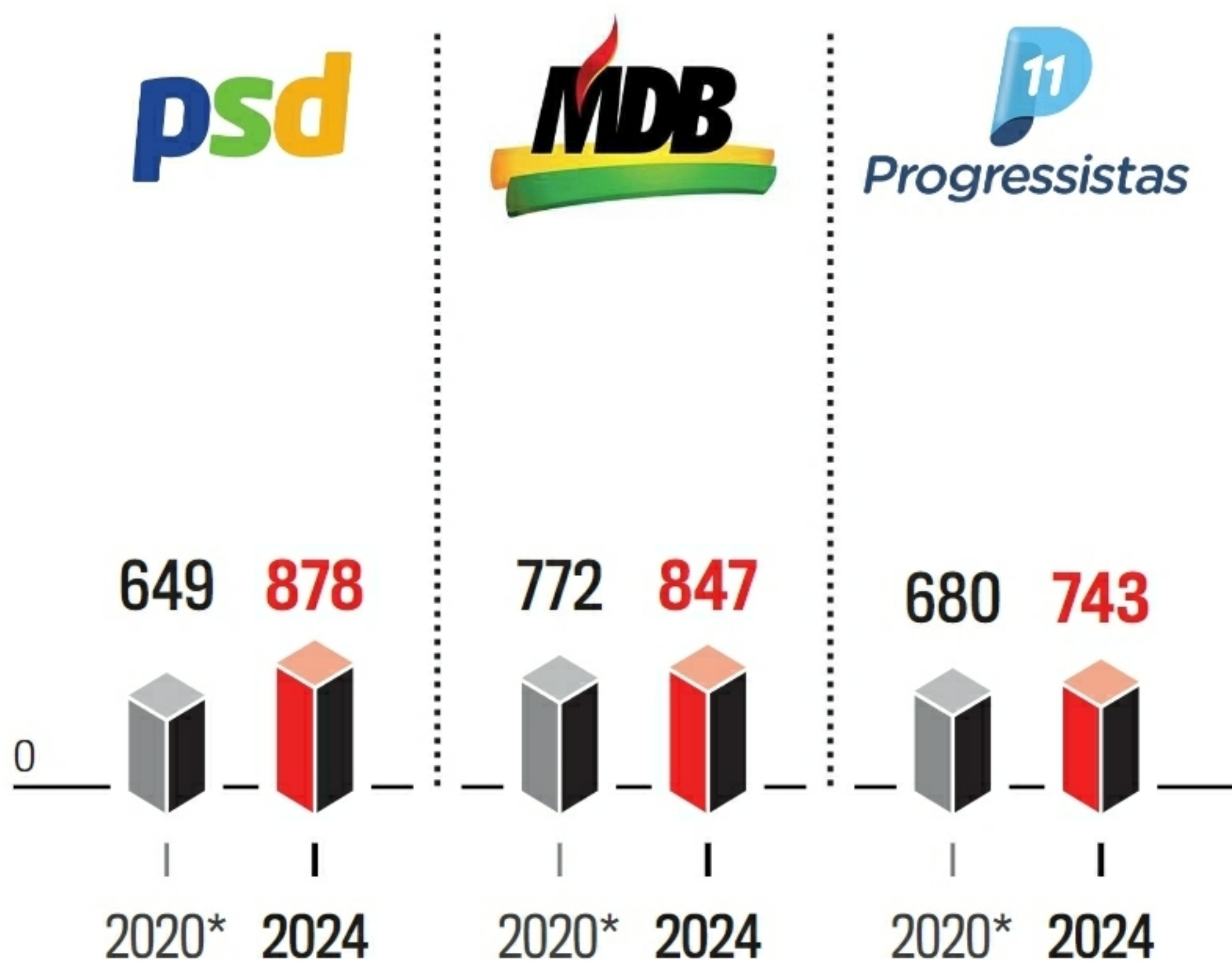
tério objetivo. Esse dinheiro vai parar nos cofres dos municípios amigos; quando bem utilizado, é transformado em hospitais, escolas, praças ou quadras esportivas — e gera dividendos políticos. O caso do Amapá é exemplar: com 800 000 habitantes, menos de 0,5% da população brasileira, o estado recebeu quase 400 milhões de reais por meio dessas emendas. À época da criação do orçamento secreto, Davi Alcolumbre era o presidente do Senado e se notabilizou como um dos principais articuladores da distribuição das verbas. “Nunca tivemos uma gestão que fizesse tanto em tão pouco tempo. Nós estamos encaminhando os recursos federais, mas aqui o prefeito está executando em

benefício do povo”, discursou o senador, enquanto fazia campanha em Tartarugalzinho, cidade que recebeu 48 milhões de reais, proporcionalmente mais dinheiro do que foi enviado a São Paulo, a maior metrópole da América Latina. O prefeito foi eleito com 6 733 votos, 73% do total.

Não por acaso, os partidos que formam o bloco conhecido como Centrão — PSD, MDB, PP, Republicanos e o União Brasil do ex e provável futuro presidente do Senado — elegeram o maior número de prefeitos. Artífice dessas emendas entre os deputados, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), é outro que comemorou o resultado das urnas ao eleger aliados em 42 dos 102 municípios do seu estado. Um deles é seu pai, Benedito de Lira, que, aos 82 anos, vai comandar Barra de São Miguel por mais quatro anos. Os cofres de Alagoas foram turbinados com 1 bilhão de reais apenas em emendas do orçamento secreto — e, para não fugir à regra, a cidade gerida por Biu de Lira foi a maior beneficiada em termos proporcionais. Com uma população de 8 000 pessoas, recebeu 10 milhões de reais, 1 100% acima da média nacional. “Por onde passei, senti a emoção e o reconhecimento pelo trabalho que realizamos em Brasília para trazer recursos que mudam a vida da nossa gente para melhor. São milhares de casas, diversas unidades de saúde, escolas, pavimentação de centenas de ruas. São tratores que mudam a vida no campo, ações que desenvolvem agricultura e atraem empresas”, comemorou Lira durante a campanha. Biu recebeu 4 563 dos 7 042 votos depositados nas urnas.

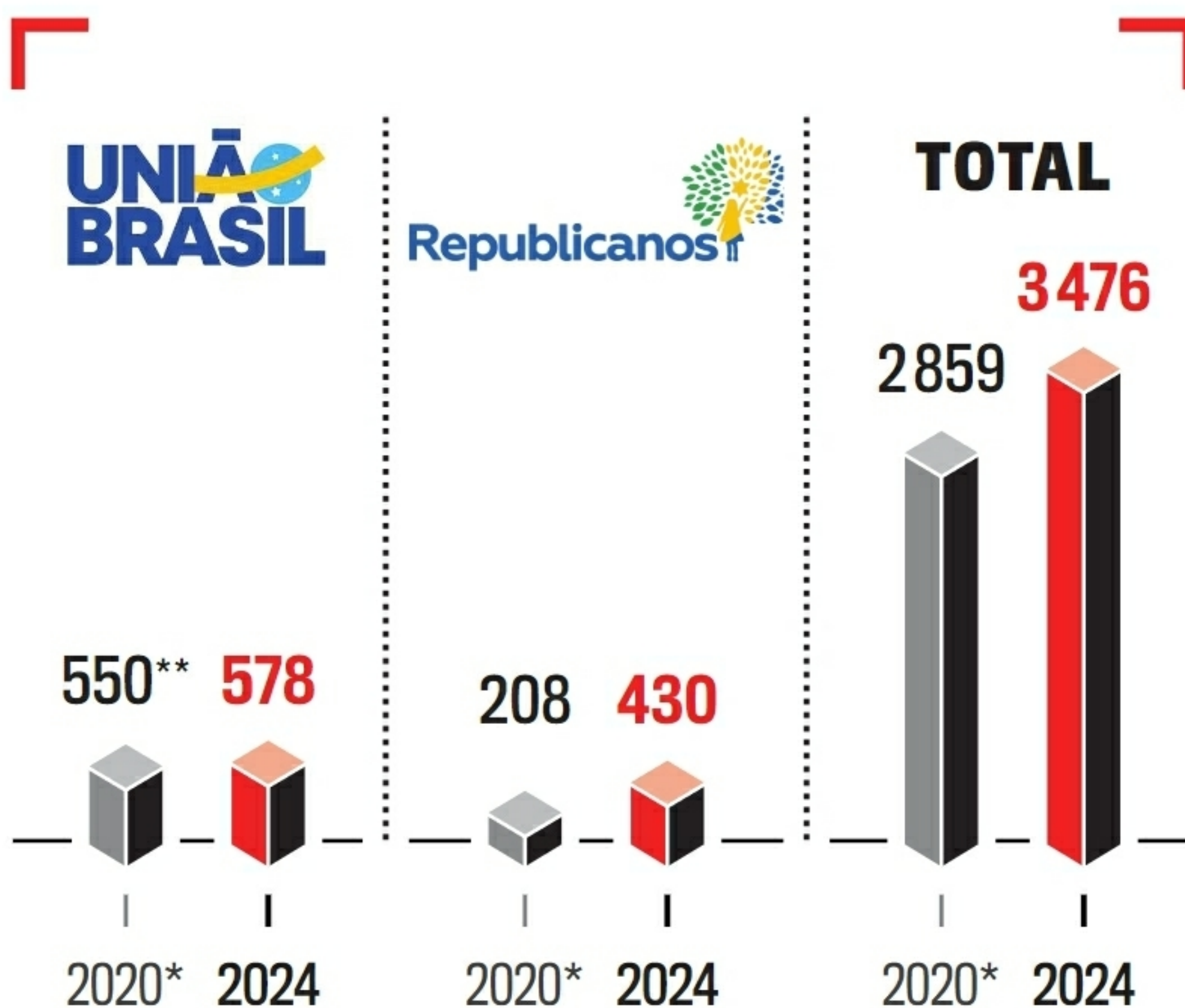
EMPUXO ELEITORAL

Impulsionados pelas bilionárias fatias do Orçamento, os partidos que formam o chamado Centrão crescem e conquistam 3 476 prefeituras no primeiro turno, oito nas capitais



* Resultados do primeiro turno

É um ciclo vicioso para os cofres públicos, mas virtuoso para os parlamentares. Quanto maior é o partido, maior o seu poder de influência na comissão de orçamento. Santana do Ipanema aparece na segunda colocação no ranking dos municípios de Alagoas que proporcionalmente mais receberam recursos. Foram 57 milhões de reais nos últimos quatro anos. A cidade é reduto eleitoral de Isnaldo Bulhões, líder do



** Somatório de prefeitos do DEM e PSL, que se uniram e formaram o União Brasil em 2022

MDB na Câmara dos Deputados. Comandado por Baleia Rossi, o MDB é hoje o maior partido em número de prefeituras — posto que vai perder a partir de janeiro para o PSD. Com o fim do mandato de Christiane Bulhões, irmã do deputado, foi eleito Eduardo Bulhões, o seu sobrinho. O mote da campanha, claro, eram as obras. “Esse é o projeto da certeza de que nós continuaremos com os investimentos garantidos para o nosso município”, afirmou Isnaldo durante um comício. “Dudu” foi eleito com 16 302 votos dos 26 535 registrados. Na próxima eleição, fará campanha para o tio, lembrando que foi ele quem levou as obras para a cidade. É por isso que, via de regra, os partidos do Centrão estão mais preocupados em fortalecer as bases eleitorais e incrementar as suas bancadas de deputados, que são a fonte da verba pública que abastece os cofres das legendas, do que em encabeçar uma disputa presidencial.

A matemática não falha: em geral, candidatos a deputado recebem o dobro de votos em municípios governados por um prefeito do seu partido, conforme mostra um estudo elaborado pelo doutor em ciência política e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Fernando Meireles. Ou seja, ao mesmo tempo que injetam recursos em seus rincões e garantem a eleição de aliados, parlamentares saem na frente quando têm o domínio de mais prefeituras. “Se o partido como um todo cresce ou mantém o seu tamanho na Câmara, ele pode barganhar para pelo menos manter os ministérios que já tinha, para ter mais orçamento ou para conse-



REPUBLICANO Hugo Motta: sucesso em Patos, a cidade comandada pelo pai, reeleito

guir mais uma pasta. Com mais recursos, eu consigo expandir a minha capilaridade e atrair mais prefeitos para a minha base. É assim que a roda gira”, afirma Meireles. Outros exemplos dessa roda girando se espalharam Brasil afora. Relator do Orçamento em 2020, o deputado Domingos Neto (PSD-CE) viu a mãe ser eleita prefeita de Tauá pela quinta vez. O município cearense também lidera, em proporção, o recebimento das verbas secretas, com mais de 150 milhões de reais, o que representa 2 000% da média nacional.

Na Bahia, a cidade de Campo Formoso só recebeu menos verba do que a capital, Salvador: foram depositados 57 milhões de reais na conta da prefeitura, que reelegeu com facilidade Elmo Nascimento, irmão de Elmar Nascimento, braço direito de Arthur Lira e líder do União Brasil na Câmara. Com outros 42 milhões de reais, a prefeitura de Patos, cidade do sertão da Paraíba, garantiu mais um



MUDANÇA Baleia Rossi: MDB vai perder o posto de maior partido para o PSD

mandato a Nabor Wanderley, pai do deputado Hugo Motta, líder do Republicanos na Câmara.

Apesar de o Centrão ser aliado e ocupar importantes ministérios no governo Lula, o avanço da turma incomodou. Em nota, o PT criticou: “O resultado do primeiro turno de 2024 aponta o início da recuperação eleitoral do PT nos municípios, num cenário que mais uma vez favoreceu a eleição ou reeleição de candidatos das legendas da centro-direita e direita dominantes no Congresso Nacional, com acesso a emendas parlamentares bilionárias e no comando das máquinas públicas municipais. O alto índice de reeleições, que beira os 80% nas cidades que mais receberam emendas parlamentares, confirma essa distorção no sistema político”. O partido do presidente da República amargou o nono lugar em número de prefeitos eleitos. Em alguns casos, nem o dinheiro resolve. ■



MURILLO DE ARAGÃO

FRAGMENTAÇÃO PARTIDÁRIA E ELEIÇÕES

O sistema vigente cria um ambiente de
competição desordenada

DOS 5 466 PREFEITOS eleitos no primeiro turno no pleito municipal deste ano, 4 955 pertencem a “apenas” dez partidos: PSD, MDB, PP, União, PL, Republicanos, PSB, PSDB, PT e PDT. O PSD, liderado por Gilberto Kassab, foi a legenda com mais prefeitos eleitos, totalizando ⁸⁷⁸, seguido pelo MDB, com ⁸⁴⁷, e pelo PP, com 743. Esses dez partidos concentram 90% das prefeituras conquistadas. Dada a existência de aproximadamente trinta legendas no Brasil, esse dado pode até sugerir uma aparente concentração relativa, mas reflete a elevada fragmentação partidária.

Essa fragmentação é um sintoma da fragilidade estrutural do sistema político brasileiro. Apesar de reformas sucessivas, a redução do número de partidos tem ocorrido de forma lenta e gradual. A decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que, em ²⁰⁰⁶, declarou inconstitucional a cláusula de barreira se revelou um retrocesso significativo. A medida estabelecia um desempenho mínimo para que um partido tivesse acesso a recursos públicos e tempo de pro-



paganda. A anulação manteve a proliferação de partidos, prejudicando a estabilidade do sistema. Somente em 2017, com a Emenda Constitucional nº 97, uma nova versão da cláusula de desempenho foi introduzida, de forma mais moderada e aplicada gradualmente.

A multiplicidade de partidos, muitos deles sem uma ideologia ou orientação política clara, criou um ambiente de competição desordenada. Nesse contexto, a formação de alianças tornou-se a principal estratégia para viabilizar candidaturas, mesmo sem o estabelecimento de qualquer vínculo com programas ou plataformas consistentes. As regras eleitorais, até recentemente, facilitavam a criação de novas legendas, contribuindo para um sistema multipartidário excessivamente fragmentado.

Esse cenário afetou diretamente a relação dos partidos com os eleitores, diluindo a identificação ideológica e geran-

“A ausência de partidos robustos e coerentes compromete a governabilidade e dificulta a formulação de políticas públicas”

do maior volatilidade eleitoral. A multiplicidade impede a formação de maiorias coesas no Legislativo, tanto em nível municipal quanto estadual e nacional. A consequência é a construção de coalizões que acabam mascarando as legendas. Para os candidatos, o foco passa a ser a inclusão do maior número possível de partidos em suas coligações, visando aumentar o tempo de propaganda eleitoral no rádio e na televisão e o número de candidatos que apoiam a chapa. A convergência programática ou ideológica fica em segundo plano. A identidade dos partidos se perde.

A fragmentação também torna a governabilidade mais complexa no período pós-eleitoral. Prefeitos, governadores e presidentes são obrigados a negociar com um espectro amplo e heterogêneo de legendas, quase sempre sem coesão programática, dificultando a construção de maiorias no Legislativo. Isso gera instabilidade na formulação de políticas públicas e nas decisões de governo. Esse cenário ficou evidente nas eleições municipais e pode até ser interpretado como sinal de pluralidade democrática, mas é um alerta sobre as debilidades do sistema político. Reformas estruturais são necessárias para torná-lo mais eficiente, representativo e menos suscetível a crises de governabilidade. A ausência de partidos robustos e programaticamente coerentes compromete a governabilidade e dificulta a formulação de políticas públicas estáveis e de longo prazo. ■



JUSTIÇA IMPLACÁVEL

Em movimento contra a impunidade, cariocas barraram o clã Brazão, cujos cabeças são acusados de mandar matar Marielle, e deram novo mandato à viúva dela

LUCAS MATHIAS



LUTA A vereadora Monica Benicio: “Quero seguir enfrentando as milícias, esse marco de poder que há tanto governa o Rio”



DURANTE AS ÚLTIMAS duas décadas, não importava o quão chacoalhado estivesse o cenário político, uma certeza pairava sobre os pleitos para vereador no Rio de Janeiro: na lista dos eleitos, haveria pelo menos um integrante da família Brazão. A tradição, por assim dizer, tem suas raízes em 1996, com a estreia de Domingos Brazão, e seguiu com o irmão mais velho, Chiquinho Brazão. Em 2020, um amigo chegadíssimo do clã, Waldir Moreira Junior, resolveu se lançar candidato, com sucesso, tendo como alcunha Waldir Brazão, tudo com a anuência dos donos do sobrenome que, pronunciado em certas bandas da Zona Oeste carioca, ainda inspira medo e respeito.

A situação, porém, mudou depois que Domingos, que ocupava a cadeira de conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, e Chiquinho, deputado federal pelo União Brasil, foram presos como mandantes do assassinato de Marielle Franco, a vereadora que denunciava as malfeitorias que a acusação agora lhes imputa — abuso de poder econômico, grilagem de terras e ligações com a milícia. Resultado: o Brazão da vez — Kaio, enteado de Domingos, de 23 anos — e Waldir, que tentava a reeleição, foram fragorosamente derrotados, esquecidos pela mesma população que brindou com novo mandato Monica Benicio (PSOL), a viúva de Marielle.

Ao saber que seu nome estava entre os ungidos à Câmara de Vereadores, Monica, arquiteta de formação que viveu catorze anos ao lado de Marielle, disse a VEJA:



INSTAGRAM @DEPCHQUINHOBRAZAO

BARRADOS NO BAILE

Kaio com
Chiquinho
(ao seu lado,
de boné
branco) e
Waldir:
derrotados



INSTAGRAM @VEREADORWALDIRBRAZAO

“Quero manter sua memória viva e seguir enfrentando as milícias, esse marco de poder que há tanto tempo governa o Rio”. Depois de receber a notícia da bárbara morte da companheira, em 2018, a “dor dilacerante” acabou servindo de combustível para a ideia de, também ela, ingressar na política. O primeiro mandato, concentrado na defesa dos direitos das mulheres, veio em 2020, e Monica jamais fugiu do combate aos Brazão. Em maio deste ano, os dois já estavam encarcerados quando ela subiu à tribuna para pedir que as medalhas Pedro Ernesto, a maior honraria da Casa, fossem retiradas dos irmãos. Conseguiu. “Enfrentei sem medo esses grupos mafiosos. Agora, os cariocas deram essa a resposta nas urnas, dizendo um basta aos Brazão”, disse a parlamentar que, meses atrás, protagonizou um bate-boca com Waldir Brazão, criticando a nomeação de Chiquinho a secretário municipal de Ação Comunitária na gestão Eduardo Paes.

Um dos clãs mais longevos no poder fluminense, os Brazão vinham acumulando até agora vastas votações na região dominada por milícias da Zona Oeste. Além dos integrantes da família agora presos, um terceiro irmão, Manoel Inácio Brazão, continua na cadeira de deputado estadual, também pelo União Brasil. Nas últimas semanas, não foram poucos os esforços para eleger Kaio, cultivado para ser uma espécie de sucessor na área onde a família é conhecida por praticar o velho assistencialismo em troca de votos e usurpar terras alheias à base da grilagem, segundo



INSTAGRAM @MARIELLE_FRANCO

MEMÓRIA HONRADA Marielle: demorou, mas as respostas para o assassinato enfim apareceram

relatórios do Tribunal Regional Eleitoral do Rio e da Polícia Federal. Filiado ao Republicanos, ele teve a campanha embalada por verbas na casa dos 800 000 reais e percorreu o Rio junto ao ex-presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha, há anos aliado dos Brazão e um dos fiadores do jovem formado em gestão pública, que teve cargo no gabinete de Waldir.

A movimentação dos Brazão logo chamou a atenção da Justiça Eleitoral fluminense, que, inicialmente, indeferiu a candidatura de Kaio, alegando “desvio de finalidade pública” pela relação “simbiótica e estrutural” com Domingos, tido como o cabeça do império que construíram à revelia

da lei, como aparece no próprio parecer que tentava defenestrá-lo antes da largada. A juíza que tentou tirar Kaio do páreo, Maria Paula Gouvêa Galhardo, ainda anexou ao processo uma denúncia, sob investigação, de que o clã estaria à frente de uma clínica em Jacarepaguá onde os salários dos funcionários seriam pagos com dinheiro egresso do caixa da milícia local — acusações prontamente negadas pelos membros da família. Ao recorrer da decisão de tirá-lo da disputa, Kaio levou a melhor e se manteve no jogo. Mas as urnas foram implacáveis: ele obteve 10 000 votos, amargando a 83ª posição entre 51 vagas, *versus* os 25 300 que elegeram Monica Benicio.

Em sua campanha, a vereadora recebeu maciço apoio de artistas, entre eles o de Roger Waters, ex-Pink Floyd, que postou um vídeo em que lhe pedia: “Lute contra as milícias. Nunca devemos esquecer nossa irmã, Marielle Franco. Nunca!”. Depois de seis anos sem respostas cruciais, foi só neste janeiro que os mandantes do crime, que enredou também o ex-chefe de Polícia Civil do Rio Rivaldo Barbosa, outro preso, vieram à luz, dando algum sossego a Monica. O julgamento dos ex-policiais militares Ronnie Lessa e Élcio Queiroz, acusados de executar a parlamentar, está marcado para 30 de outubro. Os irmãos Brazão — Chiquinho na penitenciária federal de Campo Grande e Domingos na de Porto Velho — aguardam a data em que passarão pelo escrutínio da Justiça. No das urnas, já se deram mal. ■





A POLÍTICA ME DEIXA JOVEM

Às vésperas dos 90 anos, a deputada Luiza Erundina conta como foi parar na UTI e saiu de lá já agitando bandeiras



A POLÍTICA SEMPRE representou a dimensão mais relevante da vida para mim. Nasci no sertão da Paraíba, em uma região tomada pela desigualdade, como tantas do Nordeste. Minha numerosa família — pai, mãe e dez filhos — era obrigada a migrar sempre que havia seca, uma realidade com a qual jamais me conformei. Ainda muito jovem, ficou claro que teria que agir para mudar o cenário. Em vez de repetir o padrão vigente naquela sociedade, em que a mulher se casa cedo e logo se vê rodeada de uma filhara-da, fiz uma opção diferente, seguindo justamente a trilha da política. É isso o que me alimenta e me inspira, me mantém ativa e me traz juventude. No final de novembro, eu completo 90 anos de idade e me sinto motivada da mesma maneira que aos 20, ou até mais.

Cada etapa da vida tem suas características e riqueza.

Estou na velhice e, ultimamente, meu coração andou meio irritado. Durante uma reunião da Comissão de Direitos Humanos na Câmara dos Deputados, não faz muito tempo, senti um pouco de falta de ar. Na condição de relatora, estava em meio à defesa de um projeto de lei de autoria da deputada Maria do Rosário (PT-RS). A ideia era colocar nomes de vítimas da ditadura em logradouros públicos, para honrar suas memórias. Havia ali uma claqué da direita bolsonarista, que teve uma atitude hostil com os parlamentares de nosso campo. Quando me dei conta, estava passando mal. Fui então socorrida pela assistência médica da Casa, que achou por bem me encaminhar a um hospital de Brasília. Tive covid-19 e algumas sequelas da doença permanecem até hoje. Naquele momento, elas se manifestaram com certa gravidade e, por isso, precisei ficar internada por dois dias na unidade de terapia intensiva. Mas já estou recuperada e muito bem, pronta para brigar pelo que acredito.

O que muito me entristece é ver que o ambiente no Congresso não é mais aquele de alguns mandatos atrás — ele é de ódio e intolerância. Como educadora e assistente social, sei que também tenho responsabilidade sobre isso. E acho que um bom caminho para sair desta situação é a conexão com a juventude. Me sinto bem aceita pela turma mais nova e quero que acompanhem meu trabalho e se interessem pela política. Mas percebo que está faltando um encantamento. Uma vida dedicada a esse tipo de atividade pressupõe cultivar um sonho que seja maior do que a própria tra-

jetória. Precisa ser algo grande, num patamar diferente. Em meu caso, a luta é em tempo integral, buscando contagiar os outros — em permanente processo pedagógico lado a lado com a juventude. O sentido da minha vida é conviver com gente de diferentes idades, procurando o que nos une. É assim que sou feliz e me realizo.

Estou em meu sétimo e último mandato, que foi confiado pelo povo de São Paulo. Tudo o que os outros deputados fazem, eu faço. Vou e volto toda semana de Brasília e, às vezes, até extrapolo. Gosto muito de música, de ler e de visitar os amigos. Não sou daquelas que preferem ficar sozinhas. Claro que tenho minhas limitações, mas mantenho a energia e a disposição para tocar a vida em frente e trabalhar por aquilo em que acredito. A campanha à prefeitura da capital paulista está me permitindo retornar às bases, ir a comunidades que há tempos não visitava e onde as pessoas me reconhecem. Essa acelerada dinâmica eleitoral, que se tudo der certo vai levar ao governo, renova meu ânimo. E isso não é fantasia, não: quando a tarefa é desafiadora, logo me motiva. O que é fácil não tem graça para mim. Tenho ainda dois anos de trabalho no Congresso pela frente e peço a Deus que me dê força e saúde para concluí-los. Dentro ou fora do plenário, sinto que nunca vou deixar a política. É o que me faz levantar. É a grande paixão da minha vida. ■

Depoimento a Ludmilla de Lima

veja Negócios

SAIBA ANTES, SAIBA MAIS



**Jornalismo independente trazendo a cobertura
factual e analítica de assuntos de economia,
negócios, finanças, tecnologia e ESG**



NEWSLETTERS VEJA NEGÓCIOS

**Fique bem informado com as newsletters
de Abertura de Mercado e Meio do Dia**



**Acesse o QR Code e receba diariamente
os conteúdos mais relevantes para os
grandes executivos do país.**



MICHAEL KOVAC/GETTY IMAGES

APOSTA NO MERCADO A americana Meeker: novos investimentos no país

Brasil na mira

A empresária americana **Mary Meeker**, sócia da gestora Bond, sediada nos Estados Unidos, está em busca de investimentos no Brasil. A primeira entrada no país foi em maio, ao aportar 455 milhões de reais na empresa de tecnologia CRMBonus. Nos últimos dias, Meeker injetou 820 milhões de reais

na fintech Asaas. E vem mais por aí.

Apetite estrangeiro

Com 38 bilhões de reais sob gestão, o fundo americano Columbia Capital também está de olho no Brasil. No início do ano, investiu cerca de 200 milhões de reais na Indicium, empresa de análise de dados de Santa Catari-



na. Foi o primeiro aporte do Columbia em uma empresa brasileira.

Expansão internacional

A consultoria brasileira de tecnologia FCamara tem oito negociações engatilhadas para comprar empresas no México, nos Estados Unidos, na Espanha e em Portugal. A ideia é que ao menos metade dessas transações seja concluída em 2024. Os cheques variam de 15 milhões a 35 milhões de dólares.

Caça ao dinheiro

Para fechar os negócios, a FCamara está em processo de captação de 100 milhões de dólares junto a fundos internacionais por meio da emissão de debêntures no exterior. “Estamos há quatro anos fazendo roadshows

com investidores fora do Brasil”, diz o presidente, Fabio Camara.

De olho no Ibama

As petrolíferas Shell, da Inglaterra, e Equinor, da Noruega, acompanham com preocupação os protestos de servidores do Ibama. Desde agosto, quando terminaram uma greve de 180 dias, eles adotaram a operação-padrão, ou seja, expediente reduzido. “Está tudo travado”, diz um executivo do setor.

Operação tartaruga

Segundo o Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás, o trabalho a passos de tartaruga dos servidores do Ibama faz com que o Brasil deixe de produzir cerca de 80 000 barris de petróleo por dia, podendo levar a

perdas mensais de 200 milhões de dólares.

No aperto

Em recuperação judicial e com dívidas de 4,6 bilhões de dólares, a empreiteira OEC (ex-Odebrecht) possui 31 obras em andamento que exigirão 3,6 bilhões de dólares para a conclusão. A OEC diz que os contratos estão assinados e que tudo vai ser entregue, apesar da penúria financeira.

Diversificação

O Grupo Baumgart, conglomerado empresarial que atua nas áreas de shoppings, construção civil e agronegócio, vai investir 1,2 bilhão de reais na modernização do complexo Cidade Center Norte, em São Paulo. Além da ampliação do Shopping Center Norte, a

empresa pretende construir um hotel, um centro de convenções e uma área com edifícios residenciais.

Chance ao azar

A Aristocrat, empresa australiana de criação de jogos de azar, quer entrar no mercado brasileiro. A companhia formou um consórcio com a bet NeoGames para participar de licitações de loterias estaduais por aqui.

Não é brincadeira

O faturamento do varejo de brinquedos no Brasil caiu 12% em 2023 em comparação com 2022. No mundo, a queda foi de 6%. O levantamento exclusivo é da consultoria Circana. ■

OFERECIMENTO

KOV seguradora

DESAFIO

Haddad: o selo de bom pagador só virá se o Brasil tiver coragem para ajustar as contas públicas



UM SONHO QUASE IMPOSSÍVEL

O governo diz que o Brasil poderá retomar o grau de investimento até 2026, mas o desequilíbrio fiscal e os problemas orçamentários mostram que a meta é praticamente uma ilusão

**MÁRCIO JULIBONI, JULIANA ELIAS
E JULIANA MACHADO**

Em 30 de abril de 2008, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva participava, em Maceió (AL), do VII Fórum dos Governadores do Nordeste quando recebeu uma informação surpreendente. No meio de seu discurso, foi avisado de que a agência de classificação de risco Standard & Poor's havia concedido ao Brasil o cobinado grau de investimento. Visto pelo mercado como um selo de bom pagador, ele é conferido apenas a países com contas em ordem, bom crescimento econômico e baixo risco de dar calote. Lula interrompeu o pronunciamento para compartilhar a boa nova. “O Brasil vive um momento mágico: acabamos de passar para o investimento grade”, disse, sob aplausos discretos. “Eu não sei nem falar a palavra, mas, se a gente for traduzir isso, é que o Brasil foi declarado um país que cuida de suas finanças com seriedade.” Dezesseis anos depois daquela tarde de quarta-feira, Lula experimentou novamente um pouco da mesma euforia. Há alguns dias, outra agência, a Moody's, elevou a nota brasileira de Ba2 para Ba1, colocando o país um degrau abaixo de reconquistar o grau de investimento perdido em 2015, na esteira do descontrole dos gastos durante o governo de Dilma Rousseff.

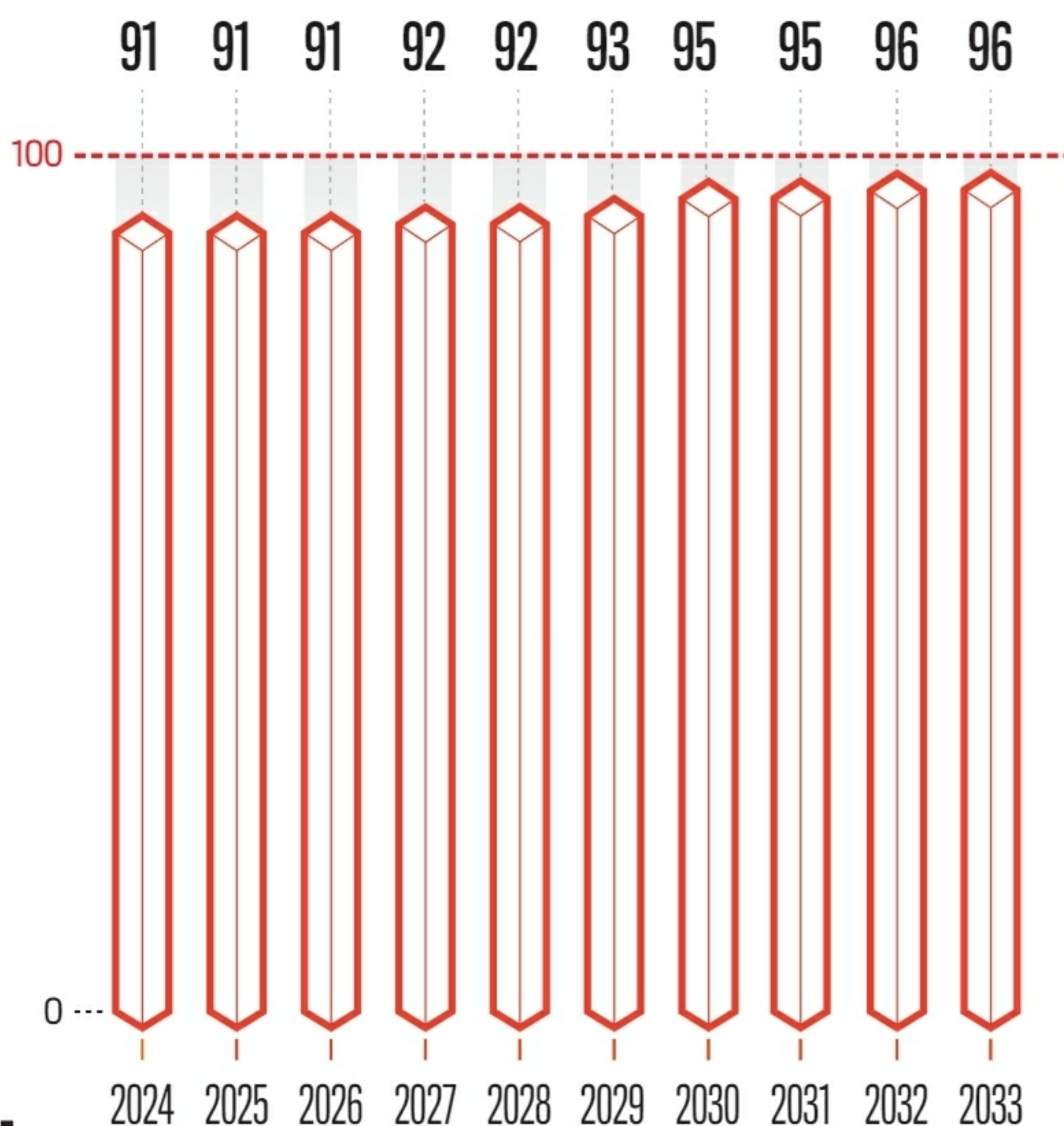
A animação do governo com a decisão levou o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, a afirmar que o Brasil poderá recobrar o *investment grade* ainda neste mandato de Lula, que termina em 2026. “Aquilo que parecia distante está à mão, se não tivermos receio de tomar medidas necessárias para o reequilíbrio das contas”, declarou Had-

PERTO DO LIMITE



Os gastos obrigatórios pesarão cada vez mais no Orçamento do governo federal, e ajustes fiscais paliativos não resolverão o problema

FATIA DAS DESPESAS OBRIGATÓRIAS SOBRE AS DESPESAS TOTAIS (EM %)



Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional



SURPRESA Agência Moody's: a alta da nota brasileira foi vista com ceticismo

dad. Esse é o motivo, contudo, que move o ceticismo do mercado: Lula terá coragem de promover um ajuste fiscal capaz de conter o crescimento da dívida pública? Para a maior parte dos analistas, tudo indica que a resposta é não. “Lula é contrário a um ajuste estrutural”, diz o ex-ministro da Fazenda Máilson da Nóbrega. “O Brasil não ganhará o grau de investimento nem por um milagre.”

A primeira premissa de quem, como o presidente, descarta a urgência de um choque fiscal é que as receitas crescerão nos próximos anos, devido à aceleração da economia, ao fim de subsídios e à ampliação das fontes de ar-

recadação, como os 3 bilhões de reais que o Planalto espera obter em 2024 com as outorgas pagas pelos sites de aposta que desejam operar legalmente a partir de 2025. Por essa lógica, a economia mais aquecida contribuiria para estabilizar a relação entre a dívida e o PIB.

Qual seria a base para essa projeção para lá de otimista? Em 2020, no auge da pandemia de covid-19, a dívida bruta da União, estados e municípios alcançou um pico de 87% do PIB. O fim da crise sanitária e a reabertura da economia reduziram a proporção para 72% em 2022. Desde então, ela voltou a crescer e deve fechar o ano em 77%. O Tesouro Nacional estima que o endividamento se estabilize em 78% entre 2025 e 2028, quando começaria a cair.

A questão é que, com exceção de Lula e sua equipe econômica, quase ninguém acredita nessas estimativas. Os mais pessimistas, como a Instituição Fiscal Independente (IFI) do Senado, apontam que a dívida bruta alcançará 100% do PIB nesse período. “Será algo inédito”, diz Vilma Pinto, diretora da IFI. “O agravante é que a nossa estimativa já considera um crescimento da economia acima de 2% ao ano, e juros menores.”

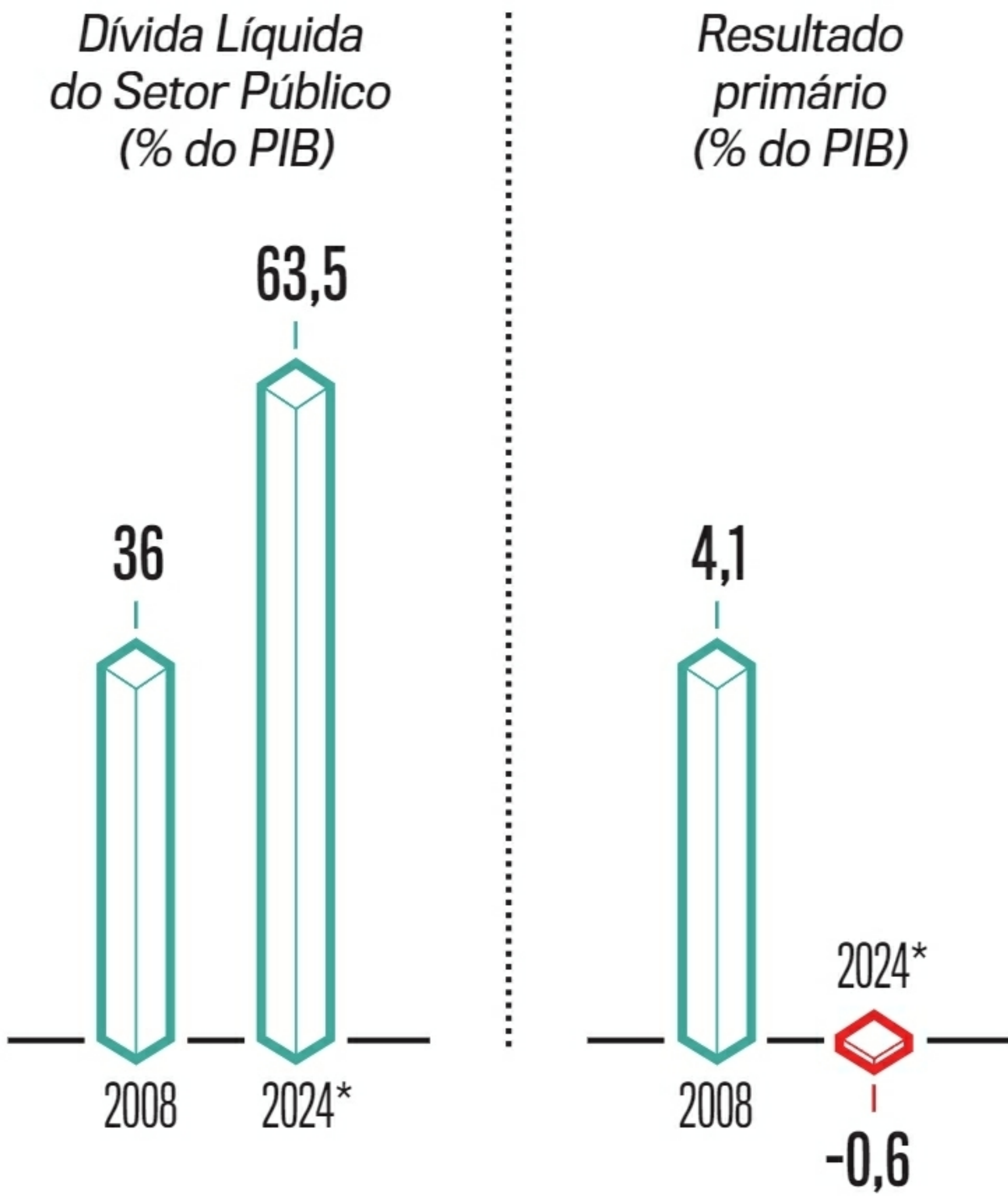
Atacar os gastos públicos, portanto, é o único caminho para evitar que o país quebre. Além da falta de vontade política, o Orçamento cada vez mais engessado dificulta a tarefa. Máilson da Nóbrega lembra que, em 1987, antes da promulgação da Constituição, os gastos obrigatórios representavam 37% das despesas primárias. Agora, essa relação já ultrapassa os 90% e deverá chegar a 95% em 2030. A lista

UM OUTRO BRASIL



Em 2008, quando conquistou o grau de investimento pela primeira vez, o país era menos endividado, crescia mais e gerava superávit fiscal

PRINCIPAIS INDICADORES DA ECONOMIA

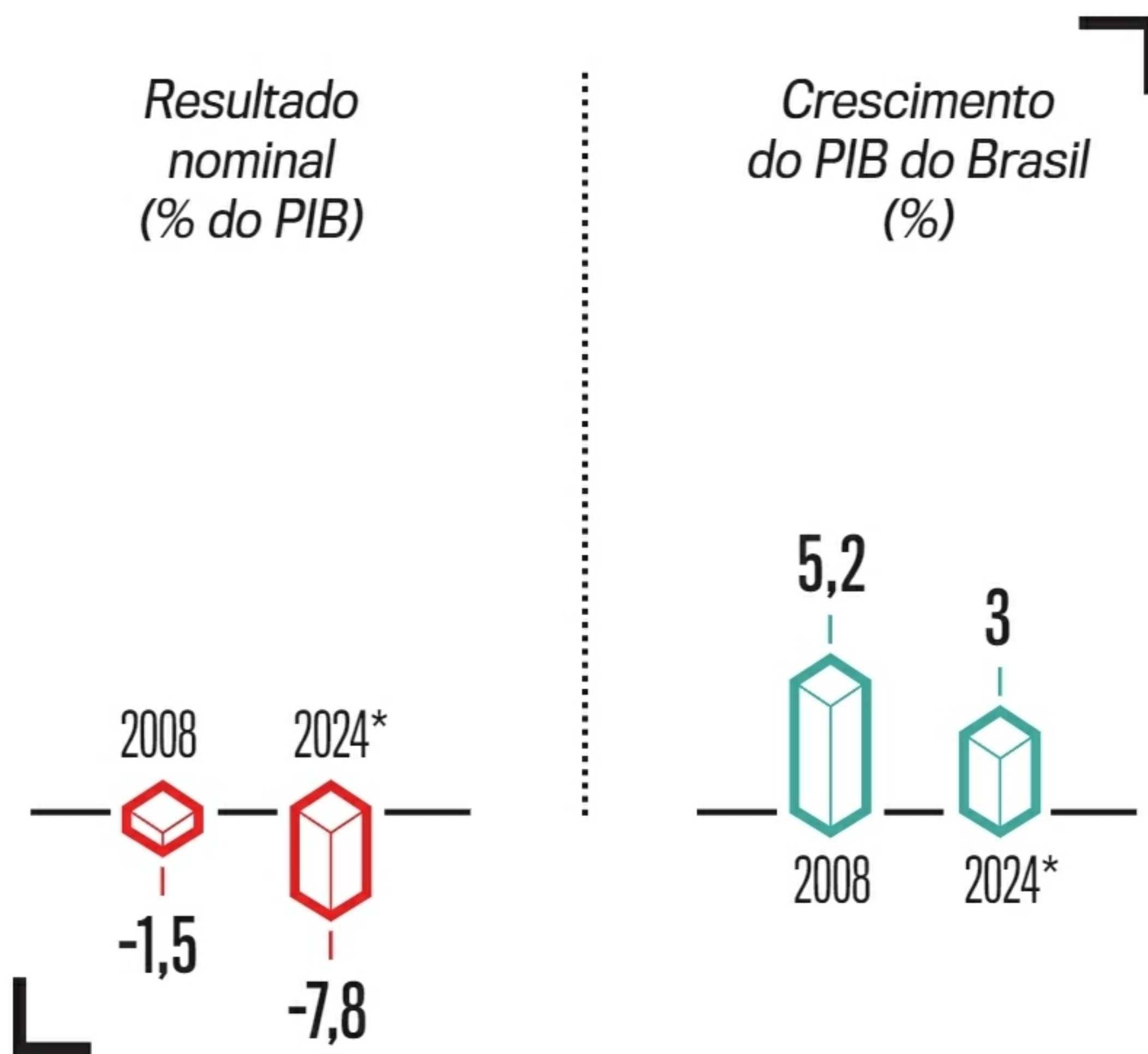


*Projeções

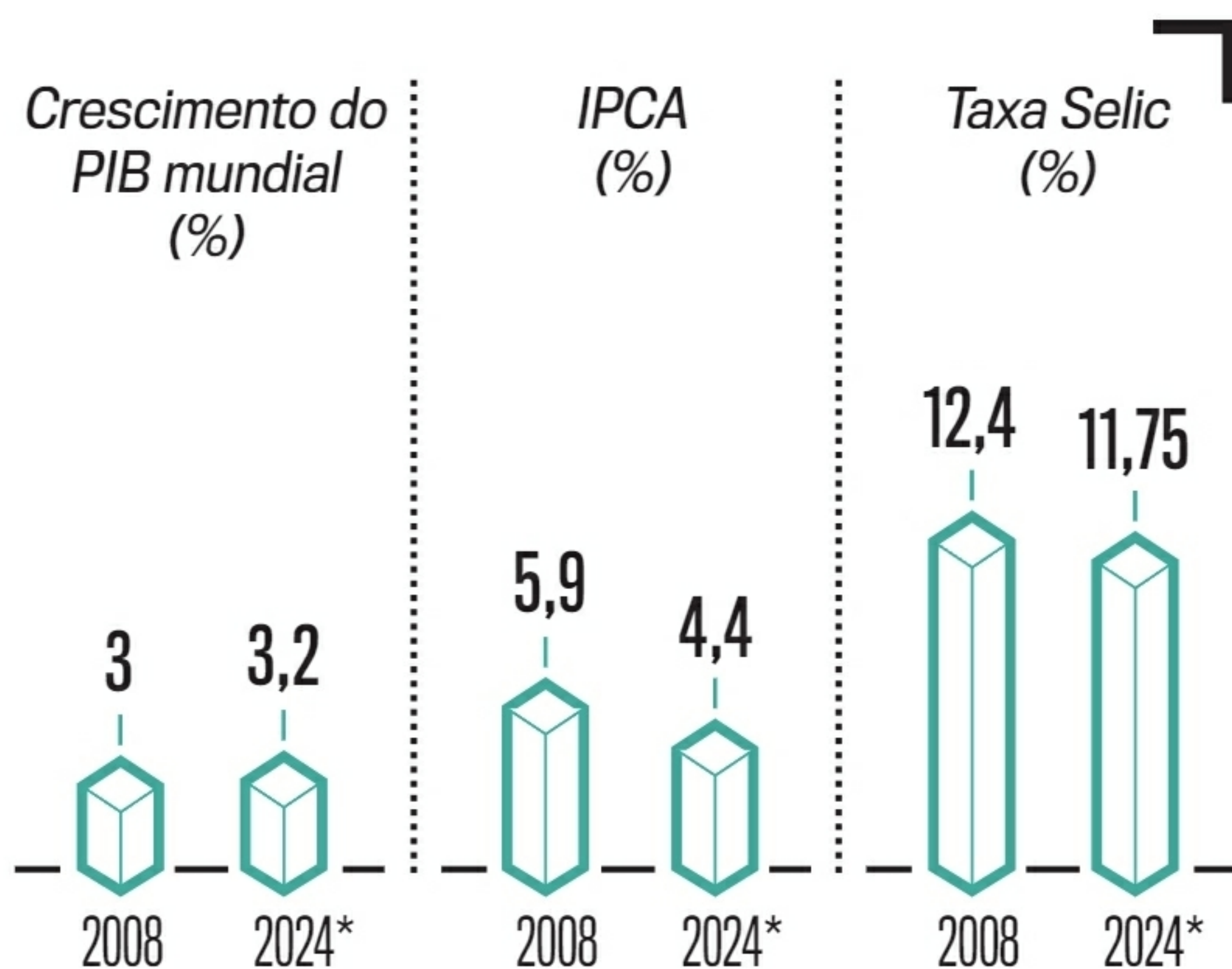


de despesas obrigatórias é bem conhecida: estende-se da Previdência Social até os investimentos em saúde e educação determinados pela Constituição. Nos últimos anos, programas assistenciais, como o Bolsa Família, também entraram na conta. Embora não sejam, a rigor, obrigatórios, passaram a ser vistos como tais pelo mercado, dado o potencial desgaste político de quem se atrever a revê-los.

Por fim, o Congresso contribuiu para a sangria dos cofres públicos ao instituir o chamado orçamento impositi-



vo, por meio de quatro emendas constitucionais promulgadas de 2015 a 2020 que criaram, entre outras, as emendas impositivas e as de relator, bem como as chamadas “emendas Pix”, que permitem a transferência direta de recursos a estados e municípios sem destinação específica, desde que 70% do dinheiro seja utilizado em obras públicas. “É uma situação insustentável”, diz Maílson da Nóbrega. “Em países sérios, os gastos obrigatórios representam de 50% a 70% das despesas gerais.”



Fontes: IBGE, Banco Central, Tesouro Nacional, Boletim Focus e FMI



PRESSÃO Previdência Social: a fórmula atual de reajuste é insustentável

Abrir espaço para as despesas discricionárias não é um capricho. De acordo com a IFI, esses recursos viabilizam a prestação de serviços à população, pois bancam gastos tão diversos como a emissão de passaportes e o combustível de ambulâncias e viaturas de polícia, entre outros. A IFI calcula que manter esse nível — sofrível — de atendimento à população custe 0,7% do PIB por ano. A instituição estima ainda que o estrangulamento orçamentário reduzirá essa fatia para apenas 0,25% até 2027.

Se quiser ser visto como um país sério, o Brasil precisará encarar temas espinhosos, como encontrar uma nova forma de reajustar as aposentadorias e benefícios pagos pela Previdência. A avaliação dos economistas é que a vinculação dos



OUTROS TEMPOS Lula em 2008: o Brasil era um país “sério”

reajustes ao aumento real do salário mínimo, como ocorre hoje em dia, conduzirá o país ao desastre fiscal. Outro desafio é reverter os gastos mínimos obrigatórios determinados pela Constituição. Com isso, seria possível gerar um superávit primário de 1% a 1,5% do PIB. “Desdenhar da responsabilidade fiscal é uma visão arcaica”, diz o economista Braulio Borges, da LCA Consultores e pesquisador da Fundação Getúlio Vargas. “Sem ela, as políticas de inclusão social também não se sustentam.” Não há truques para o Brasil recuperar a boa reputação no mercado. Se Lula e Haddad desejarem que o país viva um “momento mágico” como o de 2008, é necessário combater com afinco o rombo fiscal. Sem isso, a retomada do grau de investimento não passará de uma grande ilusão. ■



MAÍLSON DA NÓBREGA

POR QUE PRIVATIZAR A PETROBRAS

A medida trará aumento da produtividade
e do crescimento

O BRASIL não mais precisa de uma estatal como a Petrobras para fazer crescer sua economia. Os tempos mudaram. Como já assinalei neste espaço, nos 100 séculos da civilização, as empresas estatais surgiram apenas nos dois últimos. A partir do século XIX, elas se tornaram necessárias para suprir falhas de mercado, ou seja, a ausência de capacidade empresarial e de mercados financeiros para viabilizar projetos de grande porte, fundamentais para o desenvolvimento.

A Revolução Industrial propiciou a acumulação de riqueza na Inglaterra, que se transformou na maior potência econômica do planeta. Outros países europeus e o Japão buscaram trilhar o mesmo caminho, mas lhes faltavam elementos como bancos e ferrovias. Daí a criação de empresas estatais nesses e em outros campos. À medida que as falhas de mercado sumiam, as estatais viraram fontes de ineficiências, inclusive por arcarem com custos típicos do setor público (não raramente, corrupção). Era chegada a hora de privatizar. O Japão fez isso no fim do século XIX e a Europa a partir dos anos 1980.



Na América Latina, o sentimento anticapitalista, característica da esquerda que não se modernizou, como o PT, forjou uma cultura favorável à perenização de estatais. Essa esquerda é prisioneira da ideia de um suposto papel estratégico dessas empresas, mas a fonte básica do desenvolvimento é a produtividade, e não o controle acionário. No período do pós-guerra, 80% do crescimento da economia americana adveio de ganhos de produtividade. No Brasil, 94% do êxito da agropecuária se explica pela produtividade.

O presidente Lula é um expoente da cultura retrógrada da imprescindibilidade das estatais. No dia 13/9/2024, ele disse que “uma empresa pública como a Petrobras serve não apenas para lucrar, mas para prestar serviços ao conjunto da população, e uma parte da possibilidade de seu ganho tem que ser revertido em benefícios”. A função de uma empresa estatal é, como dito, suprir falhas de mercado, e não

**“O Brasil já tem
capacidade empresarial
e de financiamento
para a gestão privada
da empresa”**

exercer papéis característicos do governo, mesmo porque tem acionistas privados.

No mesmo discurso, Lula inventou que as investigações da Lava-Jato não eram para “prender corrupto”, mas sim “desmoralizar a Petrobras aos olhos da sociedade brasileira para depois falar: ‘Vamos vender’”. E arrematou: “O que eu gosto é de saber que estou com a verdade quando defendo as empresas públicas brasileiras”. A verdade é outra. A Lava-Jato revelou grossa corrupção na companhia, a qual foi comprovada em delações premiadas e em milhões de reais devolvidos aos seus cofres por corruptos e corruptores. A Petrobras pagou o preço de ser estatal.

O Brasil já dispõe de capacidade empresarial e de um robusto sistema de financiamento que viabilizam a gestão privada das atividades dessa empresa, incluindo o amplo acesso aos mercados globais de capitais. Ainda que as barreiras continuem a ser gigantescas, é preciso bater na tecla de que a privatização da Petrobras é melhor para ela e para o Brasil. ■

CORRIDA CONTRA O TEMPO

Com a renda em queda e a miséria aumentando, os argentinos vão às ruas avisar que a paciência para esperar melhores dias está acabando

ERNESTO NEVES



TOMAS CUESTA/GETTY IMAGES

REJEIÇÃO CRESCE Milei: população insatisfeita quer mais do que investidas contra a “casta putrefata”



Quando chegou à Casa Rosada, em dezembro do ano passado, sustentado por 55% dos votos nas eleições, Javier Milei avisou os argentinos que a situação pioraria antes de melhorar. Dentro de seu inédito e mirabolante projeto “anarcocapitalista” para dar jeito na Argentina, a fatia que anulava subsídios e benefícios e enxugava drasticamente a máquina pública dava como certa uma dramática cota de sofrimento por parte da população. A questão era: até onde ela aguentaria? Faltando pouco para o governo completar um ano, a paciência, ao que parece, começa a acabar. Nos últimos dias, as ruas de Buenos Aires foram tomadas por cerca de 300 000 manifestantes, em protestos puxados por estudantes, indignados com o veto presidencial a uma lei que aumentava o orçamento das universidades, e engrossados por funcionários de estatais que Milei planeja privatizar, aposentados e trabalhadores liberais, evidenciando o fastio da classe média com o aperto de cintos que lhe foi imposto.

As pesquisas refletem o mau humor geral. Entre maio e setembro, a avaliação positiva do presidente despencou 12 pontos percentuais, recuando para 42%, enquanto a reprovação disparava 22 pontos, alcançando 46%. Diante de 5 000 apoiadores reunidos em um parque da capital, convocados para um ato do partido governista, o La Libertad Avanza, o presidente investiu, com a costumeira virulência, contra a “casta putrefata” de empresários, po-

PROTESTOS

Manifestação contra a privatização: resistência ao “anarcocapitalismo”



NICOLAS SUAREZ/NURPHOTO/GETTY IMAGES

líticos, líderes trabalhistas e jornalistas que se opõem ao seu pacote liberalizante. “São ratos miseráveis. São degenerados fiscais, delinquentes, traidores”, fustigou.

Em paralelo ao veto do aporte financeiro para as instituições de ensino, o governo angariou antipatias ao acelerar o processo de desestatização da Aerolíneas Argentinas, poderoso símbolo nacional criado por Juan Domingo Perón em 1950. A empresa aérea, privatizada por Carlos Menem em 1990 e reestatizada por Cristina Kirchner, amarga prejuízo anual de 200 milhões de dólares, coberto pelo Tesouro Nacional, mas falar em vendê-la mexe com os brios argentinos. “Milei vem empreendendo reformas inevitáveis, mas a população se pergunta até quando

vai durar o aperto”, diz o economista Ruy Santacruz, da Universidade Federal Fluminense.

Ao tomar posse, Milei prometeu desfazer o caos financeiro herdado da gestão anterior, do peronista Alberto Fernández. Com esse objetivo, lançou um conjunto de medidas drásticas, com cortes nas remessas de dinheiro para as províncias, demissão planejada de 70 000 funcionários públicos, desvalorização de 50% do peso, extinção do tabelamento de preços de produtos e a eliminação de subsídios em serviços como a distribuição de eletricidade e gás. Parte das medidas para reverter a barafunda deixada pelos peronistas foi baixada nos primeiros dias do novo governo, via decreto, com efeitos imediatos. O déficit público foi contido, melhorando a credibilidade do país nos mercados internacionais, e a inflação, depois de saltar impressionantes 25% somente em dezembro de 2023, vem cedendo gradativamente e cravou alta de 4% em setembro — ainda elevadíssima (para efeito de comparação, o Banco Central projeta 4,3% para todo o ano de 2024 no Brasil), mas muito mais controlada. O efeito colateral do remédio amargo foi o encolhimento geral da renda, ou seja: a economia saiu da UTI, mas, no bolso, os argentinos vão de mal a pior.

A taxa de pobreza medida pelo Instituto Nacional de Estatística e Censos (Indec) alcançou 53% em setembro, salto de 11 pontos percentuais em relação aos meses finais do governo peronista, quando já era insustentável. Ape-

nas neste ano, 3,4 milhões de argentinos mergulharam na miséria, formando o maior contingente de desvalidos em mais de duas décadas. O PIB deve encerrar 2024 com contração de quase 4%, causada pelo colapso no gasto dos consumidores, queda da atividade industrial e duro aperto da construção civil. “Milei prometeu que a economia voltaria a crescer no segundo semestre, mas o sentimento é de que tudo segue piorando”, diz Cristian Buttié, do instituto de pesquisas de opinião CB Consultora.

Tentando reverter o alto grau de insatisfação, nos últimos dias a Casa Rosada vem insistindo no discurso de que a privação está chegando ao fim, acenando com uma nova estimativa de que, em 2025, a economia cresça 5% e a inflação não passe dos 18%. Os números otimistas foram recebidos com boa dose de desconfiança — segundo economistas, para a situação melhorar o governo ainda precisa desarmar distorções graves, entre elas o controle cambial, que mantém o peso artificialmente valorizado. Resta ver se os argentinos, exauridos por anos de declínio, aguentarão o tranco. ■

OS SEGREDOS DA ESFINGE

Com uma autobiografia na lista dos mais vendidos, Melania Trump, a ex-primeira-dama que raramente aparece, dá sua contribuição para a campanha do marido, Donald **CAIO SAAD**



A VEZ DELA O casal que já mandou na Casa Branca: livro com revelações e uma aberta defesa do direito ao aborto

FAZ PARTE da tradição que primeiras-damas americanas escrevam uma autobiografia, algumas com mais o que dizer do que outras — enquanto todo mundo lê *Minha História*, de Michelle Obama, *Spoken from the Heart*, de Laura Bush, nem foi traduzido para o português. Agora é a vez de Melania Trump, e — surpresa — as memórias da ex-modelo que viria a se tornar a terceira esposa de Donald Trump virou best-seller antes mesmo de seu lançamento, na terça-feira 8. Tamanho interesse se deve, além do fato de ser mulher de quem é, a dois fatores principais. Um é a chegada às livrarias às vésperas da eleição de 5 de novembro, na qual seu marido tem chance de voltar à Casa Branca. Outro é a curiosidade natural que desperta uma pessoa que, tirando um discurso aqui e ali e entrevista ensaiada, raramente pronuncia palavra em público.

Ninguém vai encontrar reflexões profundas ou segredos cabeludos nas 182 páginas (e 178 fotos) de *Melania*, entremeadas de trechos de discursos dela mesma e do marido, sem menção ao fato de a bela eslovena ter se casado com um bilionário 24 anos mais velho. A passagem que mais atçou as redes foi aquela em que defende abertamente o direito ao aborto. “É imperativo garantir que as mulheres tenham autonomia para decidir se querem ter filhos, com base em suas próprias convicções, sem qualquer interferência ou pressão do governo”, escreve. O recado vem em hora mais do que propícia. Trump passou anos se gabando de ter acabado com o acesso à interrup-

ção da gravidez nos Estados Unidos (ao nomear juízes antiaborto para a Suprema Corte) e agora, percebendo que a maioria da população não pensa assim, tenta amenizar sua posição. “Trump pena para conquistar eleitores moderados ou indecisos, e a posição teoricamente mais progressista de Melania pode ajudar a suavizar a imagem dele”, diz o professor de marketing político Craig Agranoff, da Universidade Atlântica da Flórida.

No mais, Melania derrama elogios ao marido e reprisa as queixas dele em relação à imprensa, aos democratas e a assessores que teriam traído o casal. A célebre jaqueta com os dizeres “Eu não me importo. E você?”, com que visitou a fronteira em meio a uma crise migratória, foi, segundo ela, uma reação aos ataques da grande imprensa a Trump. Sobre a crise em si, vangloria-se de o ter convencido a mudar a regra que separava crianças migrantes de seus pais. “Isso tem que parar”, teria dito a ele, “ênfatizando o trauma às famílias”. Sobre os tempos de modelo, defende os trabalhos em que posou nua como “uma forma de arte” e lista alguns contratos com especial orgulho, entre eles “uma imagem maior do que a real em um cartaz na Times Square”.

Melania nasceu em 1970 na Eslovênia, ainda parte da Iugoslávia comunista. Ela relata no livro fatos de sua infância (começou a modelar aos 6 anos) e adolescência, sugerindo que levou uma vida de luxos, com viagens ao exterior, babá e carrões, dos quais lista alguns: “Ford Mus-

tangs, BMWs alemãs, um Ford Cougar XR-7 e uma coleção de imponentes Mercedes-Benz”. Dá a entender que o avô ficou rico cultivando um novo tipo de cebola, que se tornou popular (hoje, pai e mãe são naturalizados americanos, como ela, ao se casar, em 2006).

Praticamente ausente da atual campanha de Trump — que nestes dias disparou contra os democratas pela “inépcia” em relação à presença do devastador furacão Milton na Flórida (*veja a reportagem “A era dos extremos”*), o que logo mobilizou a candidata Kamala Harris, preocupada com os estragos eleitorais —, Melania, com o livro, dá sua contribuição para a volta do marido à Casa Branca, onde nunca se sentiu à vontade. Feito isso, deve retornar à sua toca na Trump Tower, em Manhattan, onde voltou a morar para ficar perto do filho, Barron, que faz faculdade em Nova York. Quer dizer, parece que voltou. Confirmar, ela não confirma. ■



VILMA GRYZINSKI

OS FRUTOS DA IMIGRAÇÃO ILEGAL

Na Europa, os votos vão para políticos que abordam o tema

“DO RIO AO MAR, Palestina vai ganhar.” Poste isso e seu pedido de asilo será rejeitado na Alemanha, que interpreta corretamente o slogan como uma invocação ao extermínio de Israel. Nas embaixadas holandesas, os candidatos devem ver um filme em que dois homens se beijam e uma mulher sem a parte de cima do biquíni sai do mar e anda pela praia. Não suporta? Não se candidate. Na Dinamarca, para ganhar benefícios do Estado, os migrantes estrangeiros devem entregar todos os bens, até alianças de casamento. São medidas quase desesperadas — e, em parte, inúteis. Ao contrário dos nossos antepassados imigrantes, que chegaram ao Brasil só com uma esperança de trabalho, dando duro para conquistar a terra vermelha e as diferenças culturais, muitos dos recém-chegados a países ricos da Europa não querem se integrar. Apegam-se a identidades moldadas pelo radicalismo religioso que insufla o ódio aos próprios países que os recebem. Eventualmente, esse ódio explode nos atentados dos “lobos solitários”, imigrantes que ouvem pregações de imãs radicais



na internet e saem esfaqueando inocentes. Na Áustria, dois foram presos em agosto por planejar massacrar meninas em um show de Taylor Swift. No mês passado, o partido mais votado na eleição austríaca foi o de direita dura e pura, o Partido da Liberdade.

É um resultado que vem se repetindo e muitos relutam em unir os pontos e fazer a conexão com a imigração de grandes proporções, com medo de parecer preconceituosos. O fato de que haja, realmente, um componente relevante de preconceito não elimina a realidade: a entrada em massa de pessoas que não querem se integrar empurra o eleitorado para os únicos políticos que falam nisso. Foi o que já aconteceu na Itália e na Holanda e se aproxima da repetição na França. O recente caso de uma estudante de 19 anos, estuprada, morta e enterrada no Bois de Boulogne por um marroquino já condenado por violação sexual, que deveria ter sido expulso do país, causa espanto e revolta.

A antiga avaliação, de que estrangeiros de países pobres ajudavam a suprir os postos de trabalho rejeitados pelas populações ricas, segurando os salários e, assim, a inflação, é

**“O fato de que haja, realmente,
um componente de preconceito
não elimina a realidade”**

desmentida pela realidade. Um estudo feito pelo Departamento de Responsabilidade Fiscal mostra que, mesmo trabalhando, um imigrante de baixa capacitação que chegue à Grã-Bretanha aos 25 anos terá custado 150 000 libras (sete vezes mais em reais) aos cofres públicos quando atingir a idade da aposentadoria. De cada cinquenta albaneses que chegaram ao Reino Unido, um está na cadeia. Albaneses hoje dominam o cultivo e a venda de maconha. Outros campeões do crime vieram de Kosovo, Vietnã, Argélia, Jamaica, Eritreia, Iraque e Somália. Nos Estados Unidos, um dado chocante divulgado no fim de setembro mostra que entraram no país 425 431 imigrantes ilegais condenados por crimes como homicídio, estupro, sequestro e assalto.

País feito por imigrantes como o Brasil, sem contar o trabalho escravo do passado, os Estados Unidos ainda têm uma grande reserva de tolerância com os estrangeiros que chegam querendo construir uma vida melhor, mas estão descobrindo que criminosos, membros de quadrilhas e aproveitadores querem fazer uma vida pior para os que já estão lá. Donald Trump já foi eleito uma vez por causa disso. ■



O BICHO VAI PEGAR

Mimada, ela fará tudo e mais um pouco para conquistar o que quer. Essa é Luma, personagem de **AGATHA MOREIRA**, 32 anos, que vem dominando a cena em *Mania de Você*, a nova trama global das 9. A chef sem escrúpulos à qual dá vida é vista como um dos trunfos para a audiência, que ainda patina. “Mas ela não é tão vilã assim. Foi criada em uma bolha e sofre um revés atrás do outro, todos vão traí-la”, adianta a atriz, cujo maior desafio agora é aprender o básico sobre a cozinha industrial onde

atua no set, uma área à qual não é lá muito chegada. “A pior coisa para mim na culinária são os cortes de bichos. Se eu fosse mesmo para esse setor, seria vegana”, explica Agatha, lembrando a cena em que precisou limpar um peixe, tudo sob holofotes. “Um pavor”, foi como resume a experiência.

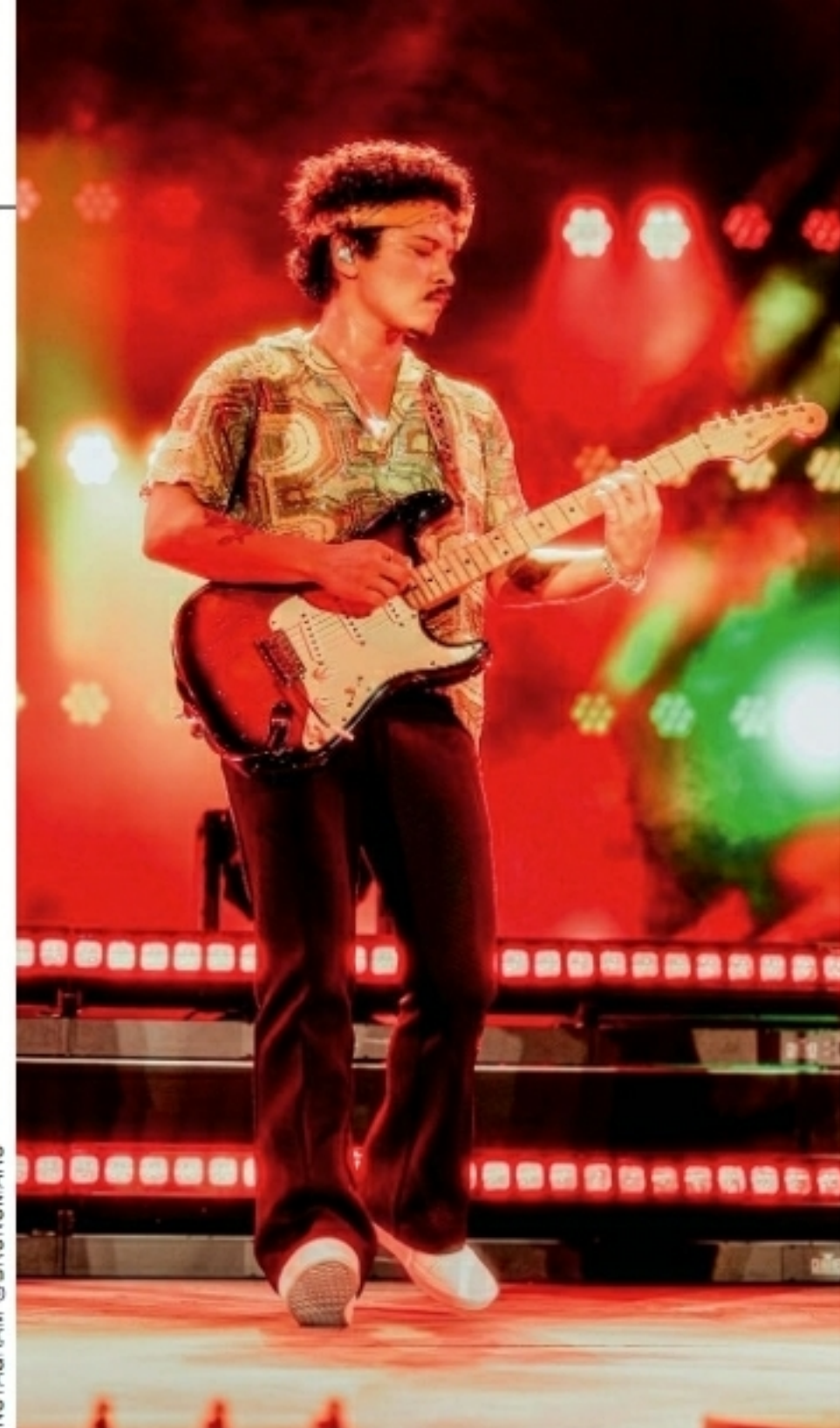
INSTAGRAM @AGATHAMOREIRA



O MILAGRE DA MULTIPLICAÇÃO

Nada como uma celebridade internacional para dar visibilidade a um autêntico pé-sujo, embalado por bom chope e roda de samba. Foi assim com o De Primeira, no circuito boêmio da Vila Madalena, em São Paulo, onde **BRUNO MARS**, 39 anos, fez um esquentado antes do primeiro de catorze shows agendados Brasil afora (*foto abaixo*). A turma de Mars ocupou uma mesa de dez pessoas e percorreu o cardápio completo de petiscos – coxinha, pastel, torresminho, bolinho de carne, de mandioca, e por aí vai. No fim, o cantor foi presenteado com uma garrafa de cachaça. “Na hora de ir embora, saiu dançando com ela debaixo do braço e agradecendo todo mundo, megassimpático”, conta Gabriel Coelho, o proprietário, que fez seus cálculos: de uma noite para a outra, a clientela dobrou.

INSTAGRAM @BRUNOMARS



INSTAGRAM @BRUNOMARS



FELIPE OVELHA

A DONA DA HISTÓRIA

Prestes a completar 95 anos, **FERNANDA MONTENEGRO** tenta escapar das homenagens. Já negou ser enredo de escola de samba e reverenciada em festivais de cinema. Também disse “não” quando a chamaram para ser tema de documentário. Mas agora cedeu à investida do diretor **PEDRO WADDINGTON**, 30, filho do genro, Andrucha Waddington, casado com Fernanda Torres. O jovem lhe veio com uma proposta que soou razoável – promover um passeio por sua longa trajetória sem adentrar o terreno das intimidades. Uma única condição colocada pela diva dos palcos até ajudou: ela não queria perguntas predefinidas no roteiro, preferia o improviso. E assim vêm sendo as gravações, em que Pedro se põe quase mudo, deixando a protagonista falar à vontade. “Todo mundo que a dirige tem menos desafios do que o normal. Se você pensa numa pergunta, ela já vem com cinco respostas”, conta e, humilde, arremata: “Fui uma mosquinha ali. Não interferei em nada”.

BARBAS DE MOLHO

Nas últimas aparições, **PRÍNCIPE WILLIAM**, 42 anos, vem exibindo uma barba que, como de praxe na Casa de Windsor, já fez ferver o caldeirão das polêmicas. Isso porque, quando Harry subiu ao altar, em 2018, o próprio herdeiro do trono da Inglaterra torceu o nariz para a barba do caçula, que, em seu ruidoso livro de memórias, *Spare (O que Sobra)*, explicou: “Ela era considerada uma clara violação do protocolo, especialmente porque eu me casaria com uniforme do Exército”. A tradição tinha a ver com o fato de, em guerras, o corte dos pelos sobre o rosto pelo inimigo ser sinal de humilhação, daí alguns monarcas evitá-los. Mas, apesar das súplicas do irmão, o duque de Sussex trocou alianças sem mexer num fio no visual – aliás, muito em voga hoje. No vagaroso compasso que rege a realeza, parece que William, a exemplo de seus pares, também achou que era hora de dar uma modernizada.





UM MERGULHO E MUITO FLASH

As turvas águas do Sena, que serpenteia Paris, estiveram o tempo todo sob holofotes globais na última Olimpíada e estimularam uma competição à parte, essa na arena política. Depois de tanto alardear que seria ela a dar ali o primeiro salto, com o rio já limpo, a prefeita, **ANNE HIDALGO**, 65 anos, acabou perdendo a dianteira para a ministra dos Esportes, Amélie Oudéa-Castéra, mas nunca a pose. Na sua vez, ignorando o justificado ceticismo em torno da tão sonhada balneabilidade, ela se deixou clicar à vontade com um conjunto estilo mergulhador de neoprene, que agora resolveu doar, com toda pompa, ao Museu Olímpico de Los Angeles, a próxima sede dos Jogos. E ainda aproveitou, *bien sûr*, para fazer propaganda do legado que defende ser seu. “Esta memória marca o culminar de anos de trabalho”, discursou a alcaide. Quando será que ela vai pular lá outra vez? ■



FOTOS INSTAGRAM @ANNEHIDALGO; ABACA PRESS/ALAMY/FOTOARENA



FOI-SE O TEMPO

João Marcelo,
Adriana e a
filha nos
Estados Unidos
em 2019: nove
anos entre
idas e vindas



ÍCONE ETERNO

João Gilberto
como mais
gostava: agora,
os barracos da
família vêm aos
holofotes

BOTA DESAFINADO NISSO

A encrenca da vez no clã de João Gilberto,
o gênio da bossa nova, é uma renhida guerra do
primogênito pela guarda da filha

SOFIA CERQUEIRA



vídeo contido no link informado a fl. 506.

A situação fática, portanto, revela o desprezo do suposto autor do fato em relação à jurisdição estatal e às normas de convivência social, além de atemorizar insistentemente a ofendida, pois continua perpetrando condutas que caracterizam, em tese, injúria e difamação, praticadas por meio da rede mundial de computadores, além incorrer no crime previsto no art. 24-A da Lei Maria da Penha (descumprimento de medida protetiva de urgência).

para assegurar o cumprimento de medidas protetivas de urgência.

Assim, acolho o pedido do Ministério Público e **DECRETO A PRISÃO PREVENTIVA DE JOÃO MARCELO WEINERT DE OLIVEIRA.**

Expeça **IMEDIATAMENTE** o mandado de prisão.

A BATALHA NOS TRIBUNAIS Documentos obtidos por VEJA revelam o clima de guerra entre João Marcelo e a ex-mulher Adriana: prisão preventiva decretada após condutas contra ela que configuram “injúria e difamação” (*acima*) e medida protetiva que o impede de chegar perto dela (*abaixo*)

Como era de se esperar, as medidas protetivas em desfavor do Querelado foram deferidas, sendo ele proibido de se aproximar da vítima – cliente do Querelante – além de ser proibido de manter contato com ela e de divulgar qualquer tipo de publicação na rede mundial de computadores que possam estar relacionados à honra ou à imagem da Sra. Adriana

Volta e meia, um enrosco arrasta o nome de João Gilberto para o lugar que o recluso e intempestivo músico mais detestava: a luz dos holofotes. O inventário do gênio da bossa nova, morto em julho de 2019, aos 88 anos, se tornou um desses temas espinhosos, entremeado de disputas, reviravoltas e trocas de farpa entre herdeiros que não se bicam. Agora, a contenda da vez gira em

torno do primogênito do artista com a cantora Astrud Gilberto (1940-2023), João Marcelo de Oliveira, 64 anos, ter tido a prisão decretada pela Justiça do Rio de Janeiro, em 27 de setembro, por descumprir ordens judiciais. O produtor musical, que mora nos Estados Unidos, deveria, segundo determinação da juíza, deletar postagens nas redes carregadas de ataques à honra de sua ex-mulher, Adriana Magalhães, 50 anos, também produtora. Ele desacatou as ordens e redobrou a artilharia, desafiando as autoridades. E dá-lhe chumbo grosso contra a companheira com quem passou junto nove anos entre idas e vindas e que hoje briga pela guarda da filha, neta caçula de João Gilberto, uma menina de 8 anos nascida em solo americano e que vive no Brasil. O enredo é desafinado.

Um levantamento feito por VEJA mostra que há quase uma dezena de processos na Justiça movidos um contra o outro, o que dimensiona a extensão da encrência. O caldeirão de rusgas entre os dois entornou no segundo semestre do ano passado, quando João Marcelo passou a acusar a ex de “sequestro da filha” e entrou na 17ª Vara Federal do Rio de Janeiro com uma ação de busca e apreensão da criança, com base na Convenção de Haia — o tratado estabelece regras para o retorno imediato de menores mantidos fora de seu país de forma ilegal. Em julho de 2023, o produtor já havia ido a uma delegacia do estado de Nova Jersey, onde reside, para relatar que não via a filha desde 2019 e alegou “subtração internacional da criança”, ou seja, rapto. A partir daí, passou a postar a cópia do boletim de ocorrência, na qual colou uma foto da ex-mulher e tascou ali a palavra

wanted (procurada). “Isso é absolutamente falso. Ele está usando um registro de ocorrência como se fosse um mandado de prisão contra a minha cliente”, critica o advogado Fernando Augusto Fernandes. A defesa do produtor, representada pela banca de Deborah Sztajnberg, assegura que existe, sim, um mandado de prisão expedida contra Adriana em um processo que corre lá fora. Mas em órgãos de instâncias de cooperação internacional, como a Interpol, não se encontra nada do gênero.

Em meio à pancadaria verbal, o tribunal da cidade de Ocean, em Nova Jersey, extinguiu, em 30 de setembro, a ação que o filho de João Gilberto movia ali e recomendou que a guarda fosse discutida no local de residência da criança, o Brasil. “Concordamos em criar a nossa filha biculturalmente, dividindo nosso tempo seis meses em cada país”, diz nas redes o produtor, argumentando que a ex rompeu o acordo quase que imediatamente. Em outro post, ele parte para a agressão: “Por que Adriana não está presa? Por que o Brasil está protegendo uma mulher que sequestrou a neta dos dois brasileiros mais famosos da terra?”, provocou, invocando a fama dos pais.

A ex-mulher, por meio dos advogados, afirma que, nos últimos cinco anos, período em que ele não encontrou a filha, João Marcelo — que nem sequer viajou ao Rio para o enterro de João Gilberto — nunca foi impedido de estar com a menina. Na época, não cruzou a fronteira americana por estar em processo de naturalização. Amigos do círculo íntimo do casal contam ter testemunhado estocadas dele contra a mulher, em que a emparedava: “Ou vo-



ENROSCO SEM FIM Bebel Gilberto e Claudia Faissol: também na mira

cê aceita minhas ordens, larga sua família no Brasil e vem morar aqui ou acabo com sua vida”.

O afastamento entre pai e filha, afirma a defesa de Adriana, não contém nenhum elemento legal para ser tachado de sequestro porque a garota não vivia nos Estados Unidos, país que visitava com a mãe enquanto ela mantinha o relacionamento aqui e lá com João Marcelo. A favor dela pesa o fato de a filha ter deixado Nova Jersey com um passaporte em que constava a autorização do pai para o voo e, além dis-

so, a mãe é que detinha sua guarda — “exclusiva”, aliás, desde outubro de 2023, de acordo com sentença da 5ª Vara de Família do Rio. Um ponto decisivo para tal resolução da Justiça foi o relato da própria filha do casal, que descreveu o comportamento do pai em suas temporadas nos Estados Unidos. “A menina disse que ele tinha um jeito estranho, antissocial e por qualquer coisa batia nela e a trancava no quarto. E que usava entorpecente o dia todo”, revela uma pessoa ligada à família. “Essa mãe faz uma lavagem cerebral. Ela usou palavras que não são comuns a uma criança”, contesta a advogada Deborah Sztajnberg.

O zum-zum-zum no vespeiro familiar não cessa. Adriana, que morou um ano com João Marcelo em uma cobertura de Ipanema cedida por um amigo de João Gilberto, casando-se em 2015 em terras americanas, também move contra ele uma ação de violência doméstica, ancorada em ameaças e agressões virtuais. No desenrolar da pendenga, foi expedida uma medida protetiva a seu favor, e o produtor musical, além de não poder se aproximar dela, agora só tem autorização para falar com a filha na presença de assistentes sociais, segundo confirmou a reportagem de VEJA. A defesa de João Marcelo rebate, alegando que a ex-mulher pratica “alienação parental”. O mesmo escritório, ao ser indagado por que o cliente não paga a pensão alimentícia estipulada em cerca de oito salários mínimos, sai pela tangente. “Por que então ela não devolve a menina para o pai? Por que seus presentes não

chegam? Por que ela (*Adriana*) não para de explorá-la?”, questiona Sztajnberg. A última pergunta é motivada pela menina estar dando os primeiros passos na área musical, a exemplo dos avós, situação da qual a mãe estaria supostamente se beneficiando. “Quanto às postagens de João Marcelo não apagadas, são um direito de expressão dele. A ordem de prisão é uma medida descabida, inócua e de cunho censório”, arremata a advogada.

Não é a primeira vez que o primogênito da prole de três filhos de João Gilberto, notório pelo temperamento belicoso e pouco afeito a tecer acordos diplomáticos, se vê envolto em duelos familiares. Nos últimos anos de vida do grande músico, quando ele já estava sob interdição parcial, Bebel Gilberto moveu uma ação obrigando o meio-irmão a retirar da internet manifestações “insidiosas” contra ela e a mãe, a cantora Miúcha. O produtor também desferiu ferozes ataques verbais contra a jornalista Claudia Faissol, levantando dúvidas sobre o criador da bossa nova ser realmente o pai da filha dela, embora houvesse um exame de DNA à mesa. No capítulo da divisão dos bens, a moçambicana Maria Céu Harris, que pleiteia o posto de companheira do artista, foi outro dos alvos da ira de João Marcelo. “Meu pai só a deixava ficar nos apartamentos dele porque ela cuidava dos gatos e comprava maconha para ele”, afirmou. As tintas do barraco se tornam ainda mais gritantes ao saber que, no centro de tudo, está uma criança. É lamentável. João Gilberto merecia legado familiar melhor. ■

JOGO DA DIVERSIDADE

Em um mercado masculino, lançamentos relevantes põem, enfim, as mulheres em papéis de destaque tanto nas aventuras digitais quanto no desenvolvimento dos games



REVOLUÇÃO *Echoes of Wisdom*: pela primeira vez em quase quarenta anos a princesa Zelda desponha como figura central

POR MUITO TEMPO, as personagens femininas tiveram papel secundário no mundo dos games. Eram coadjuvantes na história e, quando eventualmente apareciam em destaque, despontavam extremamente sexualizadas. Basta lembrar das lutadoras de *Mortal Kombat* e *Street Fighter* ou dos primeiros títulos da franquia *Tomb Raider*, protagonizada por Lara Croft. O jogo parece estar mudando. A constatação do louvável e tardio passo é o lançamento de *The Legend of Zelda: Echoes of Wisdom*, da Nintendo. Pela primeira vez em quase quarenta anos, a princesa Zelda do título deixou o papel de donzela em perigo e assumiu o desafio de salvar o próprio reino. Mais do que um spin-off, como são chamados os títulos menores derivados da série principal, a nova diversão eletrônica é uma aventura completa como qualquer outra estrelada pelo espadachim Link. Trata-se, enfim, de uma pequena revolução.

Zelda puxa o fio da meada de um movimento interessante demais para ser desdenhado, de mãos dadas com os humores da sociedade. Recentemente, a própria Nintendo pôs outra princesa famosa, Peach, em um jogo solo. O bigodudo encanador Mario, que costuma salvá-la do monstruoso Bowser, nem aparece na trama. Outras produtoras seguem caminho semelhante. A Ubisoft, responsável pela franquia *Assassin's Creed*, uma das mais vendidas do mercado, permite ao jogador a opção de escolher se quer estar na pele de um homem ou de uma mulher. Antes, os personagens eram sempre masculinos. A série *Horizon*, da Guerrilla Games, que instala a caçadora Aloy em um mundo pós-apocalíptico, é outro exem-



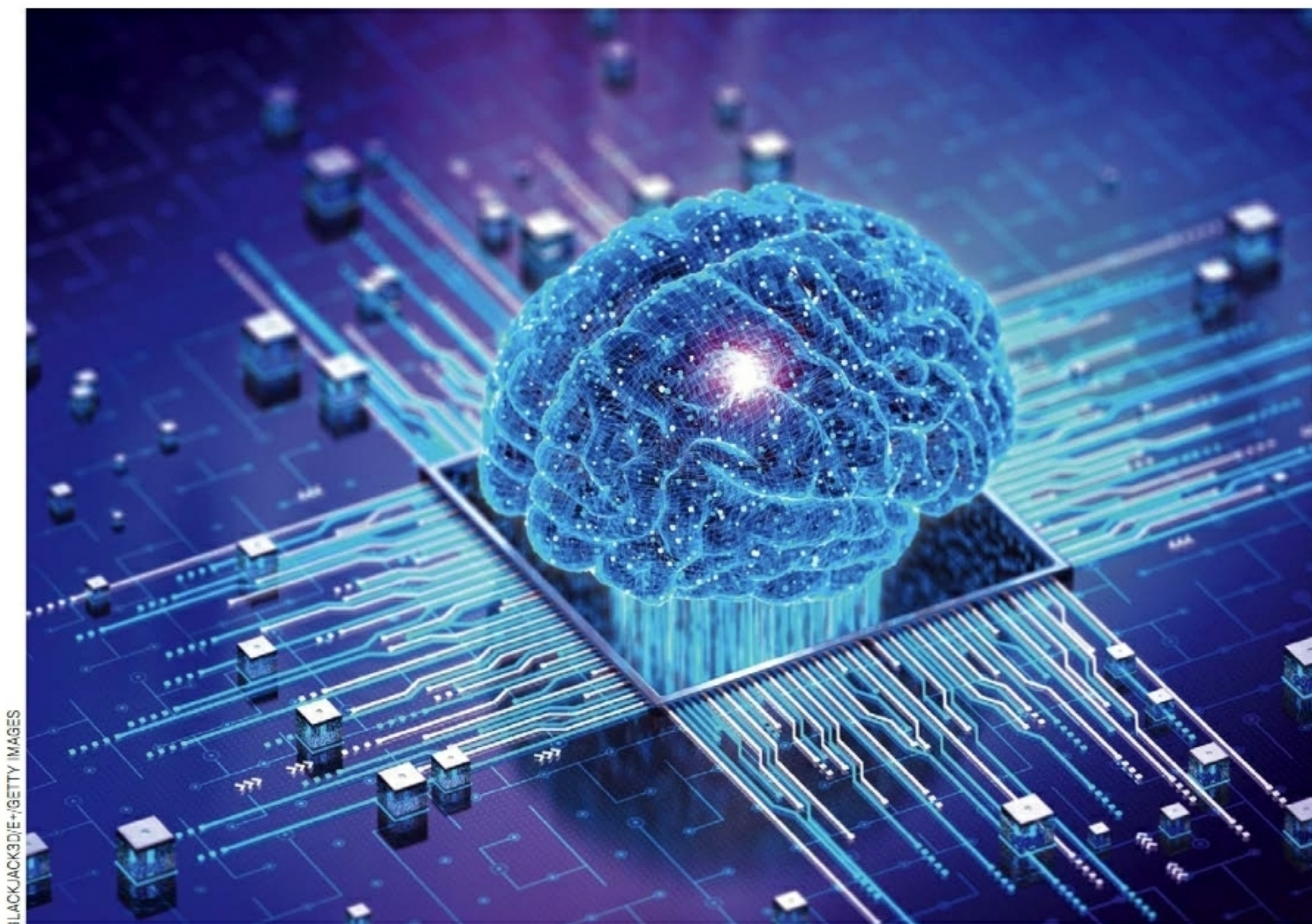
REPRODUÇÃO

SUCESSO A caçadora Aloy, da série *Horizon*: no gosto dos fãs e da crítica

plo de produção recente que investe em uma protagonista carismática, e zero de sexualização. Deu certo. É elogiada pela crítica e admirada pelos adeptos. *GTA 6*, jogo mais aguardado dos últimos anos, terá uma protagonista feminina.

A transformação nas telas é reflexo das mudanças fora delas. A Pesquisa Game Brasil 2024, mapeamento do mercado brasileiro, aponta que as mulheres são maioria (50,9%) dos jogadores. Há uma demanda antiga por maior representatividade. O caso de *Zelda*, reafirme-se, é um bom exemplo. Pela primeira vez, a equipe de desenvolvimento contou com uma diretora, Tomomi Sano, que ajudou a encontrar o tom certo para a figura. Ainda há muito a avançar. Mas as transformações são inegáveis e necessárias em um mercado que movimenta quase 1 trilhão de dólares anuais. É hora do *game over* para o machismo. ■

André Sollitto



BLACKJACK3D/E+/GETTY IMAGES

A GÊNESE DO AMANHÃ

De olho no mundo em que já vivemos, e atenta às distorções e aos dilemas éticos que vêm por aí, a Academia Sueca celebrou o trabalho dos pioneiros da inteligência artificial

FÍSICA

Laureados: John J. Hopfield, da Universidade Princeton, nos Estados Unidos, e Geoffrey E. Hinton, da Universidade de Toronto, no Canadá.





FOTOS: PRINCETON UNIVERSITY/AP/IMAGEPLUS; NOAH BERGER/AP/IMAGEPLUS

CUIDADO Hopfield (à esq.) e Hinton: o medo de que as novas tecnologias saiam do controle humano

Por que ganharam: os cientistas usaram ferramentas da física e da biologia para construir estruturas como as redes neurais digitais, atalho para desenvolver o chamado aprendizado de máquina.

No mundo prático: quem nunca usou a internet para traduzir palavras de um idioma que não domina? Quem não entrou em um chat automatizado para “conversar” com um robô? Ou, para ir no cerne de uma atividade corriqueira deste século XXI: quem nunca foi ao motor de busca de um navegador pesquisar a resposta precisa?

A origem dessas atividades bebe do trabalho de Hopfield e Hinton deflagrado no início dos anos 2010, em

uma linha de raciocínio que caminhava havia décadas. Sem nunca ter dividido o mesmo laboratório, a dupla andou junta no aprimoramento da inteligência artificial (IA), recurso que alimentou também o Nobel de Química (*leia na pág. ao lado*). Trata-se, tudo somado, de fazer com que os computadores pensem e quem sabe, um dia, alcancem a infinita capacidade humana, embora soe improvável. Houve saltos espetaculares com a simulação do funcionamento dos neurônios, as células que movimentam a grande força da humanidade, para o bem e para o mal: nossa incrível e exclusiva capacidade de apreender e compartilhar conhecimento.

É uma aventura em desenvolvimento, campo que pressupõe vigilância constante em razão das distorções e dos dilemas éticos. A íntima ligação da láurea de Estocolmo com a vida que já levamos, aqui e agora, foi traduzida por Hinton na entrevista dada a jornalistas depois do anúncio, ao comparar a IA com a Revolução Industrial dos anos 1800. “Mas, em vez de superar as pessoas com relação à força física, vai superar as pessoas com relação à força intelectual”, disse, para então tocar no nervo exposto. “Representará aumentos brutais em produtividade. Mas também temos de nos preocupar com uma série de possíveis consequências ruins, particularmente a ameaça de que essas coisas saiam do controle.” ■

Alessandro Giannini

C. HAYDON/UNIVERSITY OF
WASHINGTON SCHOOL OF
MEDICINE/AFP



THEO WARGO/GETTY IMAGES



BBVA FOUNDATION



IDEIAS DE GÊNIO Baker, Hassabis e Jumper: computação a serviço da vida

QUÍMICA

Laureados: O americano David Baker, da Universidade de Washington, e o britânico Demis Hassabis e o americano John Jumper, do Google DeepMind.

Por que ganharam: Pelo desenvolvimento de um método capaz de prever, com extrema precisão, a estrutura das proteínas e pelo design computacional de partículas inéditas na natureza.

No mundo prático: Hassabis e Jumper recorreram à inteligência artificial para criar um programa que consegue prever a forma originada a partir da sequência de pedacinhos que constituem as proteínas — moléculas que estão na base do funcionamento do corpo humano. Ao decifrar sua estrutura tridimensional e seu comportamento, é possível entender, em detalhes, como o organismo trabalha e elucidar as causas das doenças. Baker deu um passo além: concebeu uma ferramenta computacional para desenhar novas proteínas, inexistentes no mundo real, em laboratório, ponto de partida para o desenvolvimento de uma nova geração de medicamentos mais modernos.

Luiz Paulo Souza

MEDICINA

Laureados: Os americanos Victor Ambros, da Universidade de Massachusetts, e Gary Ruvkun, de Harvard.

Por que ganharam: Pela descoberta dos micro-RNAs, pequenas estruturas que atuam na regulação dos genes.

No mundo prático: Dogmas não resistem ao avanço da ciência. Um deles, central na biologia, diz que o DNA dá origem a uma molécula de RNA e esta, por sua vez, resulta na confecção de uma proteína. Eis a lógica da vida. Mas o universo dos genes não é tão simples assim. Existem outras peças nesse quebra-cabeça que modulam como os códigos incrustados em nossas células serão ativados ou silenciados dentro do corpo. É o que fazem os micro-RNAs, partículas presentes tanto em vermes microscópicos como em seres humanos, e hoje notáveis por regular a expressão gênica. Essa descoberta



JOSEPH PREZIOSO/AFP

REVOLUÇÃO Ambros e Ruvkun: reescrevendo a história da biologia

seminal é obra de Ambros e Ruvkun, professores que não só identificaram os micro-RNAs como sua função e presença em inúmeras espécies. Seus extraordinários achados abrem caminho a formas inovadoras de diagnosticar e tratar problemas de saúde.

Diogo Sponchiato

LITERATURA

Laureada: Han Kang, autora nascida na Coreia do Sul.

Por que ganhou: Pela sua prosa poética, que “confronta traumas históricos e expõe a fragilidade humana”, segundo a Academia sueca.

Por que lê-la: Escolhida por explorar de maneira sensível as ambiguidades e contradições humanas, Han Kang é autora de textos enxutos e impactantes. Conjugando realismo, fantasia e um fundo político

latente, suas obras lançam um olhar afiado sobre questões contemporâneas que afligem os sul-coreanos, mas revelam-se universais: em *A Vegetariana*, uma jovem rejeita alimentos de origem animal a ponto de querer virar ela própria um vegetal, tecendo reflexões sobre o machismo e o desalento existencial. Nascida em Gwangju, em 1970, Kang recupera ainda a história de seu povo, aliando tormentos diversos à mentalidade oriental: o belíssimo *Atos Humanos* relembra um massacre em sua cidade natal, no qual mais de 2 000 pessoas foram mortas em um protesto contra o governo ditatorial do país, em 1980. ■



ALEXANDER MAHMOUD/TT NEWS AGENCY/AFP

INTENSA

A sul-coreana Han Kang:
visão poética da
fragilidade humana

Amanda Capuano

A ERA DOS EXTREMOS

O susto com o furacão Milton, na costa da Flórida, é mais uma constatação da sucessão de desastres climáticos alimentados pela natureza e do descaso da humanidade **VALÉRIA FRANÇA**



ASSUSTADOR O ciclone tropical em formação sobre o território americano: ventos de mais de 200 quilômetros por hora

NASA/GETTY IMAGES/AFP



FOI ASSUSTADOR, em cenas que pareciam ter sido montadas por especialistas em efeitos especiais dos filmes de catástrofes lançados por Hollywood. Mas não: era a realidade soprando aos olhos. Ao tocar o solo de Siesta Key, nos Estados Unidos, na quarta-feira 9, o furacão Milton arrastou casas e carros em cidades parcialmente esvaziadas, dado o inteligente movimento prévio de evacuação. Os ventos chegaram a 205 quilômetros por hora, em escala de número 3 — o patamar máximo é 5, com rajadas de até 300 quilômetros por hora. Ao Milton, previa-se uma trilha de tornados menos agressivos. O medo instalou-se em uma região do mundo acostumada a eventos dessa natureza.

Fenômenos do tipo se sucedem com frequência inédita — outro furacão, o Helene, passou duas semanas antes do Milton. Mas não surpreendem os cientistas ambientais. Na véspera dos estragos, uma coalizão internacional liderada pela Universidade do Oregon, nos Estados Unidos, com participação da Universidade Federal de Minas Gerais, mostrou que a saúde do planeta anda mal, muito mal, e eventos do gênero se tornarão mais frequentes. Dos 35 parâmetros utilizados para monitorar os impactos das mudanças climáticas anualmente, 25 atingiram recordes extremos e preocupantes no último ano. A análise contempla fenômenos como aumento da temperatura e da acidez dos oceanos, com impactos nas águas, na superfície e nos habitantes do globo. Apenas em território americano, o número de mortes relacionadas ao calor decolou 117% entre 1999 e 2023.



BRYAN R. SMITH/AFP

DESASTRE Estragos nos Estados Unidos: milhões de pessoas afetadas

Os dados, incômodos e assustadores — ampliados pelo susto do violento ciclone tropical —, são resultado do triste casamento de condições naturais com o aquecimento global provocado pela mão suja do ser humano. É constatação que brota de outro levantamento robusto, publicado na reputada revista *Nature* por cientistas americanos, holandeses e chilenos. Os autores avaliaram as ocorrências de altas temperaturas, baixa umidade e risco de incêndio na América do Sul nos últimos cinquenta anos. O veredicto: de 1971 a 2000, houve uma média de vinte eventos extremos por ano. De 2003 a 2022, eles saltaram para setenta dias a cada doze meses. Portanto, o caos de 2024 era bola cantada, incrementada por insistente descaso.

Convém compreender como a falta de cuidado ambiental é elemento que multiplica os riscos de variações já existentes na natureza. Há influência de dois fenômenos climáticos que se repetem de dois a sete anos, no máximo: o El Niño, responsável pelo aquecimento das águas do Pacífico, e La Niña, pelo resfria-

mento. Juntos, provocam danos severos, especialmente na porção sul das Américas. Deram-se aumento da frequência de secas e riscos de incêndio no Amazonas. Na região do Gran Chaco, que compreende a planície entre Argentina, Bolívia, Uruguai e Brasil, mais especificamente em uma porção de Mato Grosso do Sul, viu-se uma desidratação inenarrável. Em Maracaibo, na Venezuela, idem. “Nosso trabalho sugere que o descontrole da civilização leva à intensificação dos problemas gerados na esteira do El Niño e La Niña”, disse a VEJA Raúl Cordero, cientista climático da Universidade de Santiago, no Chile. O pérfido resultado, nas palavras de Cordero: “Como a América do Sul é mais impactada pelos dois fenômenos, está também sujeita a mais eventos extremos do que o resto do planeta”.

E dá-lhe uma sucessão de marcas negativas, com um único consolo, o fato de a costa brasileira não estar sujeita a furacões. “O La Niña esteve presente de 2021 a 2023 e levou a registros históricos de secas, no Sul, e de chuvas torrenciais, no Norte”, lembra o cientista ambiental Carlos Nobre, professor da USP. Neste ano, a crise hídrica na Amazônia é reflexo do El Niño, vetor de águas excepcionalmente mais quentes no Oceano Atlântico. Se não bastassem as queimadas, a seca se instalou. O Rio Madeira, que começa na Cordilheira dos Andes e termina no Amazonas, com trechos de 10 quilômetros de largura, atingiu seu menor nível de profundidade em solo brasileiro: 41 centímetros. Os vilarejos ao redor estão sem água e sem possibilidade de transporte. A falta de chuva também se estende ao Pantanal, que vive o pior cenário dos últi-

VÍTIMAS DA SECA



Norte do Amazonas, Maracaibo e Gran Chaco sofreram as maiores variações de aumento de temperatura e diminuição de umidade dos últimos cinquenta anos





QUEIMADAS Pantanal: o pior período de aridez severa dos últimos setenta anos

mos setenta anos, e ao Cerrado, que representou 43% de toda a área queimada no Brasil em agosto.

A equação resulta em freio para a economia. Estima-se que o vaivém do clima, aos sustos, com este que agora foi medido na ponta do lápis, reduza o PIB da América Latina em 12% até 2050. Haverá perdas em regiões como Mato Grosso do Sul, celeiro da produção de soja. As inundações no Rio Grande do Sul, que deixaram 182 mortos e perdas de 97 bilhões de reais, devem acarretar a queda de 1% no PIB brasileiro. E pior: o Serviço de Monitoramento Atmosférico Copernicus, da União Europeia, apontou o Brasil como o maior emissor de gases de efeito estufa de 2024, destaque trágico e na contramão da imagem pretendida pelo governo. Está mais do que na hora de as autoridades, de mãos dadas com a iniciativa privada, beberem da ciência para entender a urgência do que vivemos. O vendaval do Milton representa um novo alerta. ■

CAÇADORES DO PASSADO

Paleontólogos e arqueólogos brasileiros começam a ganhar relevância mundial, em momento de ouro da atividade de escavações e investigações no país **MARÍLIA MONITCHELE**



VITÓRIA Saraiva no Cariri (CE):
indícios de um pterossauro voador

TEM AR de coisa antiga, dado iluminar o passado remoto da Terra e os segredos de espécies vegetais e animais já extintas, mas há novidade em estado bruto: pesquisadores brasileiros despontam, hoje, no panteão da paleontologia. É resultado do casamento do solo fértil, em bacias sedimentares, e ciência de excelência, finalmente respeitada internacionalmente. A estrela em ascensão é Antônio Álamo Feitosa Saraiva, professor da Universidade Regional do Cariri, no Ceará. Ele acaba de receber o prestigiadíssimo prêmio Morris F. Skinner, concedido por suas investigações na Bacia do Araripe, uma região agora conhecida globalmente pela diversidade de fósseis, plantas, insetos e até raros dinossauros, como o pterossauro voador *Tapejara navigans*. “Nunca, nem em meus sonhos mais ousados, imaginei ser escolhido para receber uma honraria deste tamanho”, disse a VEJA.

Para além das contribuições científicas, aliás, Saraiva ganhou notoriedade pela luta contra o tráfico internacional de fósseis. Em Santana do Cariri, ele foi fundamental na criação do Museu Plácido Cidade Nuvens, onde está depositado o Ubirajara, resto de um pequeno dinossauro encontrado na região em 1995. Ele havia sido surrupiado e levado para a Alemanha. Acabou sendo devolvido no ano passado.

Saraiva não é a única estrela do momento. Outro trabalho que vem alcançando repercussão internacional é o de Daniel Sedorko, especialista em invertebrados do Museu



ENCONTRO Walter Neves, o “pai”
de Luzia: na lida com neandertais e sapiens

Nacional do Rio de Janeiro, que revelou a existência de tocas deixadas no caminho por bichos pré-históricos em rochas da era paleozoica. Ganharam destaque ainda fora do Brasil as três espécies de dinossauros — o *Pampadromaeus*, o *Bagualosaurus* e o *Nhandumirim* — identificadas por um grupo de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em 2021, e reconhecidas como as mais ancestrais catalogadas. “A pesquisa que nós fazemos se compara à dos centros de estudo mais avançados do mundo”, diz o paleontólogo Ismar de Souza Carvalho, professor titular da UFRJ. “Estamos em pé de igualdade com europeus, americanos e chineses quando se trata de qualidade.”

As atuais escavações funcionam como aceno, quase homenagem, à atividade heroica, e nem sempre reverenciada, dos pioneiros, tanto da paleontologia quanto da ar-



PIONEIRA Niède Guidon na Serra da Capivara (PI): esforço quase heroico

queologia, esta debruçada em vestígios de seres humanos. Lembre-se, a puxar a linha do tempo da memória, do *Staurikosaurus pricei*, dinossauro escavado também no Rio Grande do Sul, na década de 1930, e que conquistaria fama global. Depois, o esforço de Niède Guidon na Serra da Capivara, no Piauí, no final dos anos 1970 — em linda aventura quixotesca —, que ajudou a criar um centro de visitação turística e desafiar, por meio de pesquisa (ainda contestada, porém), a chamada Teoria de Clóvis, que data o povoamento da América de cerca de 12 000 anos atrás, pela travessia do Estreito de Bering. Segundo Guidon, o *Homo sapiens* teria chegado ao continente há pelo menos 100 000 anos, vindo da África. Despontou, depois, Walter Neves, da USP, o pai de Luzia, o crânio humano de 11 000 anos, o mais antigo até agora encon-

trado nas Américas, que teria pertencido a um extinto povo de caçadores-coletores da região de Lagoa Santa, nos arredores de Belo Horizonte.

Os cientistas de agora são, portanto, filhos daquela geração primeva que cavou fundo, com um olho lá atrás e outro no futuro. Atualmente, há sítios sendo descobertos de norte a sul do país, além do magnífico uso de recursos de DNA ancestral para lidar com hipóteses surpreendentes. “Existem muitas investigações inéditas”, diz André Strauss, professor do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

Como resultado do profissionalismo da turma brasileira, as portas estão sendo abertas para além das fronteiras — constatação da seriedade e confiança. Não por acaso, um grupo liderado por Neves e Strauss, atrelados a outros pesquisadores daqui, esteve recentemente na região da Garganta do Varghis, nos Montes Cárpatos, na Romênia, atrás de um santo graal cobiçadíssimo, em um dos mais interessantes levantamentos em curso: a busca de sinais esqueléticos dos últimos neandertais e dos primeiros *sapiens*, à procura de resposta para uma pergunta que não quer calar: em que momento, e de que forma, os grupos hominídeos se tornaram um só e, então, chegamos à humanidade capaz de fazer poesia e provocar guerras? Apesar de todos esses avanços, os pesquisadores seguem enfrentando no Brasil falta de recursos e de dinheiro. O cenário já foi pior, mas é preciso seguir evoluindo, pois há ainda um túnel de histórias escondidas. ■

DIVULGAÇÃO



LAS VEGAS É AQUI

A inauguração de uma moderna casa de espetáculos alojada no antigo Cine Roxy pode ajudar a girar o motor do turismo e revitalizar Copacabana, cartão-postal do Rio

SOFIA CERQUEIRA





DE CARA NOVA

A obra pronta: sob a lupa do politicamente correto, o show tentará escapar de tolos estereótipos

POR DÉCADAS a vitrine do Brasil para o mundo, Copacabana, a “princesinha do mar”, viveu envolta em glamour, sobretudo entre os anos de 1930 e 1960. Foi nessa época que o antigo areal onde ficava um pontilhado de casas de veraneio passou a atrair a fina flor do high society e celebridades de Hollywood começaram a afluir para os hotéis



VIROU HISTÓRIA O antigo espaço nos anos 1970: um marco do bairro

e boates daquele ponto da orla, onde brotaram construções emblemáticas. Com o passar dos anos, o bairro e sua orla, até hoje um dos cartões-postais mais conhecidos do país, mergulharam em uma espiral de degradação, violência e abandono. Pois é justamente no coração do tradicional endereço da Zona Sul carioca que agora serão abertas as portas de uma casa de espetáculos com a ambição de se tornar parada obrigatória na rota turística da cidade, às voltas com uma ascendente leva de forasteiros de toda a parte. Um dos trunfos da empreitada, que consumiu dois anos e 65 milhões de reais em investimentos, é alojar-se em um prédio icônico que andava acumulando pó — o an-

tigo Cine Roxy, que já foi o maior do Brasil, uma bela construção em estilo art déco datada de 1938.

Inspirado nos grandes shows internacionais desenhados para exhibir nacos de culturas locais para quem vem de fora, o Roxy Dinner Show (assim batizado por ser um jantar musical, assinado a cada estação por um chef diferente) tem pitadas do Extravaganza, de Las Vegas, do Señor Tango, de Buenos Aires, e do Moulin Rouge, o cabaré parisiense cujos cartazes nos tempos áureos eram de autoria de Toulouse-Lautrec (1864-1901). A promessa é escapar ao máximo dos estereótipos e promover uma viagem pela diversidade brasileira. “Será um pocket show do que foi a abertura da Olimpíada no Rio, mas com mais tecnologia e grandiosidade”, explica o empresário Alexandre Accioly, à frente do empreendimento e também sócio no projeto de revitalização do Jardim de Alah, outro marco carioca.

Os números da casa, com inauguração prevista para sexta-feira 18, são superlativos — com 4 400 metros quadrados e 700 lugares sentados, só a cortina que emoldura o palco, acionada por quase cinquenta roldanas, custou 2,5 milhões de reais. No rol de gastos, digamos, mais miúdos, o elegante traje do porteiro plantado à porta para recepcionar o público saiu por 78 000 reais. A preocupação foi instalar um sistema de som “à altura do padrão João Gilberto”, como define o próprio Accioly, referindo-se ao ultraexigente gênio da bossa nova. O interior do edifício, tombado pelo patrimônio municipal, foi revestido com a técnica box in box, na qual

materiais isolantes separaram a estrutura original da mais nova. As paredes do generoso salão ainda ganharam ripas de madeira, tudo para garantir acústica irrepreensível. “Trabalho há décadas no setor de entretenimento e digo sem medo não haver nada igual no país”, avalia Cicão Chies, da DC set, parceiro no negócio.

A ambiciosa meta é ajudar a fazer girar a manivela do turismo, que vem se expandindo no Rio: 1,3 milhão de estrangeiros desembarcaram na cidade em 2023, um avanço de 10% em relação a 2019, o ano pré-pandêmico. Entre as décadas de 1970 e 1990, o Rio foi palco de iniciativas semelhantes, voltadas para dar aos que vêm do exterior um sabor local — Plataforma, Scala e o Oba Oba figuravam entre elas. Mas uma diferença substancial afasta os shows do passado da versão atual. Numa época em que o filtro do política-



DANIELA DACORSO

VOO ALTO Accioly: viagens para observar o que já deu certo no mundo

mente correto passava longe da indústria do entretenimento nacional, o que mais se punha em cena eram artistas seminuas, sublinhando uma caricatura da mulher brasileira, em tom preconceituoso. Agora, é exatamente disso que o novo espetáculo quer fugir. “Ao retratar o Brasil, o roteiro leva em conta as discussões de hoje, com um olhar contemporâneo. O elenco contempla variadas origens, cores e gêneros”, esclarece o diretor artístico, Abel Gomes, responsável pela abertura e o encerramento dos Jogos de 2016 e as últimas festas de réveillon na cidade. “Se (Oswaldo) Sargentelli montasse um show de mulatas como havia no Oba Oba, do qual fui sócio por dois anos, seria preso. O mundo agora é outro, tudo mudou”, pondera Accioly.

Com uma equipe fixa de mais de uma centena de profissionais, entre bailarinos, cantores, maquiadores e camareiras, o espetáculo, batizado de *Aquele Abraço*, abarca distintos ritmos e expressões culturais, do samba ao frevo, do funk à bossa nova. Enquanto o som toca firme na caixa, imagens de cantos diversos do país serão projetadas em um imenso telão de LED, que esconde o backstage, concentrado em um prédio de cinco andares erguido do zero. A brincadeira que corre nos bastidores é que, daqui em diante, o histórico Moulin Rouge terá que fechar as portas e se renovar em Paris. Exageros ufanistas à parte, fica a torcida para que os turistas que formam fila para conhecer o velho cabaré da Cidade-Luz batam ponto também nessas praias ao sul do Equador. ■



ÍCONES

Ao lado de
Zendaya,
no Met Gala:
a dupla mais
poderosa
da moda

ARQUITETO DE IMAGEM

Há um nome incontornável hoje entre as muito famosas de Hollywood: o estilista Law Roach, celebrado por montar os figurinos e com eles construir personagens

SIMONE BLANES



ELE NUNCA DIZ não a Zendaya. Nem a Anya Taylor-Joy, Lindsay Lohan e Hunter Schafer. E não diz porque elas não deixam. Há um nome incontornável hoje nas passarelas: o estilista Law Roach. É uma figura que compõe modelos não apenas bonitos e vistosos, mas que ajudam a construir ícones da cultura pop. Roach se autodenomina “arquiteto de imagem”, título que adotou como marca registrada. Afinal, não cria roupas, mas escolhe as peças como ninguém. Vive em Los Angeles, mas é muito influente em Paris. Trata-se, enfim, do nome da hora na moda. Não à toa, foi homenageado com o prestigioso prêmio Estilista do Ano, da revista *Hollywood Reporter*, e como Estilista do Conselho de Designers de Moda da América, em 2022.

Não por acaso, portanto, ocorreu enorme alvoroço após Roach declarar, do nada, que sairia de cena. “A política, as mentiras e as narrativas falsas finalmente me pegaram”, postou no Instagram. “Vocês venceram... Estou fora.” Deu-se o rompante depois dos severos insultos que sofreu (e com razão, diga-se) ao chamar a atriz Priyanka Chopra Jonas de gorda. Um outro suposto motivo: um ataque de estrelismo porque não foi posto ao lado de Zendaya na primeira fila do último desfile da Louis Vuitton, realizado na cidade de Paris. Houve quem apontasse o dedo do racismo. Não é improvável, e convém sempre estar atento a Roach, que não leva desaforo para casa, nunca.

Contudo, com o mesmo estardalhaço com que disse adeus, voltou leve e faceiro, para alívio das pupilas e das



GALERIA Lista nobre nas passarelas: Anya Taylor-Joy (à esq.), Lindsay Lohan e Hunter Schafer, modelos para quem o costureiro de Chicago jamais diz não

pupilas de quem admira suas roupas. Ao retornar, vestiu Zendaya (e quem mais?) de modo dramático, em azul-cobalto, insinuante, para o Met Gala, o baile beneficente do Museu Metropolitano, em maio. “Eu estava apenas cansado”, justificou ao *New York Times*. Também enfrentava o luto pela morte do sobrinho de 3 anos, que caiu do 17º andar (“não tive tempo nem de lamentar”, disse). Agora, fir-

me e forte, de nariz empinado, Roach lança o livro *How to Build a Fashion Icon — Notes on Confidence from the World's Only Image Architect*, uma espécie de guia para se tornar confiante, com dicas, truques e histórias de um fenômeno que passou de outsider a estrela da indústria. A obra tem pinta de autoajuda (“quero chegar ao âmago das pessoas”, afirmou o autor), mas é o manifesto de um homem negro e gay que não aceita ser tratado à margem.

Aos 46 anos, nascido em Chicago e criado por uma mãe solteira que o abandonou aos 14, Roach teve de ir à luta desde cedo. Foi acolhido pela avó, e com ela diz ter sido “enfeitiçado pelo estilo”, ao observar como se vestia. Com ela também ia aos brechós, onde descobriu o dom de encontrar “diamantes brutos”. No final dos anos 1990, conheceu Siobhan Strong, com quem abriu a loja Deliciously Vintage, e ganhou fama ao ter uma peça comprada pelo rapper Kanye West para sua então namorada, a modelo Amber Rose. Em 2011, recebeu o telefonema que mudaria sua vida. Era um dos agentes de uma atriz adolescente da Disney, uma certa Zendaya — e o resto é história. Ela virou ícone de moda. Ele atraiu clientes em profusão.

Roach não desenha modelos, debruçado em uma folha de papel ou no computador. Ele imagina visuais, cores, proporções. A excelência e o sucesso do que faz, sempre de mãos dadas com estrelas, começa a ser comparado com outros momentos da bela travessia do estilo. O par com Zendaya, por exemplo, é comparável ao de Hubert de

Givenchy (1927-2018) com Audrey Hepburn (1929-1993), ou de Jean-Paul Gaultier com Madonna, Bob Mackie e Cher. Assediado para novos trabalhos, pelos quais cobra dezenas de milhares de dólares (os valores nunca são revelados), dá-se ao luxo de negar com frequência — a não ser para a fina flor das telas e capas de revistas. “Tenho dito não a muitas pessoas. Exceto Zendaya”, afirma. E Taylor-Joy, Lohan e Schafer. Um conselho, a partir de agora: sempre que um corte chamar atenção, sempre que uma donzela estiver escandalosamente espetacular, convém verificar a etiqueta. A chance de ter a assinatura Law Roach é imensa. ■

HERÓI DA RESISTÊNCIA

Um tocante documentário narra a história de Christopher Reeve, o ator que voou no cinema como o Superman e que ficou tetraplégico após cair de um cavalo – condição que fez dele um ativista em prol das pessoas com deficiência

RAQUEL CARNEIRO



NO AUGO Nos anos 70: ele foi o primeiro a tratar com seriedade dramática o papel do Homem de Aço

por anos para retomar o controle do corpo — e como tais agruras o converteram num ativista essencial em prol das pessoas com deficiência.

Essa lacuna é sanada, enfim, pelo ótimo documentário *Super/Man: a História de Christopher Reeve* (*Super/Man: The Christopher Reeve Story*, Estados Unidos, 2024), que estreia nos cinemas na quinta-feira 17. “Quando o projeto chegou às nossas mãos, assim como o amplo material de acervo da família, ficamos incrédulos em saber que ainda não existia um bom filme sobre a história”, disse a VEJA o inglês Peter Ettedgui, que assina a direção do longa ao lado do suíço Ian Bonhôte. A dupla já tinha no currículo o documentário *Pódio para Todos* (2020), produção da Netflix sobre atletas paralímpicos, o que facilitou a aproximação deles com os três filhos de Reeve, Matthew, Alexandra e Will — o trio mantém vivo o legado do pai na instituição que leva o nome dele e de sua esposa, Dana, voltada para o bem-estar de pessoas com paralisia.

Quando os cinco se reuniram, um detalhe essencial ficou acertado. “Decidimos que não seria mais um documentário bobo de celebridades, não colocaríamos Christopher em um pedestal”, contou Ettedgui. “Ele tinha falhas, teve uma vida complexa e pouco conhecida, e isso faz parte da pessoa impressionante que era.” A narrativa não linear do filme entrelaça o antes e o depois do acidente. Filho do intelectual Franklin D’Olier Reeve (1928-2013), o astro teve uma relação dura com o pai, um homem severo

No dia 27 de maio de 1995, o ator Christopher Reeve, conhecido por interpretar o Superman no cinema, participava de uma competição de hipismo — uma de suas várias atividades esportivas — quando seu cavalo parou no instante de um salto. A interrupção abrupta do movimento o derrubou. Um tombo que, a princípio, pareceu inofensivo: a expectativa dos presentes ao torneio era que o astro americano se levantaria de imediato do chão. Isso não ocorreu, infelizmente. Reeve fraturou as duas primeiras vértebras da coluna cervical e passou quase sete horas numa delicada cirurgia que, como o próprio diria de forma didática mais tarde, basicamente religou sua cabeça ao corpo. O ator sobreviveu, desafiando os prognósticos. Mas sua vida mudou radicalmente: ele ficou paralisado do pescoço para baixo e passou a depender de um aparelho para respirar. O acidente foi noticiado à exaustão na época. Pouco se sabe, porém, dos bastidores que marcaram aquele período no hospital, de seu esforço



APOIO Ao lado de Dana e do filho caçula, Will: esposa foi o apoio que fez o ator escolher se manter vivo



SUPERAÇÃO Após o acidente: volta ao set como diretor e luta por pesquisas

e distante. Decidiu ser ator à revelia dos protestos familiares. Entrou na escola de arte Juilliard, em Nova York, e lá recebeu um conselho inusitado do renomado ator romeno John Houseman (1902-1988), que lhe disse: “É importante que o senhor se torne um ator clássico sério, a menos que ofereçam a você muito dinheiro para fazer outra coisa”.

Com o objetivo de equilibrar esses dois caminhos num mesmo trabalho, Reeve fez testes para o papel do Superman, em uma era na qual o filão dos heróis passava longe da popularidade de hoje. Dono de um afiado senso de ética e responsabilidade, o ator abraçou o personagem com a força



DUPLA DINÂMICA Reeve e Williams:
grandes amigos, eles se completavam

e a seriedade de quem encarna um *Macbeth*. O resultado foi o estrondoso *Superman — O Filme*, de 1978, que fez dele um astro mundial. Mais três longas da saga viriam até 1987 — estes, porém, longe do mesmo impacto.

Reeve voltou ao teatro e fez diversos outros filmes dramáticos e menores, tentando mostrar que era mais que o homem de capa vermelha que voava na tela dos cinemas. Nessa busca, deu de cara com a aleatoriedade da vida: Reeve era alérgico a cavalos, mas quis tanto o papel do Conde Vronsky, numa adaptação de *Anna Karenina* (1985), que se autoinjetava anti-histamínicos durante as



HERDEIROS Matthew, Alexandra e
Will: filhos de Reeve também são ativistas

aulas de equitação. O esforço foi vertido em paixão — e, ironicamente, levaria a um duro golpe do destino.

Quando recuperou a consciência após o acidente, ele sugeriu à família que desligasse seu respirador. Numa entrevista a VEJA, em 2001, relembrou o momento: “O único pensamento que passava pela minha cabeça era: ‘Eu estraguei minha vida, sou um imbecil’. Diante disso, a ideia de suicídio foi uma reação natural” (*leia mais no quadro abaixo*). Reeve mudou de ideia ao ver a esposa Dana. Ainda no hospital, ela lhe disse: “Você ainda é você”. Mãe do filho mais novo do ator — os dois primeiros são fruto da relação

de Reeve com a publicitária Gae Exton —, Dana é coprotagonista do documentário. Cantora e atriz, foi a fortaleza familiar que tentou manter um senso de normalidade em casa. “Meus pais não fizeram nossas vidas girarem em torno da tragédia”, conta Will, hoje apresentador de TV. “Foi difícil e desafiador, mas o clima em casa era de alegria, amor e trabalho.”

Quem ajudou, e muito, a criar esse ambiente foi o ator Robin Williams (1951-2014), que conheceu Reeve antes da fama e se tornou seu melhor amigo. “Chris era uma rocha, inteligente e confiável. Já Robin tinha um senso de humor anárquico. Eles se completavam”, diz Bonhôte. Quando estava no hospital, pouco após o acidente, Reeve recebeu a visita de Williams, que entrou no quarto disfarçado de procto-

PALAVRAS DE UM LUTADOR

Numa entrevista a VEJA, em 2001, Christopher Reeve falou sobre as mudanças em sua vida após ficar tetraplégico. Confira os seus pensamentos.

“Quando recuperei a consciência no hospital, o único pensamento que passava pela minha cabeça eram coisas do tipo: ‘Eu estraguei minha vida, sou um imbecil’. Diante disso, a ideia de suicídio foi uma reação natural. Esses pensamentos acabaram no primeiro encontro que tive com a minha família no hospital”

logista, dizendo que faria um exame bem invasivo — arrancando assim a primeira risada do amigo em meio à dor. “O fato de Robin não ter abandonado nosso pai é algo que nos inspira”, afirma Alexandra.

A filha do meio se tornou a mais envolvida na causa legada pelo pai. Reeve tinha não só o desejo, mas a certeza de que voltaria a andar. Seu esforço constante, baseado na busca por medicina de ponta e na fisioterapia, permitiu-lhe recuperar parte da sensibilidade ao toque e o controle de alguns músculos. Em busca da cura, ele entrou em uma briga política com o governo de George W. Bush, que limitou as pesquisas de células-tronco embrionárias humanas por se tratar de um tema sensível entre eleitores religiosos — em 2009, Barack Obama derrubou a proibição. Hoje, os

“Gosto de me sentar próximo à janela de casa para observar os pássaros no céu e as árvores. Passo horas me deleitando com isso. Antes do acidente, nunca poderia imaginar que alguém sentisse prazer com esse tipo de atividade”

“O modelo do Super-Homem pode estar na cabeça do público, mas não na minha. Para mim, ele foi apenas um personagem. Muito marcante na minha carreira, mas apenas um personagem”

avanços na área são dignos de ficção científica, com tratamentos promissores para pessoas com HIV, autismo, diabetes e lesões na espinha dorsal, como a que atingia o ator.

A produção não foge, porém, da controvérsia em torno da obsessão de Reeve pela cura: o que para ele era um sinal de otimismo, para outros cadeirantes poderia ser um desrespeito. Afinal, sem o vislumbre de uma cura e de recursos como aqueles ao alcance de um astro de Hollywood, muitas dessas pessoas almejam não mais que qualidade de vida e oportunidades. Em certo ponto, o próprio entendeu a importância desse modo de viver: antes atlético e fã de atividades ao ar livre, Reeve aprendeu o valor do silêncio e das relações profundas. Também passou a conviver com outros cadeirantes — que ressignificaram seu conceito do que é ser um herói. “Essas pessoas comuns que lutam contra grandes obstáculos é que são os heróis da vida real”, disse ele a VEJA.

O ator ainda conseguiu voltar ao set de filmagens, só que em outra função: dirigiu dois longas-metragens, um deles sobre a história real de Brooke Ellison, que se tornou a primeira pessoa tetraplégica a se formar em Harvard. Reeve morreu em 10 de outubro de 2004, aos 52 anos, vítima de infarto decorrente de uma infecção. Um ano e meio depois, outro golpe: sua esposa Dana faleceu aos 44, de câncer de pulmão. Robin Williams adotou o filho do casal. “O luto nunca acaba”, afirma Will hoje. “O documentário é a chance de ganhar mais tempo com meus pais.” Dentro e fora das telas, Christopher Reeve foi heroico — e seu legado resiste. ■

LIGAÇÕES PERIGOSAS

Como a prisão do artista americano Sean Combs, acusado de abusos sexuais em série, está abalando a indústria do hip-hop – antes um bastião de ídolos intocáveis **FELIPE BRANCO CRUZ**



QUEDA BRUTAL

Sean Combs: rico, influente e agora um “amigo” tóxico



PODEROSO, influente e dono de uma fortuna de quase 1 bilhão de dólares, o rapper Sean John Combs — conhecido como P. Diddy ou Puff Daddy — foi por décadas um figurão intocável na elite do hip-hop. Há um mês, porém, seu barraco desabou: o artista de 54 anos foi preso sob a acusação de encabeçar um escabroso esquema de tráfico sexual, extorsão,



MEGA/GC IMAGES/GETTY IMAGES

CENA DO CRIME Polícia na mansão em Miami: imóvel de 264 milhões de reais sediava festas ilícitas



JEFFERSON SIEGEL/THE NEW YORK TIMES/FOTOARENA

ALTAMENTE SUSPEITO As provas: drogas, armas, lubrificantes e até 1000 frascos de óleo para bebê

associação criminosa e promoção da prostituição. Combs está detido em uma prisão de Nova York célebre por sua insalubridade — e o contraste entre sua situação atual e os dias de glória ilustra o tamanho do peixão que caiu nas mãos da Justiça americana. A cerca de 160 quilômetros de sua cela fica o endinheirado balneário dos Hamptons, onde Combs promoveu nos últimos anos as concorridas Festas do Branco, que contavam com mulheres seminuas na piscina e eram frequentadas por estrelas do porte de Leonardo DiCaprio, Demi Moore, Jay-Z, Beyoncé, Ashton Kutcher, Mariah Carey e Jennifer Lopez — aliás, sua ex.

O que a polícia averiguou, de alguns meses para cá, é que havia algo podre por trás da badalação. Em paralelo, Combs também promovia baladas privês chamadas de *freak offs* (“surtos”, em português), nas quais coagia mulheres a se drogarem para transar com garotos de programa, enquanto ele próprio assistia a tudo. Nas suas mansões em Los Angeles e Miami, a polícia encontrou drogas, fuzis e mais de 1 000 frascos de óleo para pele de bebê e lubrificantes — produtos que, em tese, seriam destinados a essas orgias. A principal denúncia foi feita por uma ex-namorada do artista, a cantora Cassie Ventura, que alega ter sido estuprada repetidamente por Combs e obrigada a se drogar e também a transar, por dias, com outros homens enquanto ele a espancava. A prisão causou um efeito dominó, com novas denúncias de outras sete mulheres e de dois homens.

Embora degradantes, as *freak offs* não eram segredo. Muita gente sabia, mas não denunciava com medo de repre-



CASAL Com a ex Jennifer Lopez:
celebridades da elite da música americana

sálias. Dono de marcas de bebidas e de roupas, e com investimentos que vão da *Cannabis* a imóveis, além da gravadora Bad Boy Records, Combs era visto como um pop star irre-freável num meio em que maiorais com um quê de gângsteres musicais pontificam. Sempre houve uma cultura de abuso no meio hip-hop, mas sua existência era um anátema indigesto frente à simbologia de afirmação social e racial representada pelo sucesso de seus ídolos. Tornou-se impossível es-



AMIZADE Com Beyoncé e Jay-Z: elo fez cantora perder 1 milhão de seguidores

conder esse mal-estar quando outro medalhão, R. Kelly, foi condenado por crimes semelhantes, há três anos. Desde então, as vítimas se encorajaram a denunciar os desmandos, e os casos agora se empilham. Grandes produtores como L.A. Reid, The-Dream e o magnata Irv Gotti também respondem por abuso sexual e estupro.

Nada é equiparável, contudo, à magnitude e ao potencial de estrago do escândalo de Combs — que ameaça atingir outros grandes na música. O efeito colateral mais notório até o momento foi sentido por Beyoncé. Na última se-

mana, a musa do r&b perdeu quase 1 milhão de seguidores no Instagram devido à amizade do agora tóxico Combs com seu marido, Jay-Z.

Ainda que a Justiça americana não tenha revelado mais indícios concretos sobre os crimes, o tribunal da internet já tornou o músico radioativo. Inúmeras teorias conspiratórias e memes brotaram nos últimos dias, envolvendo os famosos que compareceram às suas festas. Até as velhas especulações sobre seu suposto envolvimento no assassinato do rival Tupac Shakur, em 1996, voltaram à tona. Diddy e seu amigo Notorious B.I.G. alimentavam uma rixa com Shakur e, quando ele morreu, as suspeitas logo recaíram sobre ambos — B.I.G. também foi assassinado, no ano seguinte. Duane Davis, preso recentemente pelo crime, disse à polícia que o empresário de Combs lhe ofereceu 1 milhão de dólares para matar o ídolo. Após a prisão de Combs, a família de Shakur anunciou que pedirá a reabertura do caso.

Os antigos desafetos do astro caído agora posam de oráculos da verdade, como de praxe nesses casos. Eminem, que chegou a chamá-lo de estuprador em uma música, diz que sempre avisou quem ele era e não foi ouvido. Já o rapper 50 Cent anunciou que produzirá um documentário sobre o escândalo, em parceria com a Netflix. Por fim, o advogado da nova leva de vítimas que vão processá-lo prometeu revelar em breve uma lista de cúmplices poderosos e “surpreendentes”. Pelo jeito, suas ligações perigosas vão abalar o hip-hop por muito tempo. ■

FORÇA NO TOPETE

Protagonizado por um impecável Sebastian Stan, *O Aprendiz* revê o início da carreira de Donald Trump e ilumina como ele se tornou o populista ruidoso de hoje **AMANDA CAPUANO**



SEM ESCRÚPULOS Jeremy Strong e Sebastian Stan no filme: o advogado Cohn (à esq.) forjou o estilo falastrão do político

O CABELO de Donald Trump é quase tão polêmico quanto ele: por anos, desconfiou-se que o republicano usasse uma portentosa peruca — o que ele fez questão de negar repetidas vezes, oferecendo-se, inclusive, para ter o cabelo puxado. Segundo o controverso livro *Fogo e Fúria: por Dentro da Casa Branca de Trump*, de Michael Wolff, a cabeleira peculiar do magnata é fruto de uma suposta redução de couro cabeludo que ele teria feito na década de 1980 para corrigir a calvície — verdade ou não, o procedimento é retratado em *O Aprendiz*, filme de Ali Abbasi que estreou em maio no Festival de Cannes e chega aos cinemas, na quinta-feira 17, cercado de controvérsias.

Protagonizado por Sebastian Stan, que faz um trabalho meticuloso incorporando os trejeitos de Trump, incluindo o indissociável “biquinho” ao falar, o longa explora uma parte pouco falada da vida do ex-presidente americano: os primórdios de sua carreira no ramo imobiliário, que teve o pontapé inicial na década de 1970, quando ele assumiu a empresa do pai. Até então focada em imóveis para a classe média, The Trump Organization voltou-se para os hotéis de luxo nas mãos do herdeiro, que se beneficiou da crise enfrentada por Nova York na época para obter parcerias lucrativas e isenções fiscais polpudas.

Os negócios, mostra o filme, floresceram graças à mentoria de Roy Cohn (Jeremy Strong), advogado que circulava entre os poderosos e usava de métodos no mínimo reprováveis. Os dois se conheceram na década de 1970,



FURACÃO Trump: fama e fortuna
feitas no ramo imobiliário de Nova York

quando a empresa da família Trump foi processada por discriminação e violação dos direitos civis ao se recusar a alugar imóveis para negros. Cohn sugeriu que, em vez de se defender, Trump processasse o Departamento de Defesa em 100 milhões de dólares pelas acusações. A estratégia teve utilidade: o caso foi resolvido com um acordo.

A história ilustra como Cohn moldou Trump. Apesar do acordo com o governo, o ricoço não admitiu culpa pela discriminação em nenhum momento, seguindo à risca

a cartilha do advogado: não se defenda, sempre ataque; não admita culpa, negue tudo; e sempre clame vitória, nunca a derrota. A julgar pela postura de Trump na política, os ensinamentos foram bem absorvidos. Se Trump era o mentor que demitia maus executivos no reality show *O Aprendiz*, que o tornou celebridade global em 2004, ele próprio se revelou um discípulo aplicado de Cohn. Hoje, o presidenciável republicano vive na corda bamba da legalidade, desafiando as instituições e extrapolando os limites entre verdade e mentira.

Não à toa, a equipe jurídica do candidato descreveu o longa como “um lixo”, “pura ficção”, e ameaçou processar a trama por “sensacionalizar mentiras já desmascaradas”. Uma delas seria a cena em que Trump estupra a primeira esposa, Ivana (Maria Bakalova): a passagem surgiu de um relato feito pela própria, morta em 2022, no processo de divórcio, em 1990. Segundo ela, Trump a jogou no chão, arrancou tufo de seu cabelo e, em seguida, a violentou. Três anos depois, Ivana voltou atrás, mudando a versão: alegou que a palavra estupro, usada por ela para descrever a agressão do ex-marido falastrão, não deveria ser interpretada de forma literal ou criminosa. De uma coisa o filme não pode ser acusado: ser infiel à essência de Trump. Com visual kitsch e frases de efeito típicas dos trumpistas, *O Aprendiz* é caricato dos pés aos fios de cabelo. Trata-se de um caso típico de ficção com um bom topete de realidade. ■



WALCYR CARRASCO

A GRANA DO BANDIDO

O que uma tática para lidar
com a violência diz sobre o país

COMPRAR um segundo celular já se tornou um hábito para muitos amigos meus. Um é para sair na rua e, no caso de assalto, não denunciar senhas, contas bancárias ou qualquer atividade econômica. O segundo fica em casa, seguro (a não ser que assaltem a própria moradia, o que também não é impossível). O celular “oficial” (e secreto para os criminosos) tem aplicativos de bancos, transações e, eventualmente, vídeos indiscretos que provocariam um estrago se caíssem na internet.

É um exemplo de até onde chegou o medo nos dias de hoje. Deu mole, dançou. Há truques como esconder um celular nas partes íntimas ao sair na rua e deixar outro na bolsa ou bolso, para ser entregue em caso de assalto. De todas as maneiras, como assaltante não é burro, o aparelho usado em público tem até um aplicativo bancário com um saldo pequeno. Para que, se houver roubo, o bandido se dê por satisfeito.

Outras estratégias não são tão boas assim, como botar limite de retirada. Há casos em que os meliantes conser-



vam as vítimas em cativo, até virar o dia e retirarem de novo. Simplificando: muita gente hoje sai com o dinheiro do bandido, para não correr riscos maiores. Seja em aplicativo bancário, seja no bolso (mais raro). Os assaltantes evoluem em suas técnicas, cada vez mais. Um amigo, no Rio, estava caminhando no calçadão da praia. Dois garotos brigavam, o maior deu pancadas fortes (aparentemente) e deixou o menor estendido no chão. Aos gritos, pediu socorro, médicos e ambulância. Meu amigo sacou o celular e foi ligar para emergência. Um terceiro comparsa veio correndo por trás e levou o aparelho destravado enquanto o outro, estendido no chão, pulava agilmente e fugia pela praia. Era truque! Quando meu amigo chegou ao escritório, perto dali, para travar as contas, era tarde demais. Havia limpado seu saldo. Com o celular desbloqueado nas mãos, fizeram a festa. A senha? Descobriram como? Até

**“Todos têm um amigo que
perdeu celular, dinheiro.
Essa aparência
de normalidade é
que me assusta”**

hoje não entendo. As senhas que parecem mais difíceis são destrinchadas por um assaltante em segundos.

Justamente por isso, tanta gente anda saindo com a grana do bandido. Explico. É importante não deixar o ladrão nervoso porque, aí sim, tudo pode piorar. Ele tem que lucrar com a operação. Outro dia minha funcionária foi assaltada. Foi obrigada a digitar a senha e levaram o dinheiro do salário. Mas depois foi solta. Em casos nos quais não aparece o dinheiro, há vinganças.

Tudo isso até parece normal. O dinheiro do bandido entrou para o orçamento doméstico, e as pessoas ainda dizem: “Graças a Deus não aconteceu nada, só o assalto”. Eu me espanto: como uma violência dessa pode parecer normal? Todo mundo tem um amigo que perdeu o celular, o saldo bancário, o dinheiro do bolso. Essa aparência de normalidade no que é de fato uma violência me assusta mais que tudo. A existência do dinheiro do bandido é um termômetro de como estamos frágeis, medrosos e sem proteção. Enfim, sem segurança. ■



SANJA BUCKO/APPLE TV+

PROTEÇÃO Catherine (Cate Blanchett) com o marido: segredos sombrios põem a harmonia em xeque

TELEVISÃO

PURA COINCIDÊNCIA (dois dos sete episódios já disponíveis, com estreia dos próximos semanalmente às sextas-feiras, na Apple TV+)

Catherine (Cate Blanchett) se tornou uma jornalista bem-sucedida expondo os podres das vidas alheias. A despeito da ética torta, porém, ela leva uma vida confortável com o marido atencioso, ainda que lute para superar a distância emocional do filho. A paz aparente rui quando ela recebe um livro de ficção que narra um episódio misterioso de seu passado envolvendo a morte accidental de Jonathan, fotógrafo amador encontrado sem vida numa praia na Itália. O autor da obra, Stephen (Kevin Kline), é pai de Jonathan e busca um jeito de punir Catherine pela perda do rebento. Com atuação impecável da protagonista, a minissérie dirigida por Alfonso Cuarón mostra a jornada angustiante de uma mulher desesperada para manter seus segredos e proteger a própria família.





HISTÓRIA REAL Sbaraglia como José:
jornalista argentino em busca de óvnis

O HOMEM QUE AMAVA DISCOS VOADORES

(El Hombre que Amaba los Platos Voladores, Argentina, 2024. Disponível na Netflix)

Num lugarejo no interior da Argentina, um círculo misterioso surge em um pasto, chamando a atenção da população e do jornalista de TV José de Zer. Ele se embrenha numa série de reportagens de alta audiência e pouca veracidade, tentando provar que um fenômeno alienígena rondava a região. A história real ocorreu em 1986 e é retratada com humor pelo filme do diretor Diego Lerman, com o galã argentino Leonardo Sbaraglia irreconhecível no papel de José. Perspicaz, o filme observa a vida de um homem que, com sua farsa pueril, entretinha a população enquanto buscava se manter relevante na maturidade.



LIVRO

UM DITADOR NA LINHA,
de Ismail Kadaré (tradução de Bernardo Joffily;
Companhia das Letras; 144 páginas;
74,90 reais e 39,90 em e-book)

Em 1934, o ditador Josef Stálin telefonou para o escritor Boris Pasternak para questioná-lo sobre a índole de Óssip Mandelstam, poeta preso por críticas à União Soviética. Diz a lenda que o autor teria garantido: “Somos diferentes, camarada” — e, assim, permanecendo a salvo no regime até *Doutor Jivago* (1957). Com base em relatos reais, o albanês Kadaré (1936-2024) dedicou seu último trabalho a desvendar as verdades sobre o episódio, tecendo linhas esclarecedoras sobre as relações entre tirania e arte. ■

FICÇÃO



1 É ASSIM QUE COMEÇA
Colleen Hoover [3 | 96#] GALERA RECORD

2 É ASSIM QUE ACABA
Colleen Hoover [2 | 159#] GALERA RECORD

3 A FILHA DOS RIOS
Ilko Minev [0 | 12#] BUZZ

4 A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE
Matt Haig [7 | 117#] BERTRAND BRASIL

5 VERITY
Colleen Hoover [5 | 129#] GALERA RECORD

6 O LIVRO DO BILL
Alex Hirsch [0 | 6#] UNIVERSO DOS LIVROS

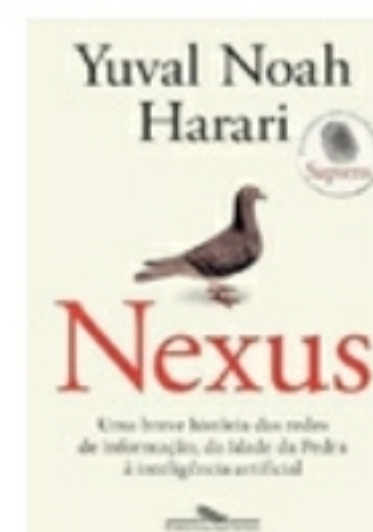
7 TUDO É RIO
Carla Madeira [9 | 105#] RECORD

8 A EMPREGADA
Freida McFadden [1 | 23#] ARQUEIRO

9 A HORA DA ESTRELA
Clarice Lispector [10 | 5#] ROCCO

10 BELEZA OCULTA
Lucinda Riley [0 | 1] ARQUEIRO

NÃO FICÇÃO



1 NEXUS
Yuval Noah Harari [1 | 4] COMPANHIA DAS LETRAS

2 A GERAÇÃO ANSIOSA
Jonathan Haidt [2 | 7#] COMPANHIA DAS LETRAS

3 COMO ENFRENTAR O ÓDIO
Felipe Neto [0 | 3#] COMPANHIA DAS LETRAS

4 AINDA ESTOU AQUI
Marcelo Rubens Paiva [3 | 4#] ALFAGUARA BRASIL

5 O ANIMAL SOCIAL
Joshua Aronson [0 | 12#] GOYA

6 O PRÍNCIPE
Nicolau Maquiavel [6 | 67#] VÁRIAS EDITORAS

7 NAÇÃO DOPAMINA
Dra. Anna Lembke [4 | 59#] VESTÍGIO

8 DEMOCRACIA, O DEUS QUE FALHO
Hans-Hermann Hoppe [0 | 1] MISES

9 CARTA AO PAI
Franz Kafka [0 | 1] VÁRIAS EDITORAS

10 PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA
Djamila Ribeiro [0 | 139#] COMPANHIA DAS LETRAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



- 1 PRINCÍPIOS MILENARES**
Tiago Brunet [5 | 8] ACADEMIA
- 2 NOVENA E FESTA DA PADROEIRA DO BRASIL 2024**
Missionários Redentoristas [0 | 1] SANTUÁRIO
- 3 CIENTISTA DO MARKETING DIGITAL**
Dener Lippert [0 | 1] GENTE
- 4 AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [1 | 39#] ROCCO
- 5 CAFÉ COM DEUS PAI 2025**
Junior Rostirola [7 | 3] VÉLOS
- 6 HOJE É UM BOM DIA PARA VIVER MILAGRES**
André Fernandes [3 | 3] GENTE
- 7 VENDAS: CIÊNCIA OU INTUIÇÃO?**
Flavia Mardegan [0 | 1] GENTE
- 8 PEOPLE FIRST**
Marcelo Toledo [0 | 1] GENTE
- 9 HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [8 | 69#] ALTA BOOKS
- 10 FORAS DA CURVA**
Vários autores [0 | 1] GENTE AUTORIDADE

INFANTOJUVENIL



- 1 A FÚRIA DA DEUSA TRÍPLICE**
Rick Riordan [1 | 2] INTRÍNSECA
- 2 O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [9 | 437#] VÁRIAS EDITORAS
- 3 DEPOIS DAQUELE VERÃO**
Carley Fortune [0 | 5#] BUZZ
- 4 HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [3 | 443#] ROCCO
- 5 MELHOR DO QUE NOS FILMES**
Lynn Painter [4 | 22#] INTRÍNSECA
- 6 CORALINE**
Neil Gaiman [5 | 86#] INTRÍNSECA
- 7 DIÁRIO DE UM BANANA**
Jeff Kinney [7 | 43#] VR
- 8 O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA**
Maidy Lacerda [10 | 28#] OUTRO PLANETA
- 9 BOX – AS EXTRAORDINÁRIAS VIAGENS DE JÚLIO VERNE** Júlio Verne [0 | 1] PRINCIPIS
- 10 AS AVENTURAS DE MIKE**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [8 | 41#] OUTRO PLANETA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Barra Bonita:** Real Peruíbe, **Barueri:** Travessa, **Belém:** Leitura, SBS, Travessia, **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves:** Santos, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Leitura, **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Senhor Livreiro, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos do Jordão:** História sem Fim, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Mania de Ler, Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Caruaru:** Leitura, **Cascavel:** A Página, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Prime, Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Garopaba:** Navegar, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, SBS, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **Jaú:** Casa Vamos Ler, **João Pessoa:** Leitura, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Limeira:** Livruz, **Lins:** Koinonia, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, Livro Presente, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Santos, SBS, Taverna, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS, Travessa, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, SBS, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Leitura, **Santos:** Loyola, **São Bernardo do Campo:** Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti:** Leitura, **São José:** A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís:** Hélio Books, Leitura, **São Paulo:** A Página, B307, Círculo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Paisagem, Santuário, SBS, Simples, Travessa, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Umuarama:** A Página, **Vila Velha:** Leitura, **Vitória:** Leitura, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Paisagem, Sinopsys, Submarino, Travessa, Um Livro, Vanguarda, WMF Martins Fontes



FUTURO INCERTO

FOI EM MARICÁ, a 60 quilômetros do Rio, que o Partido dos Trabalhadores obteve uma de suas maiores vitórias: o deputado federal Washington Siqueira se elegeu prefeito com 73,4% dos votos.

Quaquá, como é conhecido, tem 53 anos, dos quais 37 de ativismo no PT. Há década e meia controla o governo da cidade, uma das mais ricas do litoral do Sudeste, plantada de frente para o supercampo de petróleo Tupi, explorado pela Petrobras com a britânica Shell, a portuguesa Galp e a chinesa Sinopec.

Personagem controverso, pouco antes da eleição quase foi expulso da vice-presidência nacional do partido porque decidiu testemunhar em defesa dos irmãos Brazão, chefes da máfia carioca acusada de matar a vereadora Marielle Franco, do PSOL, e seu motorista, Anderson Gomes, em 2018. “Conheço o Domingos Brazão (*líder do clã*) de longa data, inclusive de campanhas eleitorais nacionais onde ele esteve do nosso lado”, justificou-se.

Ele continua polêmico no partido. Eleito prefeito, anunciou mudanças na segurança pública da cidade onde vivem 190 000 pessoas: “Não toleraremos domínio armado do ter-



ritório. Quem portar fuzil vai pra vala. E a palavra é esta: quem portar fuzil vai pra vala!”.

Quaquá personifica contradições visíveis na crise do PT, passível de levá-lo à fragmentação, na interpretação de alguns dirigentes. Ironia da história, porque é um caso raro de organização política bem-sucedida na redemocratização dos últimos 21 anos: venceu cinco das seis eleições presidenciais; continua no centro do poder; opera com um caixa próximo do bilhão de reais por ano; está na disputa pela prefeitura da maior cidade do país, São Paulo, e de outras quatro capitais (Porto Alegre, Fortaleza, Natal e Cuiabá).

Na teoria, os petistas divergem sobre a melhor “estratégia” para prosseguir no predomínio político, com hegemonia à esquerda. Parte acha necessária apenas uma calibragem da eficiente máquina eleitoral. Outros insistem na insuficiência, em crítica às ações do governo e do partido para liderar mudanças na sociedade rumo a um socialismo democrático, resquício de nostalgia da campanha presidencial de 1989 (Lula perdeu para Fernando Collor por 4 milhões de votos, expressiva diferença de 7 pontos percentuais).

A cizânia entre petistas foi realçada pelo resultado do primeiro turno das eleições municipais. O partido ganhou 248 prefeituras e isso representa 60% menos do que possuía uma dúzia de anos atrás. Na contabilidade oficial, cresceu 37% em comparação à disputa anterior, de 2020. Sabe-se que, desde então, algumas dezenas de prefeitos trocaram de

“A cizânia entre petistas foi realçada pelo resultado do primeiro turno”

partido e migraram para o PT, atraídos pelo magnetismo do governo Lula, mas esse número não é conhecido.

O mapa eleitoral é eloquente. O PT ficou atrás do PSDB, antigo adversário que acredita estar em extinção. Perdeu na única capital onde aparecia como favorito nas pesquisas, Teresina; ficou em quinto lugar em Manaus; em sexto em Belo Horizonte; e esvaiu-se no próprio berço, a região do ABC Paulista.

É uma disputa complexa, onde se misturam interesses individuais de oito dezenas de deputados federais, nove senadores e outros 507 congressistas, inclusive petistas, todos diretamente motivados porque a solidez da base municipal é chave para a reeleição federal. Mas o PT também continua magro no Congresso, com 13% dos votos no plenário.

Oito meses atrás, Lula provocou os petistas numa reunião em São Paulo: “A gente governava praticamente 22 milhões de brasileiros, e nós perdemos todas (*prefeituras*)... O que aconteceu? Onde foi o erro?”.

A burocracia dirigente do partido reconheceu a nova derrota, mas, em nota pública, atribuiu a culpa ao “cenário que mais uma vez favoreceu a eleição ou reeleição de candidatos das legendas da centro-direita e direita dominantes no Congresso”.

Ocorre que esse “cenário” eleitoral de vitória dos adversários pertence ao terceiro governo Lula e à quinta administração petista em duas décadas. Os principais vencedores, que somaram 40 milhões de votos, são partidos de centro (PSD, MDB e União Brasil), integram o governo e compõem a base parlamentar de Lula.

O resultado eleitoral apenas realça a crise do PT com o próprio futuro: o que fazer a partir de 2026, com ou sem Lula. Ele poderá tentar a reeleição ou decidir se aposentar dos palanques, aos 81 anos de idade, depois de quatro décadas no ofício de candidato petista permanente. É um drama do tipo cantado por Caetano Veloso na música de José Wilson e Fernando Mendes: “Agora / Que faço eu da vida sem você? / Você não me ensinou a te esquecer...”. ■



DOMINE O FATO. CONFIE NA FONTE.

10 grandes marcas Abril em uma única assinatura digital

A partir de **R\$9,90/mês.***



Acesse **assine.abril.com.br**
ou aponte a câmera do celular
para o código ao lado.



*Acesso ilimitado ao site e edições digitais de todos os títulos Abril, ao acervo completo de Veja e Quatro Rodas e todas as edições dos últimos 7 anos de Claudia, Superinteressante, VC S/A, Você RH e Veja Saúde, incluindo edições especiais e históricas. Acervos disponíveis a partir de dezembro de 2023. Pagamento único anual de R\$118,80, equivalente a R\$9,90/mês

BEBIDA FUNCIONAL ENRIQUECIDA COM SAÚDE E ENERGIA!

boa forma &



life
mix

Life Mix e Boa Forma se uniram para nutrir seu momento de saúde e bem-estar, oferecendo sucos e chás deliciosos, naturais, sem adição de açúcar e enriquecidos com nutrientes.



APROVEITE AGORA!



  /LifeMixOficial | lifemix.com.br

WNutritional 